

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**“VIDA E VIDA COM ABUNDÂNCIA” - TEOLOGIA DA  
PROSPERIDADE, SAGRADO E MERCADO:  
Um estudo de afinidade eletiva entre a TP, o Mercado e a Ética de  
Consumo na Igreja Universal do Reino de Deus**

**KLEBER FERNANDO RODRIGUES**

RECIFE

2002

**KLEBER FERNANDO RODRIGUES**

**“VIDA E VIDA COM ABUNDÂNCIA” - TEOLOGIA DA  
PROSPERIDADE, SAGRADO E MERCADO:  
Um estudo de afinidade eletiva entre a TP, o Mercado e a Ética de  
Consumo na Igreja Universal do Reino de Deus**

Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado em Sociologia da Universidade  
Federal de Pernambuco, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Sociologia.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes

RECIFE

2002

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**“VIDA E VIDA COM ABUNDÂNCIA” - TEOLOGIA DA  
PROSPERIDADE, SAGRADO E MERCADO:  
Um estudo de afinidade eletiva entre a TP, o Mercado e a Ética de  
Consumo na Igreja Universal do Reino de Deus**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes  
1º Examinador/Presidente

---

Prof. Dr. Paulo Donizéti Siepierski  
2º Examinador

---

Profª Drª Silke Weber  
3º Examinador

Recife, 06 de Dezembro de 2002.

# DEDICATÓRIA

## **Dedico**

A minha esposa Lúcia Miriam, maior incentivadora,  
companheira inseparável, linda mulher,  
auxiliadora idônea, amor da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por conceder-me o dom da vida e ter me sustentado em todos os momentos, suprindo-me de coragem para enfrentar desafios durante o decorrer da caminhada, estendendo sobre a minha existência sua destra fiel.

Aos meus pais, Metódio Rodrigues e Maria Fernandes Rodrigues que, sob a direção divina, conceberam-me e me educaram, projetando, em mim, crenças e valores permeados pela ética e dignidade. Cada um, do seu jeito peculiar, não me permitiu apenas olhar para as deficiências que a vida me imprimiu, mas olhar para possibilidades que eu poderia construir no percurso da minha existência, superando o obstáculo do preconceito que algumas vezes alguém interpôs na jornada da vida, acreditando e fazendo-me acreditar que é possível vencer.

Ao orientador, Prof<sup>o</sup> Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes, pelo apoio corajoso, pelas considerações fecundas e rigor salutar ao longo do trabalho.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Paulo Donizéti Siepierski, pela dedicação, paciência e sapiência com que me auxiliou no processo da pesquisa e pelas sugestões e apreciações no momento da defesa do projeto.

A tia Francisca, pelo carinho e amor despendido, a tia Rouxinol (In Memoriam), pela inteligência propiciada pela experiência com a vida e exemplo indelével de solidariedade.

Aos meus irmãos Klésio e Tiago, pelo apoio e incentivo silencioso, mas visível por meio de gestos e atitudes.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Joanildo Burity, pelas considerações relevantes no momento da defesa do projeto.

Aos professores e professoras do Mestrado, de quem pude ser agraciado com porção multiplicada de conhecimento que nutriram minhas inquietações e curiosidades epistemológicas no decorrer do curso.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nazareth Baudel, com quem mantive o primeiro contato no mestrado em Sociologia, pela sensibilidade e gentileza com que me recebeu, concedendo-me informações preciosas sobre determinados caminhos a trilhar.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silke Weier, pelo cuidado, zelo e dedicação para comigo em diferentes momentos do curso de mestrado, a quem devoto admiração e respeito pela competência, ética e sensibilidade humana.

Ao Prof. Mestre Robinson Cavalcanti, entusiasta e incentivador da pesquisa, figura humana singular.

Aos funcionários do Mestrado em Sociologia - Marina Tavares Ribeiro, Albenise, Zuleika Elias, Ceres e Tributino - e do Mestrado em Ciência Política - Zezinha - pela dedicação, presteza e aquiescência as minhas solicitações.

À Profª Drª Maria Eliete Santiago e à Profª Mestra Elisabeth Cassimiro pelo incentivo para que eu ingressasse no mestrado desde o momento da especialização.

Ao Profº Dr. Álder Júlio Ferreira Calado, pelo incentivo e relevantes considerações ao longo do trabalho, sempre sensível e acessível as nossas indagações.

À Profª Esp. Margarida Alexandrina e a Profª Mestra Ana Maria Barros, pela honrosa leitura dos primeiros escritos e pelo incentivo demonstrado, que, em momentos de dificuldades, serviram-me de alento e coragem para continuar.

Ao Profº Dr. Alexandre Magno, pela disposição em ler e tecer considerações pertinentes, que serviram de estímulo para prosseguir a caminhada.

Aos companheiros professores, funcionários e alunos do CEFET-PE Uned – Pesqueira – PE, pelo apoio e resolutivo incentivo para que eu continuasse em busca do conhecimento.

Ao Diretor, Pe. Everaldo Fernandes e aos companheiros professores, funcionários e alunos da FAFICA, que, desde o primeiro momento, demonstraram acreditar no êxito deste trabalho.

À Direção do CEFET – PE, pela disposição em incentivar a pesquisa e o aprimoramento técnico-científico do corpo docente, envidando esforços para, sempre que necessário, deferir o tempo suficiente para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

À Melânia, Maria José e Lúcia pela gentileza de informações administrativas preciosas junto ao CEFET – PE nos trâmites do processo de seleção para bolsa CAPES PICDTec.

A CAPES PICDTec, pela manutenção da bolsa de estudos conferida a mim, mediante processo seletivo durante o biênio setembro-2000/setembro-2002.

Aos queridos amigos Rosário Sá Barreto, Osvaldo, Francisco e Antônio, por disponibilizarem a sua casa para me receber, abrigando-me com todo conforto e segurança nos momentos tensos da seleção do mestrado, estendendo sobre a minha vida solidariedade e hospitalidade singulares.

Aos amigos Édson, Jônatas, Eduardo e José Bezerra, pela irrestrita colaboração e dedicação com que trataram meus limites e necessidades frente ao computador, sempre solícitos nas horas de dificuldades.

Aos amigos, Prof<sup>o</sup> Mestre Gilvano e Prof<sup>o</sup> Menelau, que procederam as correções e revisão textual do projeto de pesquisa.

Aos colegas do mestrado, turma 2000, com quem tive a grata satisfação de compartilhar o conhecimento e a convivência, embora de maneira efêmera, mas salutar para a minha aprendizagem.

À amiga Rosemeire Silva e ao amigo Rodrigo Gomes, pelo auxílio e colaboração no levantamento de alguns dados da nossa pesquisa.

Aos companheiros Delma Evaneide, Tânia Bazante, Luzinete Lemos, Neide Valones, José Adilson, Jorge Quintino, Edílson de Góes, Josué Eusébio, Antônio Cláudio, Roberto Benning que não se furtaram de ouvir os meus reclamos, esboçando palavras de incentivo durante o processo de construção deste trabalho.

A todos os pastores, obreiros, membros da IURD em Caruaru – PE, pela disposição em nos receber com toda gentileza no decorrer da pesquisa.

À Prof<sup>a</sup> Margaret, que, com competência e gentileza atendeu-me na preparação do abstract.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Remo Mützemberg pela gentileza com que disponibilizou alguns textos durante a pesquisa.

A todos que indiretamente estiveram esperançosos de que este trabalho pudesse chegar ao seu término e que, de alguma forma, acreditaram que era possível.

## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS**

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

TP – Teologia da Prosperidade

CCB – Congregação Cristã do Brasil

AD – Assembléia de Deus

IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular

IIGD – Igreja Internacional da Graça de Deus

ASSUEC – Associação Universal dos Empresários Cristãos

ABC – Associação Beneficente Cristã

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

FMI – Fundo Monetário Internacional

BIRD – Banco Mundial

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

# SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b>	
<b>AGRADECIMENTOS</b>	
<b>GLOSSÁRIO DE SIGLAS</b>	
<b>SUMÁRIO</b>	
<b>RESUMO</b>	
<b>ABSTRACT</b>	
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>18</b>
1.1 – Conceitos e Categorias de Análise: aproximações teóricas.....	19
1.1.1 – Centralidade da TP na IURD.....	23
1.1.2 – Conceito de “afinidade eletiva”.....	27
1.1.3 – Ideário neoliberal, mercado e ética de consumo.....	31
1.2 – Metodologia.....	39
1.2.1 – Descrição dos caminhos trilhados.....	41
1.2.2 – Campo de pesquisa.....	44
1.2.3 – Sujeitos da pesquisa.....	45
<b>CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE DE CONSUMO E A SACRALIZAÇÃO DO MERCADO.....</b>	<b>48</b>
2.1 – Igreja Universal do Reino de Deus: sua trajetória e escatologia.....	49
2.1.1 – IURD e sua localização escatológica.....	59
2.2 - Pós-Milenarismo: IURD e uma ascese intramundana..	62
2.3 - Pré e Pós-Milenarismo: uma relação pendular.....	69
2.4 - O Sagrado como referencial de troca no espaço religioso iurdiano.....	72
<b>CAPÍTULO 3 – TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E MERCADO.....</b>	<b>85</b>
3.1 - Vida, e vida com abundância.....	88
3.1.1 – Dinheiro: “ferramenta sagrada”.....	106
3.1.2 – Imperativo Sagrado: “ser sócio de Deus”.....	109
3.2 - Fé com Inteligência: o livre arbítrio entre uma vida miserável ou abundante.....	111
3.3 - TP: messianismo polissêmico.....	114
3.4 - A ASSUEC e o discurso empresarial iurdiano.....	140
3.4.1 – ASSUEC e a teologia da Prosperidade.....	143
3.5 - Entre o púlpito, o palanque e o mercado: ambivalências do discurso clerical na IURD.....	146
3.5.1 – O discurso social iurdiano.....	148
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>163</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>170</b>

## RESUMO

A pesquisa sobre a teologia da prosperidade no âmbito da Igreja Universal do Reino de Deus inscreve-se nas discussões e debates sobre as insurgências e ressurgências de formas religiosas no contexto social e histórico brasileiro. O último quartel do século XX e início do século XXI foi tomado por uma efervescente (re)construção de valores religiosos que impellem a sociologia a (re)discutir o fenômeno religioso a partir de novos paradigmas doutrinários que colocaram em xeque modelos e formas antigas de religiosidade no campo evangélico, com o surgimento da Igreja Universal, representante da teologia da prosperidade, reconfigurada à realidade sócio-histórica brasileira. O objetivo geral do trabalho é identificar possíveis “afinidades eletivas” entre a TP, o sagrado e o mercado, dentro da perspectiva da cultura para o consumo. Estuda a localização escatológica da IURD dentre as igrejas evangélicas brasileiras, a fim de explicar a inserção, o crescimento e a visibilidade sócio-religiosa e política dessa Igreja na sociedade brasileira. Identifica a existência de uma trilogia discursiva que circula na IURD, exemplificada pelo discurso religioso ancorado em sua escolha teológica, um discurso empresarial e um discurso social, que apresentam ambivalências entre si, mas propiciam interconexões em meio à polissemia construída pela TP no espaço religioso iurdiano. Por fim, analisa a confluência ativa entre idéias teológicas e idéias que circulam na sociedade de consumo, ancoradas no mercado, além de apresentar características sócio-políticas prenunciadas pela IURD para desencadear, com maior celeridade, sua ascensão, com vistas futuras à ampliação de poder em diferentes esferas da vida política nacional.

## ABSTRACT

This research on the theology of prosperity inside the Universal Church of the God's Kingdom presents discussions and debates on insurrections of the religious in the Brazilian social and historical context. The end of the 20th century and the beginning of the 21st century. This period has been marked by an effervescent reconstruction of religious values which impelled Sociology to rediscuss the religious phenomenon from new doctrinal paradigms which put aside old models and forms of religiosity in the evangelical field with the foundation of the Universal Church that intends to defend the theology of prosperity adapted to the Brazilian socio-historical reality. The general purpose of this work is to identify possible "elective affinities", among TP, the sacred and the market in the cultural perspective for consumption. It studies the eschatologic location of UCGK among the Brazilian evangelical churches in order to explain the socio-religious and political insertion, growth and visibility of the Universal Church. It identifies a discursive trilogy in the UCGK represented by the religious discourse of its theology, two other kinds of speech that show ambivalences among them – the managerial and social – but also have interconnections due to several meanings that TP presents in the UCGK religious space. It also analyzes the interaction between theological ideas and other ideas of the consumption society, and presents socio-political characteristics put forward by Universal Church to allow a faster ascension aiming at an expansion of power in different parts of the national political life.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, tem-se constatado um crescente interesse pelos fenômenos religiosos, transformados em objetos de pesquisas, análises e observações por diferentes segmentos das ciências sociais. Desde o último quartel do século XX, tem-se registrado a expansão vigorosa de múltiplas expressões religiosas de diferentes matizes, mesmo quando se tem verificado de forma manifesta, “a onipresença do signo e do simulacro, do vídeo e da hipercomunicação e da planetarização do capitalismo” (Rouanet,1987). No entanto, simultaneamente às mutações vivenciadas no espaço da sociedade capitalista contemporânea, os fenômenos da religião se renovam, reestruturam-se, reconfiguram-se a fim de atenderem demandas sociais e se manterem no disputado lócus do mercado religioso.

Os eventos religiosos de diferentes concepções doutrinárias têm resistido às mais complexas transformações que a realidade sócio-histórica tem sido capaz de registrar na contemporaneidade. Diante disso, de forma obstinada, as multifacetadas formas religiosas têm ocupado os mais diferentes espaços no âmbito da sociedade, derribando fronteiras, interagindo nos diversos campos da existência humana, pois se constata que o cotidiano das pessoas, em circunstâncias e contextos históricos diversos, tem sido revisitado por diferentes formas de inserção do sagrado, produzindo insurgências e ressurgências no campo da sacralidade.

A religião é extremamente poderosa, dotada de potência ainda não completamente desvelada, mas que interage por meio das ações dos indivíduos nos diferentes setores da existência humana. No entanto, ao mesmo tempo em que influencia e seduz, é também enredada, influenciada e seduzida pela dinâmica das

metamorfoses sócio-históricas que se processam em meio à realidade (re)construída pelos homens no percurso das suas existências.

Entendemos que a religiosidade, em todo o seu sentido e significado produzido por meio das ações dos indivíduos e em contextos históricos específicos, é suficientemente capaz de produzir e exercer maior poder do que os elementos que constituem as esferas econômica, política e bélica, pois, diante de determinadas atitudes de poder, praticadas por indivíduos isolados, em pequenos ou grandes grupos sociais, revela que a ação do indivíduo em atos de auto-imolação e doação da vida com finalidade belicosa, um exemplo é o “11 de Setembro”, motivado em prioridade pela força da fé, por meio do conduto da religiosidade e da sacralidade. Não obstante, os demais aspectos existenciais que formatam a vida humana tenham seu valor e sejam adicionados à religiosidade, compreendemos que o poder sacral, em **circunstâncias específicas**, pode se transformar em uma força e poder maior para impulsionar ações humanas. Isso porque a religião é

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através das formulações de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 1989:104-105).

Dessa forma, empreendemos as análises sobre a teologia da prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus, tendo em vista que essa Igreja tem se projetado no cenário religioso evangélico brasileiro como uma das que mais tem crescido a partir da década de 1980, atingindo a cifra de 2 milhões de membros (Censo IBGE, 2000). Além disso, a IURD interage com diferentes setores da sociedade, com destaque para as ações no campo midiático e político, mas também começa a se posicionar socialmente de forma mais explícita através do seu discurso social e por intermédio da materialização de programas sociais, como os operacionalizados pela ABC (Associação Beneficente Cristã) e o Projeto da Fazenda Nova Canaã que se propõe a contribuir para a superação da seca no Nordeste brasileiro.

Fomos impulsionados a estudar a IURD por entendermos que a importância do estudo dessa Igreja e da sua teologia se configura pela sua inserção em diferentes segmentos sociais, por intermédio do conteúdo do discurso proferido pelos seus clérigos, pela sua capacidade de (re)construir seu discurso a fim de atender as demandas sociais de diferentes pessoas que adentram os inúmeros templos espalhados pelo país. E, ainda, pela capacidade de (re)adaptar-se, de maneira criativa e versátil, às mudanças políticas, econômicas e sociais em processo, possibilitando, assim, chamar a atenção de um número cada vez maior de pessoas, consolidando sua visibilidade e auferindo possibilidades de continuar de forma célere a sua expansão.

Dessa forma, desenvolvemos um estudo de “afinidades eletivas” (Weber, 1999) entre a teologia da prosperidade, marco doutrinário da IURD, com idéias que perpassam a sociedade capitalista contemporânea, destacando o mercado e a cultura de consumo, dialogando entre si por meio do discurso dos profetas da religião.

A realização do presente trabalho contribui com as discussões, pesquisas e análises que estão em curso sobre os eventos religiosos, abordando o crescimento, a inserção e a visibilidade da IURD no Brasil. Dessa forma, encaminhamos o nosso estudo dentro da perspectiva de análise fundamentada na escolha escatológica e teológica encampada por essa Igreja, contextualizada e interrelacionada no tempo e no espaço com as mutações sócio-históricas que se processaram no final do século XX e continuam a se processar no alvorecer do século XXI.

Desejamos, a partir deste estudo, poder contribuir para a ampliação de possibilidades em avançarmos na compreensão interpretativa do magnífico e multifacetado campo das construções religiosas, exemplificado em nossa pesquisa pela Igreja Universal e sua teologia, pois “se existe alguma coisa permanente em ciência é a

provisoriamente de seus resultados, ou a perenidade do questionamento” (Demo, 1997:18).

O presente trabalho se encontra estruturado em uma introdução, três capítulos e uma conclusão. No primeiro, são definidos os conceitos e discutidas as categorias de análises da nossa pesquisa dentro do espectro da “sociologia compreensiva” (Weber, 1974), além da descrição dos caminhos trilhados para alcançarmos o nosso intento, ancorada na nossa escolha metodológica, fincada na análise qualitativa.

No segundo capítulo, são estudadas a sociedade de consumo e a sacralização do mercado, além de ser localizada doutrinariamente a IURD e discutido o significado do sagrado entre os iurdianos, em que se constrói, por intermédio do discurso pastoral, uma relação de permuta religiosa entre o converso e o sagrado.

O terceiro capítulo é dedicado a analisar as relações, interconexões e “afinidades eletivas” entre a TP, o sagrado e o mercado, por meio dos vasos comunicantes do discurso de bispos e pastores iurdianos. Além disso, aborda-se a trilogia discursiva que circula na IURD, exemplificada pelo discurso social, político e empresarial que essa denominação religiosa (re)constrói sob os auspícios da sua teologia ricamente polissêmica, que conclama a todos que a vida deve ser vivida de forma abençoada, regalada e próspera.

Finalmente, na conclusão, abordamos as interrelações entre a TP o sagrado e o mercado, pontuando as aproximações, afinidades e ambivalências em que se estruturam o discurso clerical iurdiano com o ideário que norteia o mercado e a ética de consumo em plena sociedade capitalista contemporânea. Empreendemos, ainda, uma análise do potencial sócio-político que a IURD pode conquistar no futuro, tendo em vista a sua capacidade de aglutinação social em torno da sua proposta teológica, a

TP. Essa, mediante a ação discursiva dos clérigos iurdianos, pode sofrer infindáveis (re)elaborações e (re)adaptações em meio às metamorfoses sócio-históricas, objetivando atender as multifacetadas demandas sociais em processo, no competitivo campo religioso brasileiro.

## **CAPÍTULO 1 – MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

## 1.1 – Conceitos e Categorias de Análise: aproximações teóricas

Neste capítulo, propomo-nos a discorrer sobre as categorias, conceitos e caminhos percorridos no nosso trabalho. Para tanto, valemo-nos de algumas análises sobre a TP<sup>1</sup>, posse, “afinidades eletivas”, ideário neoliberal, mercado e cultura de consumo, visando a interpretar compreensivelmente algumas dimensões dessas categorias e conceitos na realidade particular do conteúdo discursivo do nosso objeto de estudo – a Igreja Universal do Reino de Deus. Para tanto, basear-nos-emos no espectro da tradição weberiana, denominada sociologia compreensiva, uma vez que “à sociologia não consiste em apenas encontrar leis gerais do comportamento social dos homens, mas, também e fundamentalmente, em apreendê-lo compreensivelmente” (Weber, 1974:9-13).

---

<sup>1</sup> Tomamos emprestado o conceito sobre **teologia da prosperidade** em Mariano (1999:151, 158-159): “Chamamos de teologia da prosperidade o que nos EUA, local de sua origem, além desse nome, é rotulado por seus críticos de Health and Wealth Gospel, Faith Movement, Faith Prosperity Doctrines, Positive Confession entre outros. Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs. [...] A teologia da prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso, e poder terrenos [...] promete saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o diabo, vitória sobre todo e qualquer sofrimento, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida” [Essas são consideradas as marcas das bênçãos do Senhor sobre a vida do crente]. Campos, citando Edir Macedo (1997:367-378) afirma “à teologia iurdiana garante que ‘Deus não se contenta com o fato de seus filhos serem pobres e necessitados.’ Eles são ‘filhos ricos de um Pai rico’, e conclui: ‘O homem foi colocado na terra para viver em abundância, sobre a fartura e a prosperidade...’”

Entendemos que a análise do fenômeno religioso estudado passa, necessariamente, pela interpretação e compreensão de sentidos, significados e valores construídos na interação social e religiosa, contextualizada no tempo e sintonizada com as metamorfoses sócio-históricas que estão em processo. Isso por considerarmos que

a ciência weberiana se define, assim como um esforço destinado a compreender e a explicar os valores aos quais os homens aderiram [e que] a conduta dos homens nas diversas sociedades só pode ser compreendida dentro do quadro da concepção geral que esses homens tem da existência. Os dogmas religiosos, e sua interpretação, são partes integrantes dessa visão do mundo; é preciso entendê-los para compreender a conduta dos indivíduos e dos grupos (Aron, 1997:470,491).

Diante das questões relativas à sociologia da religião na contemporaneidade e do campo específico de nossas análises, representado pela IURD, considerada uma denominação pós-pentecostal (Siepierski, 1999)<sup>2</sup>, e observando os reordenamentos ocasionados a partir da chegada dessa Igreja ao cenário religioso brasileiro, refletimos sobre as insurgências e/ou ressurgências religiosas que, em processo, continuam a se desenhar no Brasil. Resta-nos, contudo, contextualizar a trajetória da IURD interligada a uma sociedade que passa por profundas transformações econômicas, políticas e ideológicas, caracterizadas pelos ditames da sociedade informacional ou pós-industrial, pois entendemos que esse fenômeno

---

<sup>2</sup> Segundo Campos (1997:51), “No Brasil, o sub-campo religioso pentecostal pode ser classificado de várias maneiras, dependendo do critério adotado pelo analista. Assim, encontramos referências a um ‘pentecostalismo clássico’, cujos representantes principais são a Igreja Assembléia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil; um pentecostalismo de ‘segunda onda’, para Paul Freston, de ‘cura divina’ para Mendonça (1989), formado pelas igrejas ‘O Brasil para Cristo’, ‘Deus é Amor’, e ‘Evangelho Quadrangular’. No extremo da escala, encontramos a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Nacional Palavra da Fé e outras, todas consideradas, no modelo de Freston, pentecostalismo de ‘terceira onda’, ‘pentecostalismo autônomo’, pelo grupo do CEDI, ou ‘neopentecostalismo’, segundo Mendonça (1994) e Mariano (1995).” Siepierski contribui com os debates sobre tipologias denominando, as igrejas da suposta “terceira onda” de igrejas “pós -pentecostais”. Não pretendemos, no nosso trabalho, abordar tipologias, no entanto, constata-se que nesse terreno não há consenso. No entanto estamos utilizando a tipologia pós-pentecostalismo por entendermos que se adapta de forma mais ampla às mudanças escatológicas, teológicas, doutrinárias que estão em processo na IURD, tendo em vista que essa denominação religiosa se diferencia profundamente daquelas nominadas no campo do pentecostalismo clássico e neoclássico. Assinalamos, ainda, que não concordamos com a divisão do pentecostalismo em “três ondas”, mesmo porque não há diferenças profundas entre as igrejas de “primeira e segunda ondas” quanto à sua escatologia e à pneumatologia, tema que procuramos justificar no corpo do trabalho.

religioso não está dissociado do contexto das metamorfoses sociais e históricas que são delineadas pela ação dos indivíduos, mas é parte importante e intrínseca das transformações que estão em contínuo.

A sociedade capitalista contemporânea, também denominada sociedade informacional ou pós-industrial, sofreu profundas mutações estruturais e conjunturais a partir do pós-guerra. Essas transformações resultaram do fato de que essa sociedade se apropriou dos avanços tecnocientíficos que se desencadearam a partir do período citado, passando a utilizar todo arsenal das “mass media”, da bioengenharia, da biotecnologia, da robótica, da internet, com a finalidade, entre outras, de ampliar o consumo, expandir as conquistas científicas e, em consequência, ampliar os mercados em esfera “local, regional e global” (Ianni, 1998).

A sociedade capitalista, na atualidade, é ávida por usufruir, de forma contumaz, informação; é seduzida por uma ética de consumo que caracteriza hedonismo. Porém, diante da volúpia pelo consumo, esta sociedade, paradoxalmente, em meio às contradições do capitalismo contemporâneo, exclui milhões de indivíduos, em todo o planeta (PNUD, 2000), do acesso aos bens que oferece. Esse é o cenário sócio-histórico em que se inserem as insurgências e ressurgências religiosas no Brasil e, nesse quadro, a IURD, por intermédio da sua teologia, figura como elemento indispensável na compreensão das metamorfoses religiosas observadas na contemporaneidade brasileira.

Dessa maneira, compreendemos que a tradição weberiana, mediante a sociologia compreensiva – ‘verstehen’ (Weber, 1974:9-13), nos concede substantiva fundamentação teórica para apreendermos e interpretarmos o nosso objeto de estudo sem, contudo, nos afastarmos do contexto concreto de uma situação histórico-social em que ele está inserido, pois “toda sociedade humana é um empreendimento de

construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento” (Berger 1985:15).

O amparo teórico citado nos impulsionou na busca de compreensão da visão dos sacerdotes da religião, através da análise de peças escritas e verbalizadas por aqueles denominados os formadores de opinião na IURD – bispos e pastores.

Optando por verticalizar a nossa pesquisa, empreendemos a interpretação compreensiva do conteúdo do discurso religioso de bispos e pastores iurdianos, a fim de apreendermos possíveis significados e “visões de mundo” (Eagleton, 1997:39), que podem se processar entre o laicato dessa denominação religiosa, através do manuseio e operacionalização do conteúdo do discurso da TP, proferido por meio dos profetas da religião.

Nesse percurso, procuramos analisar interpretativamente possíveis reciprocidades entre alguns elementos constitutivos do ideário neoliberal – entre esses, principalmente o mercado, que fundamenta a ética para o consumo – a fim de analisar correspondências possíveis com convicções religiosas no espaço sacral iurdiano, embasadas na teologia da prosperidade, objetivando desvelar possíveis “afinidades eletivas” e diálogos entre idéias que circulam no campo da economia e da religião.

A sociologia compreensiva nos permite e concede referenciais para a análise do nosso objeto de estudo bem como da sua teologia em uma perspectiva de interação, interconexão não causal e diálogo com possíveis permutas de idéias religiosas e econômicas em meio aos contextos ou transformações sócio-históricas em curso, tomando como base a interpretação, a não-absolutização ou determinismo de um aspecto analisado sobre o outro. Isso nos permite estabelecer a dialogicidade entre os conteúdos discursivos analisados que, ainda que possuam sinais de ambivalências

entre si, possam contribuir para a produção científica, permitindo-nos chegar aos objetivos a que nos propomos.

### **1.1.1 – Centralidade da TP na IURD**

Consideramos a TP como um dos elementos fundamentais para a análise e compreensão da Igreja Universal. Isso se deve ao fato de que diferentes formas do discurso religioso proferido por essa Igreja remetem, em parte, aos conceitos basilares de conquista de riquezas, usufruto de bens de consumo, apropriação da propriedade privada, estímulo ao empreendedorismo em plena sociedade capitalista. Justifica, então, tanto as vitórias espirituais quanto materiais como decorrências da ação de Deus na vida do converso, legitimando, assim, a sua teodicéia.<sup>3</sup>

Essa teologia não é autóctone – criada em terras brasileiras, pois fora sistematizada nos Estados Unidos da América, na década de 1940, e importada para o Brasil na década de 1970. Contudo, embora não seja autenticamente brasileira, não podemos afirmar que um dos seus elementos constitutivos e definidores – o ser próspero – deixou de existir nas mais remotas formas e características religiosas aqui implantadas, porque, antes mesmo de ser sistematizada nos moldes estadunidenses, encontramos, no catolicismo de missão e popular desde o período colonial, nos cultos

---

<sup>3</sup> Estamos utilizando o termo teodicéia, tendo em vista que aborda a justiça de Deus no plano teológico, os atributos de Deus e a sua existência. Weber distingue quatro tipos racionais de teodicéia: 1) A promessa de compensação neste mundo; 2) A promessa de compensação no além; 3) O dualismo; 4) A doutrina do Karma (Weber apud Berger, 1985:66). Em nosso estudo, nos detemos na análise desse conceito, compreendendo os itens 1 e 2, a fim de interpretarmos esses aspectos interagindo no conteúdo do discurso dos clérigos iurdianos mediante a teologia da prosperidade.

de origem africana ou nas diferentes formas religiosas contemporâneas, o germe da prosperidade, entendido como resolução de problemas de toda ordem.

Diante dessa constatação, não nos permitimos realizar uma transliteração ou transposição acrítica da TP originária dos Estados Unidos da América para a realidade religiosa brasileira e, em sentido estrito no nosso trabalho representada pela IURD, sem tomar como exemplo a nossa história religiosa, desde a colonização portuguesa até os nossos dias. Isso por entendermos que o ideal de prosperidade como significado de resolução de problemas dos mais variados tipos e formas, antes de ser sistematizado ou teologizado nos moldes norte-americanos, a partir da década de 1940 e chegando ao Brasil nos anos 1970, existiu e existe de maneira multifacetada, diferenciada, adaptada e reconfigurada, em diferentes contextos do vasto campo religioso brasileiro<sup>4</sup>.

Tem-se dado o nome de “teologia da prosperidade” a um conjunto de crenças e afirmações, surgidas nos Estados Unidos, que afirma ser legítimo ao crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para sua vida material ou simplesmente progredir (Campos, 1997:363).

A teologia da prosperidade baseia-se “nas crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé” (Mariano, 1999:151). Tais pressupostos estão presentes na mensagem religiosa, especialmente o tema “ser próspero”. Esse, de forma recorrente e em momentos diversos, é enfatizado pelos clérigos, através da mensagem falada em diferentes cultos e, por excelência, nas segundas-feiras, dia específico da “corrente da prosperidade”, também denominada “corrente da vida regalada”, “corrente das almas aflitas” ou simplesmente “culto dos empresários”. A TP é também enfatizada em

---

<sup>4</sup> Ver Luiz Mott (1997:155-220) que procura retratar atitudes e comportamentos religiosos no período colonial, demonstrando que indivíduos de diferentes estratos sociais buscavam, em diferentes formas e meios religiosos, solucionar problemas, buscando superar problemas financeiros, de saúde, e que remete a um conceito de busca por prosperidade, de uma prosperidade adaptada a um contexto histórico do Brasil em seu estágio colonial.

diferentes pregações e testemunhos veiculados através dos programas de rádio, na TV Record e divulgado mediante a Folha Universal nas seções “palavra do bispo” e “milagres da fé”, ou por intermédio de publicação de livros específicos sobre o assunto, marcando de maneira expressiva o discurso religioso da Universal .

A prosperidade na concepção iurdiana é um direito do crente, pois “ser cristão é ser filho de Deus e co-herdeiro de Jesus: dono, por herança, de todas as coisas que existem na face da terra” (Edir Macedo, 2001:17,25). Na visão dos clérigos iurdianos, o converso necessita confessar, decretar e determinar a posse de todas as bênçãos prometidas pelo Senhor aos seus servos nesta Terra.

Compreendemos que a categoria prosperidade está dialogicamente relacionada com o conceito de posse, baseado no pensamento dos defensores da Confissão Positiva, movimento que surgiu na primeira metade da década de 1940 nos EUA. “Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, o movimento da Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países” (Mariano, 1995:149).

Logo, a idéia de posse está associado às “leis da prosperidade” de Kenneth Copeland, discípulo de Kenneth Hagin, em que se estimula o converso a confessar, decretar e determinar a posse de bênçãos espirituais e materiais, por intermédio do “princípio da reciprocidade” (Idem., 1995:149), em que se estabelece uma relação simbólica e real de permuta entre a criatura e o Criador, entre o fiel e o Sagrado, no espaço religioso da IURD. “Posse” é um significante presente no discurso de clérigos iurdianos que remete à Confissão Positiva, pois a apropriação dessa terminologia torna-se recorrente nas análises de conteúdo da produção discursiva de pastores e bispos, adaptada ao cenário religioso iurdiano. Como por exemplo:

É comum ouvirmos os pregadores da prosperidade afirmarem que Deus quer que seus filhos comam a melhor comida, vistam as melhores roupas, dirijam os melhores carros, e

tenham o melhor de todas as coisas. Hagin diz que Jesus dirigia um Cadillac, se estivesse desempenhando seu ministério messiânico nos dias atuais (Pieratt, 1995:60).

No nosso entender, o tema da prosperidade transcende as questões meramente espirituais, psicológicas, simbólicas da existência humana. A idéia de posse enuncia não apenas uma projeção psicológica, imaginária, enredada pela magia do sonho de consumo em uma sociedade marcada pelo desejo de fruição de bens de diferentes caracteres. O enunciado prosperidade associado ao significante “posse” estão fortemente ligados a questões concretas dos indivíduos na esfera material, aplicada a contextos sócio-históricos específicos e vinculados ao usufruto real de bens não apenas simbólicos mas concretos, materializados, produzidos na sociedade capitalista, expressando a “detenção de bens em vista da sua fruição” (Gomes, 1994:230).

A idéia de posse se aproxima de um conceito de materialidade daquilo que se almeja e que de antemão é considerado pelo converso como “direito seu” (Edir Macedo, 2001:12). O tema “posse”, como discurso religioso que circula na IURD, apresenta-se dentro de uma perspectiva etérea, metafísica, em que predomina uma relação com o transcendente; relação espiritual. No entanto, essa relação revela e coloca à mostra toda a capacidade de desejar a apropriação da “herança de Deus” por meio da obtenção, usufruto e controle de bens materiais, de coisas palpáveis que expressem socialmente ascensão, enriquecimento, prosperidade e, acima de tudo, deseja-se a fruição desses bens exemplificados como uma resposta evidente ao apelo, à fidelidade, ao sacrifício e à hereditariedade do converso para com o Divino através de Jesus.

Nesse aspecto, existem possibilidades de que a TP possa desempenhar diferentes funções na sociedade capitalista brasileira, inclusive a de projetar, por

intermédio da ação discursiva pastoral, entre os seus adeptos, a idéia de inserção ou relação de identificação com uma determinada classe que lhes possa suprir de referenciais de poder, “status” e prestígio entre aqueles que a utilizam como concepção religiosa transformada em “visão de mundo”. Em relação a isso, André Corten afirma que

a teologia da prosperidade, marcada por influências gnósticas, é também marcada por valores culturais do materialismo americano. [...] Por essa maneira de seguir em tudo a moda americana. Mas é possível que a teologia da prosperidade tenha uma função específica na sociedade brasileira: fornecer um meio para as classes médias pentecostais atribuírem-se uma identidade (1996:146).

A TP produz, via discurso de pastores e bispos, uma projeção identitária com valores que remetem a determinados estratos sociais, estabelecendo possibilidades de o converso iurdiano projetar desejos de identificação com segmentos sociais que podem servir de referência ou modelo de conquista e ascensão social. Dessa forma, concede uma relação e sentido de existência e inclusão social, de valorização e de auto-estima como cidadão contextualizado em uma sociedade eivada pelas relações de competitividade, concorrência e desejo de obter riquezas com vistas a sua ascensão na escala social, estimulando um diálogo com idéias que perpassam a sociedade capitalista.

### **1.1.2 – Conceito de “afinidade eletiva”**

Para o estabelecimento de uma análise compreensiva da TP como formação doutrinária e do seu possível diálogo com a ética de consumo em uma sociedade marcada pelos apelos do mercado, utilizamos a categoria weberiana de “afinidades eletivas”. Isso se justifica pela proximidade e relevância desse conceito na

sociologia da religião, a fim de apreendermos as aproximações dialógicas entre o conteúdo discursivo da TP e aquele que circula na sociedade capitalista contemporânea, marcada pela ética de consumo.

Procuramos, assim, interpretar em que aspectos um discurso religioso se encaixa, desencaixa-se, reencaixa-se dentro de uma lógica e ética para o consumo, porque o conceito de “afinidades eletivas” (Weber, 1999:25) nos concede consistência epistemológica ao estudo das possíveis relações entre o conteúdo do discurso de pastores e bispos na IURD por meio da TP e o ideário do mercado que perpassa a sociedade capitalista contemporânea, pois,

em face do enorme embaralhamento de influências recíprocas entre bases materiais, formas de organizações sociais e políticas, contexto espiritual das épocas da reforma, somos obrigados a pesquisar, de início, se algumas “afinidades eletivas” (‘Wahlverwandschaften’) são perceptíveis entre as formas de crença religiosa e as da ética profissional. Ao mesmo tempo é preciso elucidar, na medida do possível, de que modo e em que direção o movimento religioso, em consequência de suas afinidades eletivas, influenciou o desenvolvimento da cultura material (Weber, 1999:25).

Ao utilizarmos essa categoria weberiana e ao imputar-lhe uma significativa referência para o que empreendemos no nosso trabalho, queremos explicar que não a utilizamos dentro de uma perspectiva teórica de causalção, unilateralidade ou de “determinismo metodológico”, entre o fenômeno religioso iurdiano, fundamentado pelo discurso da teologia da prosperidade, e o mercado perpassado pela ideologia neoliberal. Dessa forma, não estudamos a TP, o mercado e a ética de consumo, como se o fenômeno religioso iurdiano, através da sua escolha teológica, pudesse determinar ou causar as condições éticas para o desenvolvimento da cultura material do modelo econômico que está em vigor no Brasil e em grande parte dos países do mundo – o capitalismo contemporâneo, assentado no ideário neoliberal.

Propomo-nos a analisar possíveis relações dialógicas entre o conteúdo do discurso de pastores e bispos iurdianos e testemunhos de fiéis da Igreja Universal,

com o discurso produzido pelo mercado. Entre esses, destacamos a possibilidade dialogal entre TP, mercado e ética de consumo na IURD, tendo como escopo a sacralidade dessas categorias de análise na construção teológica, escatológica, defendida por essa Igreja em meio ao contexto sócio-histórico brasileiro.

Utilizamos o conceito de “afinidade eletiva” porque nos possibilitou apreender e compreender, por meio da ação discursiva do clero iurdiano, possíveis aproximações, intercâmbios, diálogos entre o conteúdo do discurso sacerdotal e o da sociedade de consumo: aquele, ancorado pela teologia da prosperidade; este, fundamentado no ideário neoliberal que elege o mercado como um dos seus mais importantes elementos constitutivos. Enfatizamos, contudo, a pertinência no nosso trabalho dessa categoria weberiana, pois, como afirma Michel Löwy,

designamos por ‘afinidade eletiva’, um tipo particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, não redutível à determinação causal direta ou à influência no sentido tradicional. Trata-se, a partir de uma certa analogia estrutural, de um movimento de convergência, de atração recíproca, de confluência ativa, como instrumento interdisciplinar, que permita enriquecer, nuançar e tornar mais dinâmica a análise das relações entre fenômenos econômicos, políticos, religiosos e culturais (1989:13).

Ao estudarmos a TP, o mercado e a ética de consumo, dentro de um recorte sociológico da ideologia, a partir do conteúdo discursivo dos profetas da religião via Igreja Universal, identificamos idéias que circulam no campo religioso e econômico, respectivamente e que, produzidas em terrenos diferentes, se permitem dialogar por intermédio da ação discursiva de pastores e bispos. Assim, podem interagir, sem se perceberem interagindo, estabelecendo, a partir da dialogicidade, uma possível reciprocidade não determinista, mas uma confluência ativa entre o conteúdo do discurso religioso proferido pelo clero dessa Igreja e aspectos específicos das idéias que norteiam o mercado e a sociedade de consumo.

Ao analisarmos o contexto sócio-histórico em que se desenvolveu e tem se desenvolvido a IURD, desde a segunda metade da década de 1970, temos a possibilidade de visualizar mudanças sociais, políticas, econômicas e ideológicas que se desencadearam em paralelo à gênese, formação e crescimento do pós-pentecostalismo (Siepierski, 1999) no Brasil, representado, primeiramente, pela Igreja Universal.

Diante disso, acompanhando essas mutações sócio-históricas em âmbito nacional e internacional, verificamos que se iniciava, em alguns países do mundo – Chile, Inglaterra, Estados Unidos –, o proselitismo de um conjunto de idéias econômicas denominadas “neoliberalismo” (Sader e Gentilli, 1995). E, na esteira das mudanças políticas internacionais vivenciadas entre 1989 e 1991, respectivamente, a queda do muro de Berlim e o esfacelamento da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), colocavam-se em xeque paradigmas socialistas e sistemas econômicos, políticos e culturais influenciados pela idéia de dirigismo econômico, representado por modelos socioeconômicos europeus ocidentais do pós-guerra, denominado *welfare state* ou *estado de bem-estar*. Estabelecia-se uma tensão e uma crise paradigmática das referências do “socialismo realmente existente” (Hobsbawn 1995:482), culminando com a ascensão e disseminação das idéias neoliberais, que passaram a figurar como arcabouço teórico e filosófico do capitalismo atual, a partir do último quartel do século XX, demonstrando-se até os nossos dias, ainda, como um ideário hegemônico.

Analisar possíveis reciprocidades, “afinidades eletivas” (Weber, 1999:25) entre idéias religiosas e econômicas é um dos nossos objetivos neste trabalho, em especial, idéias sacrais, representadas pela TP, e idéias econômicas que

remetem ao conceito de mercado e ética para o consumo, tomando como pressuposto o contexto e a realidade socialmente construída pelos indivíduos na contemporaneidade.

### **1.1.3 – Ideário Neoliberal, Mercado e Ética de Consumo**

Compreendemos que o neoliberalismo é um conjunto de idéias econômicas que influenciam teoricamente a condução de políticas de expansão dos mercados em vários países do mundo. **O neoliberalismo é, no nosso entendimento, um constructo teórico, um conjunto de idéias, um ideário, que respalda ideologicamente determinadas políticas públicas e relações econômicas que se desenvolvem nas sociedades capitalistas contemporâneas, nominando nessa teoria seus mais preciosos matizes: o mercado, o consumo, a propriedade privada, a não-intervenção do Estado na economia, o individualismo e a expansão do capitalismo.** Essa doutrina diferencia-se do liberalismo clássico quanto à circulação internacional de bens e capitais; forma blocos econômicos, facilitando a circulação da produção e transformando cidadãos em consumidores através dos vasos comunicantes do mercado.

Embora haja diferentes concepções sobre o termo neoliberalismo, **estamos, no nosso trabalho, definindo-o como uma conjugação de idéias, uma teoria que confere sustentabilidade ideológica ao discurso do capitalismo na contemporaneidade e, no nosso entender, o núcleo catalisador dessa teoria e discurso econômico é o mercado, na construção de um consenso em torno de uma ética para o consumo.** A respeito disso, Comblin, um dos críticos e analistas desse ideário, faz a seguinte consideração:

O neoliberalismo pode ser considerado como teoria econômica, como utopia, como ética ou como filosofia do ser humano. Na realidade, é uma filosofia que se apresenta como teoria econômica, com todo o valor científico que o mundo atual costuma atribuir à economia. É uma utopia, mas que pretende estar fundamentada na ciência pura. Desta maneira pretende dar uma visão completa do ser humano, inclusive uma ética (1999:15).

A partir dos autores estudados, procuramos construir uma definição sobre ideário neoliberal, que pudesse ser utilizada na análise do nosso objeto de pesquisa, uma vez que se torna difícil evidenciar com clareza as nuances e contornos desse ideário, tendo em vista que

isso decorre de várias razões, entre elas, o fato, por exemplo, do mesmo não possuir um corpo teórico próprio, original e coerente que lhe imprima uma feição única de teoria explicativa. Ao contrário, paralela à fundamental adoção de um conjunto de teses liberais, tal movimento tem incorporado muitas formulações de outras correntes políticas, como o conservadorismo e mesmo a social democracia, inclusive apropriando-se de propostas até então reconhecidamente vinculadas a esses setores (Silva, 1999:39).

Para Göran Therborn (1995:139), o neoliberalismo constitui, apenas, “*um conjunto particular de receitas econômicas e programas políticos*”, que não possui robustez suficiente para imprimir, em profundidade, às sociedades uma hegemonia tanto política quanto ideológica. Diferentemente, Perry Anderson vê o neoliberalismo como a força política e ideológica mais importante na contemporaneidade, consolidando-se como a ideologia hegemônica, pois os defensores dessa doutrina advogam a expansão do capitalismo atual dentro de regras formuladas pela lógica do mercado, afirmando e defendendo, como pressupostos,

por um lado, um estado mínimo, mas forte o suficiente para diminuir a capacidade dos sindicatos controlar a moeda; por outro lado, um estado parco em investimentos sociais e nas intervenções na economia. Assim, ao Estado é imputada a responsabilidade de manter a estabilidade da moeda (com contenção nos gastos com bem-estar), de restaurar a taxa ‘natural’ de desemprego (para quebrar os sindicatos), de manter a lucratividade da burguesia em cada país e de atingir a meta fundamental do neoliberalismo: a expansão capitalista [...] Trata-se de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional (1995:10-11).

E conclui que o neoliberalismo, principalmente após a desestruturação do “socialismo real” e da queda do muro de Berlim, transformou-se em uma “força ideológica em escala mundial” (Ibid., 22).

Para os próceres do neoliberalismo, existem elementos constitutivos desse ideário que devem ser tratados com todo esmero, elevando-os à condição de sublimidade no processo de exposição desse constructo teórico. São eles: a) o mercado: “regulado” mediante o diapasão da livre concorrência; b) o individualismo, ou a liberdade dos indivíduos, na condução e interação com o mercado e c) o consumo. Esses três elementos passam a ter um significado simbiótico e a simples intervenção do Estado na relação mercado-indivíduo-consumo pode culminar com o rompimento das possibilidades de os cidadãos se apropriarem de todo o ‘auspicioso’ bem-estar produzido na sociedade capitalista.

São qualidades que vicejam sobretudo em ambientes institucionais que preservam a liberdade competitiva e prestigiam o direito de propriedade contra o Estado interventor e predador (Roberto Campos, 1997:8).

A possibilidade de fruição de bens produzidos e em circulação no capitalismo, para os que advogam o pensamento neoliberal, só é possível mediante as relações livres, concorrenciais entre os indivíduos, as quais são estabelecidas pela mediação da livre ação do mercado, sem interferências de quaisquer mecanismos institucionais, ou de “dirigismo econômico, [pois] a economia de mercado é fórmula comprovadamente superior de geração de riqueza, de desenvolvimento intenso e sustentado” (Roberto Campos, 1994:1231). Diante dessas premissas, o mercado é elevado ao “status” de ser “divino” e quaisquer possibilidades de interferência externa podem maculá-lo e profaná-lo, provocando, assim, a impossibilidade de ele exercer as suas supostas potencialidades e permitir aos seres humanos, através da competição, da

liberdade dos indivíduos e da livre concorrência, o acesso a tudo aquilo que é possível usufruir na sociedade fundada nos valores liberais econômicos, pois

o liberalismo econômico opõe-se a que a competição seja suplantada por métodos inferiores de coordenar os esforços individuais. E considera a competição como superior não somente por ser ela na maioria das circunstâncias o método mais eficiente que se conhece, mas, ainda mais, por ser o único método dentro do qual as nossas atividades se podem harmonizar sem a intervenção coercitiva ou arbitrária da autoridade. (Hayek, 1946:334)

Para Milton Friedman, o poder do mercado, dentro do que ele denomina de “capitalismo competitivo” (1977:21 -22), operacionalizado através das relações livres de troca, sem os intervencionismos ou coerções da figura do Estado, é capaz de pôr em prática “um modelo funcional de uma sociedade organizada sobre uma base de troca voluntária, é a economia livre da empresa privada” (Ibid., 1977).

Esse teórico nomina o mercado, em sintonia com o pensamento neoliberal, como sendo um imprescindível mecanismo de manutenção, expansão e coordenação das relações sociais, imprimindo-lhe um sentido singular nas diferentes esferas de funcionamento da sociedade capitalista, pois afirma que o mercado garante, ao mesmo tempo, liberdade econômica e política, condicionando a existência de liberdades individuais à liberdade de mercado, conduzida por meio das trocas livres entre os cidadãos.

O mercado traduz-se, na perspectiva de Milton Friedman, como um ser capaz de atuar na sociedade, transcendendo sua esfera essencialmente econômica e intervindo nos postulados políticos. Novamente, aqui verificamos uma centralidade e ênfase no conteúdo do discurso neoliberal com relação ao tema do mercado que, além de objetivar propriedades econômicas, estabelece relações com aspectos políticos e sociais:

O que o mercado faz é reduzir sensivelmente o número de questões que devem ser decididas por meios políticos – e por isso, minimizar a extensão em que o governo tem

que participar diretamente do jogo [...] a grande vantagem do mercado, de outro lado, é a de permitir uma grande diversidade, significando, em termos políticos um sistema de representação proporcional [...] mas, tal característica também tem implicações que vão além das estritamente econômicas. Liberdade política significa ausência de coerção sobre um homem por parte dos seus semelhantes. Permite, assim, que a força econômica se constitua num controle no poder político, e não um reforço (Friedman, 1977:22).

Na abordagem de Michael Novak (1982), encontramos um entendimento da questão do mercado, da propriedade privada, das trocas, da liberdade e do individualismo, configurado dentro de uma análise conceitual, que se reporta a uma divinização da economia de mercado, como elemento insubstituível na resolução de questões que perpassam a sociedade.

Com afinco, Novak define o capitalismo dentro de uma esfera de condição *sine qua non*, para objetivamente promover o desenvolvimento da espécie humana, sua superação e progresso ininterrupto, incorporando ao seu conjunto de idéias alguns valores e conceitos retirados do constructo religioso cristão, ancorado pelas Escrituras Sagradas. Novak, de forma metafórica e se pretendendo factível, afirma ser possível, a partir do “capitalismo democrático”, projetar a sociedade dentro de uma associação entre economia e religião, a fim de possibilitar a “cristianização” do sistema, elaborando uma “teologia da economia” (1982:281) ou, ainda, no nosso entender, uma economia do ‘sagrado’.

Ao conceituar o seu “capitalismo democrático”, Michael Novak estabelece bases de interconexão com o ideário neoliberal quanto aos pressupostos do mercado, se bem que critique o que ele chama de “as corrupções da prosperidade” (1982:36); porém, não deixa de enfatizar os supostos benefícios que a economia de mercado pode conferir aos cidadãos, associando-a a outros requisitos que lhe possam dar sustentabilidade. Logo, o “capitalismo democrático” é, para Michael Novak:

Uma economia predominantemente mercantil; atitude respeitosa em relação aos direitos do indivíduo à vida, liberdade e busca da felicidade; e um sistema de instituições culturais

movido por ideais de liberdade e justiça para todos. Em resumo, três sistemas dinâmicos e convergentes funcionando como um: Uma forma de governo democrática, uma economia baseada em mercados e incentivos, e um sistema moral-cultural que é pluralístico e, em sentido amplo, liberal (1982:14).

O enunciado “mercado”, aliado a outros elementos constitutivos do capitalismo, retoma seu lugar comum em uma análise que configura ênfase e regularidade na perspectiva de que o mesmo infere valores e se constitui como conduto em que devem ser perpassadas as relações sociais. Dessa forma, destaca-o em sintonia com um “sistema moral-cultural” (ibid., 14), o que se atribui aos aspectos que envolvem a fé, a religiosidade, os dogmas e um ethos<sup>5</sup> que seja capaz de, interagindo com pressupostos teóricos do denominado neoliberalismo, ou na visão de Novak do “*capitalismo democrático*”, viabilizar permutas entre o ideário assentado no mercado e uma teologia específica. Ao realizar comparações entre judaísmo e cristianismo, associando-os a uma “*economia de salvação*”, Novak afirma que é

tarefa religiosa de judeus e cristãos mudar o mundo, bem como purificar suas almas; construir o ‘Reino de Deus’ em seus corações e através do trabalho de suas mãos. [...] Cabe acender o ferro da política, da economia e cultura segundo a visão de Jeová. [...] O capitalismo democrático não é somente um sistema de livre empresa. Seu sistema político tem muitas missões legítimas a desempenhar na vida econômica, desde a proteção ao saneamento da moeda até a regulamentação do comércio internacional e da competição interna. [...] O cristianismo tem ajudado a modelar o ethos do capitalismo democrático, mas este ethos proíbe os cristãos (ou quaisquer outros) de tentarem comandar o sistema [...] Semelhante ordem exige não somente uma nova teologia mas um novo tipo de religião (1982:19,66,80-81).

Novamente se retoma a questão de hipervalorização do mercado, agora relacionando-o a valores e dogmas de cunho teológico que, segundo Novak, possa planificar, nas ações, comportamentos e maneira de pensar dos indivíduos, a fé inabalável no capitalismo. Ocorre nessa análise a defesa das relações sociais

---

<sup>5</sup> “O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora as coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade” (Geertz, 1989:143:144).

alicerçadas no capitalismo, projetando, no campo das idéias, uma quase indestrutível crença de que o mercado é o elo das relações entre os seres humanos, fazendo-se necessário aos cidadãos confiar na prodigiosa capacidade dos valores construídos mediante o mercado para solucionar os diferentes problemas que se colocam à sua frente.

Assim, a “mão invisível” do mercado possui mecanismos concretos e imaginários, em que, ao mesmo tempo que se torna algo visível, também o envolve de uma áurea mística que o santifica, sedimentando-se a idéia que o mercado é o espaço de solução de problemas, de crescimento, de progresso e prosperidade, de acumulação de riquezas e mobilidade social, mas também de produção, circulação e usufruto desses bens viabilizados pela ética de consumo.

Os mercados retribuem habilidades desiguais e esforços desiguais, e oferecem oportunidades de empreendimento, invenção, adaptação e mobilidade social. As sociedades de mercado produzem caracteristicamente muitos novos ricos [...] criam vasta classe média e melhoram os níveis de saúde, alfabetização e mobilidade entre os pobres. [...] Neste sentido, uma defesa do mercado livre é, primeiro, uma defesa da eficiência, da produtividade, da inventiva e [da] prosperidade (Novak, 1982:127-128).

Tanto a teologia da prosperidade, como discurso religioso, quanto o ideário neoliberal, como teoria e princípio filosófico no campo econômico apresentam cada um, ao seu modo um elenco de idéias para solucionar problemas sociais e existenciais de diferentes formas; problemas que abarcam o indivíduo e o conjunto da sociedade e, nesse aspecto, ambos oferecem, dentro dos seus campos de atuação, diferentes maneiras de superação desses problemas.

A TP, por meio do discurso clerical na IURD, afirma que o converso auferirá “saúde, amor e prosperidade”. Porém isso acontecerá quando o mesmo “agir a fé”, colocar em prática “o perfeito sacrifício” como condição para que o Senhor derrame sobre a vida do crente, conquistas espirituais e materiais que atestem a

plenitude de vida abundante, tendo em vista “que o mundo seria o lócus de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas” (Mariano, 1996:28). De outra forma e simultaneamente, o ideário neoliberal constrói o discurso sobre o alicerce de que o mercado, “divinizado”, é capaz de atender as demandas dos indivíduos. Para isso, é suficiente que se tenha fé inabalável na prodigiosa “mão invisível” do mercado, porque o que tem ocorrido é

uma transcendentalização do mercado. O mercado, que é fruto de ações e relações sociais e históricas, é elevado à categoria de natureza [...] com essa transcendentalização, nega-se a possibilidade de transcendência em relação ao sistema de mercado (Sung, 1992:94). [ E acrescenta]

[...] O sistema de mercado é apresentado como aquele que possibilita o progresso técnico infinito que vai nos possibilitar a acumulação infinita, que vai satisfazer todos os nossos desejos atuais e os ainda por vir. O capitalismo é apresentado como realizador das promessas que o cristianismo fazia para após a morte. A mudança não é só no tempo, de pós-morte para o futuro intra-histórico, mas também no sujeito realizador das promessas: de Deus para o sistema capitalista (Sung, 1997:26).

É a partir das categorias e conceitos discutidos que estruturamos e empreendemos a nossa análise sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, contextualizando o conteúdo do discurso religioso dessa Igreja, representado neste trabalho pela TP e os possíveis diálogos que essa teologia possa estabelecer através da ação discursiva pastoral, com a sociedade de consumo e valores contidos no ideário que confere legitimidade ao mercado na sociedade capitalista. O âmbito das nossas análises sobre o objeto de estudo tem como recorte esse diálogo entre a TP e a ética de consumo no contexto sócio-histórico em que se visualiza a expansão do pós-pentecostalismo (Siepierski, 2002), representado especificamente no nosso estudo pela IURD.

## 1.2 – Metodologia

Entendemos metodologia como sendo o caminho que nos dirige no processo do nosso estudo, que nos mostra possibilidades de chegarmos ao ponto que desejamos, desde o momento em que nos propusemos a analisar o objeto de nossa investigação até a obtenção de resultados e conclusões que digam respeito àquilo que analisamos.

Ao estudarmos o fenômeno religioso iurdiano, a partir da sua teologia, constatamos que o mesmo está eivado de significados que não se podem visualizar, a priori concretamente, pois está composto de recados, concepções, dogmas, sentidos, significantes e significados, construídos no espaço sócio-religioso e contextualizado na realidade social, econômica e cultural do seu tempo, porém não mensurável por um método estatístico, mas analisado pela percepção, pela “interpretação compreensiva” do investigador.

Dessa forma, diante da natureza que reveste o nosso objeto de estudo e em sintonia com o desejo de interpretarmos compreensivelmente o conteúdo do discurso dos profetas da religião na Igreja Universal, elegemos, no processo de encaminhamento do nosso trabalho, a pesquisa qualitativa, tendo em vista que

pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados e [comunicações analisadas], em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (Wainwright, apud Richardson, 1999:90).

Incorporamos, também, à nossa compreensão a conceituação proposta por Richardson, tendo em vista a dificuldade de medirmos as impressões, sentidos, significados que circulam no espaço religioso através do discurso de bispos e pastores na Igreja Universal, pois

a escolha de um caminho científico supõe que, para estudar um fenômeno cientificamente, este deve ser perceptível, sensível e classificável, ainda que o cientista social possa trabalhar com conceitos teoricamente abstratos, tais como: amor, aprendizagem e qualidade de vida; antes de estudá-los empiricamente, deve procurar comportamentos, estímulos, características ou fatos que representem estes conceitos (1999:19).

Sentimos a necessidade de trabalharmos o conteúdo do discurso de pastores e bispos da Universal por meio de análises e interpretações que estabelecessem uma interação com os conceitos e categorias que discutimos e delimitamos anteriormente. Empreendemos o estudo do conteúdo discursivo exposto nas entrevistas, em diferentes extratos de comunicações escritas veiculadas pelo jornal Folha Universal, além de analisar dois livros: “Vida com Abundância” e “O perfeito Sacrifício”, de autoria do bispo Edir Macedo, com o objetivo de melhor fundamentar as nossas interpretações sobre os elementos intrínsecos, não perceptíveis a priori, mas somente compreendidos mediante a fundamentação teórica, a apropriação empírica e a interpretação do pesquisador.

Com a finalidade de interpretar possíveis correspondências entre o discurso produzido pelo clero e os receptores desse discurso, incorporamos às nossas análises um conjunto de testemunhos de fiéis dessa Igreja, publicados na imprensa iurdiana, que nos permitiram ampliar as nossas análises sobre o objeto pesquisado.

A nossa percepção do objeto de estudo, no princípio, estava configurada por uma análise parcial e, em muitos momentos, nebulosa, até certo ponto marcada por prenoções que foram sendo desconstruídas no contato mais intenso e direto com o objeto de investigação.

Pelos dados empíricos levantados, pelo exercício da “observação não participante” (Richardson, 1999:260-261), pela pesquisa bibliográfica relacionada à temática e pelas críticas construtivas e salutares apresentadas pelo orientador e pelos membros da banca no momento específico da defesa do projeto e nos diferentes

momentos de construção do nosso trabalho, foi possível romper com parte dos nossos medos e insegurança iniciais. Estabelecemos, então, um desenho mais adequado a ser aplicado ao processo da pesquisa.

Dessa forma, entendemos que a definição metodológica escolhida norteou a caminhada, que nos faz visualizar possibilidades de chegarmos ao lugar que almejamos, na esperança de que a escolha metodológica tenha colaborado para a compreensão interpretativa sobre o nosso objeto de estudo.

### **1.2.1 – Descrição dos Caminhos Trilhados**

Optamos por verticalizar a nossa pesquisa, escolhendo como sujeitos produtores do discurso iurdiano bispos e pastores e nominando-os como os principais sujeitos de nossa análise, pois entendemos que são eles os principais produtores do discurso religioso e que se legitimam pela posição de liderança que exercem.

Resolvemos, então, entrevistar cinco pastores da IURD e proceder à catalogação de editoriais e textos produzidos por bispos que os publicam semanalmente no jornal Folha Universal, na seção ‘Palavra do Bispo’, objetivando estabelecer a interpretação compreensiva entre o que a cúpula iurdiana produz em termos de discurso religioso e a apropriação desse discurso por parte dos pastores na IURD campo de pesquisa na cidade de Caruaru – PE.

Recorremos, também, à análise de dois livros de autoria do Bispo Edir Macedo, ‘Vida com Abundância’ e ‘O Perfeito Sacrifício’, fontes primárias que nos aproximaram melhor de conceitos religiosos que remetem à Teologia da Prosperidade e expõem aspectos relevantes da formação doutrinária da Igreja Universal.

Acrescentamos ao nosso estudo a análise de conteúdo de testemunhos de fiéis da IURD, especialmente daqueles que participaram das correntes da prosperidade, por exemplo (Fogueira Santa de Israel<sup>6</sup>, Fogueira Santa do Monte Sinai, Corrente dos Empresários, entre outras), publicados na Folha Universal na seção ‘Milagres da Fé’, objetivando ampliar a nossa compreensão sobre a legitimidade, a repercussão ou possíveis reconstruções do discurso da TP que se processam entre os receptores da mensagem religiosa, bem como estabelecer possíveis correspondências entre o discurso produzido pelo clero e sua assimilação entre o laicato.

Foram catalogados 52 números da Folha Universal no ano de 2000, 53 em 2001 e 14 entre janeiro e julho de 2002, totalizando 119 números. Desses, excluímos da nossa análise 27 por não apresentarem, em seus editoriais e textos na seção ‘Palavra do bispo’, temas que estabelecessem relação de correspondência com as categorias de análise da nossa pesquisa.

Dessa maneira, procedemos ao levantamento dentre os 92 números restantes e conseguimos obter 52 textos produzidos por bispos que compõem a cúpula da Igreja Universal e que escrevem periodicamente na imprensa iurdiana. Optamos por realizar análise de conteúdo dos textos publicados na Folha Universal, mediante a análise temática (Minayo, 1999:209), em que destacamos palavras, frases, parágrafos, que, no nosso entender, remete ao conceito de prosperidade, posse, troca, sacrifício, e

---

<sup>6</sup> A Fogueira Santa de Israel e suas congêneres, são correntes ou propósitos de fidelidade a Deus que se processam, geralmente na IURD durante sete semanas ou sete segundas-feiras. O converso participa de cultos da prosperidade, em que depositam suas ofertas e fazem seus pedidos ao Senhor. As petições, em geral, são inscritas em papel e depositadas em recipiente próprio, para posteriormente serem queimados como sinônimo ou representação de holocausto ou oferta pacífica a Deus. Os clérigos iurdianos afirmam que todos os pedidos serão levados para Israel e no Monte Sinai ou em outros lugares considerados sagrados serão incinerados. Dessa forma, o discurso sacerdotal iurdiano afirma que, todos aqueles que forem fiéis a Deus exercitando de forma sistemática o ‘perfeito sacrifício’, serão abençoados conquistando vida abundante neste mundo.

que enunciam e estabelecem dialogicidade com o tema do mercado e da ética para o consumo.

Em relação às entrevistas com os pastores iurdianos, optamos por trabalhar com entrevistas semi-estruturadas que pudessem estabelecer flexibilidade ao entrevistado para expor o seu modo de pensar de forma mais livre, a fim de se obterem as informações desejadas.

A observação simples, não participante ou observação assistemática (Richardson, 1999:260-261) também foi um instrumento usado em nossa pesquisa, quando fomos diversas vezes a campo, pois entendemos que o contato com objeto de estudo, mesmo em uma dimensão de não-participação efetiva, produziu um efeito salutar para a desconstrução de preconceitos ou prenoções que existiam em relação ao objeto de investigação, além de ampliar as possibilidades de melhor compreender o funcionamento dos eventos religiosos na IURD.

As impressões obtidas, através da observação realizada nos “cultos dos empresários”, às segundas-feiras, foram registradas por escrito em caderno específico, a fim de ampliarmos as possibilidades de analisarmos as correspondências possíveis entre atitudes, ações e falas de conversos que freqüentavam esses cultos com o conteúdo do discurso de pastores e bispos, com os testemunhos publicados na Folha Universal e com o conteúdo do discurso referenciado nos livros de autoria do Bispo Edir Macedo, já mencionados.

Os dados referentes a textos publicados na Folha Universal foram coletados entre o mês de outubro de 2000 a julho de 2002; os demais dados resultantes de entrevistas, observação simples, coleta de material bibliográfico, matérias jornalísticas referentes à IURD, foram obtidos durante diferentes momentos entre o ano 2000 e 2002. A observação não participante foi realizada no campo de pesquisa –

a Igreja Universal do Reino de Deus, na cidade de Caruaru – PE, bem como as entrevistas com pastores que nesse período estiveram na liderança da Igreja Universal nessa cidade.

### **1.2.2 – Campo de Pesquisa**

A IURD em Caruaru-PE foi fundada em 1985. Possui três templos e aproximadamente 3.520 membros, já incluídos nesse somatório os clientes ou membros flutuantes, assim distribuídos: Igreja Regional, localizada na Rua Vigário Freire, centro, que possui 1.300 membros e circulam 1.700; IURD Caiucá, localizada na Avenida Leão Dourado, inaugurada no ano 2000, que possui 90 membros e 400 clientes; e a IURD Petrópolis, localizada na Av. Cícero José Dutra, inaugurada em março de 2001, conta com 50 membros afiliados e 80 clientes.

A escolha desse campo de pesquisa, ocorreu específica e estritamente, para estabelecer a observação não participante e operacionalizar as entrevistas com os pastores da IURD. Isso justifica-se por residirmos nesta cidade, o que nos possibilitou maior aproximação com o objeto de estudo investigado. No entanto, procuramos ampliar e concentrar o nosso estudo sobre a TP, mediante a pesquisa do vasto material publicado na Folha Universal e pela análise de livros publicados sobre o tema pelo Bispo Edir Macedo, pois estas fontes possuem uma repercussão, representatividade e abrangência nacional.

Assim, nas inúmeras vezes em que estivemos presentes aos cultos dos empresários, às segundas-feiras, tivemos a oportunidade de ver, ouvir e analisar a teologia, a liturgia, os rituais, o comportamento das pessoas e observar a relação de

correspondência possível entre o conteúdo do discurso sacerdotal que é publicado, semanalmente, na seção “Palavra do Bispo” e os testemunhos de fiéis da IURD, registrados na seção “Milagres da Fé”, da Folha Universal, bem como dos livros analisados, de autoria do bispo Edir Macedo e as pregações de pastores da IURD – Caruaru. Diante disso foi possível estabelecer a análise entre os diferentes conteúdos discursivos escritos, objetivando interpretar compreensivelmente possíveis diferenças, semelhanças e, principalmente, constatar uma forte simetria entre o discurso da cúpula da IURD em âmbito nacional e dos testemunhos publicados na Folha Universal, com as pregações de pastores e testemunhos que tivemos a oportunidade de analisar no nosso campo de pesquisa.

Dessa forma, pudemos estabelecer uma análise compreensiva entre conteúdo discursivo de bispos, pastores e testemunhos de fiéis da Igreja Universal que possuísse correspondência com a TP e que pudesse enunciar uma dialogicidade com valores presentes na sociedade de consumo regida pelos mecanismos do mercado.

### **1.2.3 – Sujeitos da Pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa são os bispos e pastores da IURD, por serem os produtores do discurso religioso na Igreja Universal. Para resguardar a identidade dos nossos entrevistados, todos serão identificados por um número, à exceção dos bispos que serão mencionados, pois se trata da análise de material escrito e publicado na Folha Universal, órgão de imprensa oficial da IURD, logo, de domínio público.

Os dados foram classificados de acordo com o referencial teórico definido e as categorias básicas referentes ao estudo que realizamos. A partir da

escolha da metodologia qualitativa, utilizamos o método da análise de conteúdo a fim de interpretarmos o discurso religioso produzido pelos bispos e pastores na Igreja Universal. Richardson afirma que a análise de conteúdo se detém menos no interesse “manifesto” e mais no interesse “latente”.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, apud Minayo, 1999:199).

Acrescentamos que o método utilizado para análise dos dados está referenciado, sobretudo, quando se estabelece como um dos seus objetivos ultrapassar o nível do “senso comum e do subjetivismo” para apreensão e compreensão do conteúdo manifesto através dos dados de que o investigador se apropria, esboçando uma percepção crítica diante dos documentos, textos de diferentes características, biografias, entrevistas, observação, discurso verbal e escrito. Para isso,

a análise de conteúdo em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem. (Minayo, 1999:203).

Logo, a análise levada a termo, mediante os instrumentos utilizados e fundamentada na metodologia qualitativa, foi empreendida a fim de identificarmos os conteúdos implícitos nas mensagens e comunicações, como também aqueles implícitos nas relações identificadas, estabelecendo a contextualização dos significantes e significados em processo, no espaço sócio-religioso representado no nosso trabalho pela Igreja Universal.

Este capítulo teve o objetivo de traçar as principais definições que serão utilizadas ao longo da análise do nosso objeto de pesquisa, além de indicar a escolha teórico-metodológica que compreendemos ser adequada ao estudo que realizamos.

Esperamos, dessa forma, ter apresentado os conceitos norteadores e que delineiam o quadro teórico-metodológico que nos fez desenvolver a pesquisa. No entanto, a teoria apresentada não se restringe a este capítulo, mas estará presente na elaboração dos capítulos subsequentes.

**CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE DE CONSUMO E A  
SACRALIZAÇÃO DO MERCADO**

## 2.1 – Igreja Universal do Reino de Deus: sua trajetória e escatologia

É possível visualizar, na paisagem religiosa brasileira, a partir de 1980, quando da notoriedade alcançada pela IURD, uma mudança substancial no mercado religioso brasileiro, decorrente do aparecimento dessa Igreja, fundada em 09 de Julho 1977, pelo bispo Edir Macedo (Folha Universal, 08/07/2002). Nos seus 25 anos de existência, tornou-se uma das maiores denominações religiosas do Brasil<sup>7</sup> e, de maneira rápida, já atingiu mais de 85 países. Segundo dados da própria Igreja, estima-se que existam aproximadamente 26 milhões de membros espalhados, entre o território nacional e os países aonde essa denominação chegou.<sup>8</sup> (Folha Universal, 08/07/2002).

O crescimento da Igreja Universal concede-lhe notoriedade, e sua visibilidade não se dá apenas no cenário religioso, pois a IURD ascende em diferentes espaços da vida social brasileira. Insere-se, por exemplo, na política-institucional, principalmente nas esferas do poder legislativo em âmbito local, regional e nacional (Ver Freston, 1993, 1994, 2002). Interage, ainda, no campo empresarial-midiático, através da aquisição de rádios, compra da TV Record, da Universal Produções responsável pela publicação de livros, revistas mensais como Plenitude (com 18 anos

---

<sup>7</sup> A IURD, segundo dados do IBGE – Censo 2000 possui 2 milhões de membros.

<sup>8</sup> A data de fundação da IURD apresentada oficialmente pela Igreja não corresponde a data mencionada por Mariano (1995), pois o pesquisador cita a fundação da Universal em Novembro de 1977, quando os dados da IURD mencionam a fundação no mês de julho do mesmo ano.

de existência), Éster, e a Obreiro de Fé (bimestral), além do semanário Folha Universal, jornal de circulação nacional, fundado em 1992 e que, atualmente, tem uma tiragem semanal de 1.506.600 exemplares (Folha Universal, nº 517, 09/03/2002). Possui, também, a Line Records, a quem cabe a produção de CDs de cantores sacros que atuam no campo religioso evangélico, consolidando sua inserção no campo fonográfico.

Além disso, a visibilidade da IURD está ligada ao trabalho social que tem desenvolvido junto a comunidades carentes, em favelas de diferentes cidades brasileiras, por intermédio da ABC (Associação Beneficente Cristã), levando mantimentos e, simultaneamente, difundindo sua mensagem religiosa às pessoas desses bairros periféricos. Atua, também, através do Projeto Nordeste, emblematicamente implantado em regiões secas do Nordeste brasileiro, exemplificado através da criação da Fazenda Nova Canaã, em Irecê, no Estado da Bahia, propondo-se a implantar, à semelhança dos “kibutz” israelenses, fazendas onde, através da perfuração de poços artesianos e da produção agropecuária sistematizada, opere-se, no entender do bispo Marcelo Crivella, “o fim do flagelo da seca e da miséria no sertão do Nordeste brasileiro” (Folha Universal, 27/12/2001).

Outrossim, a IURD notabilizou-se, também, pela sua postura teologicamente polêmica e pelas diferentes acusações de ex-membros da Igreja de que seus clérigos praticam o charlatanismo, curandeirismo, estelionato e fraude religiosa, através da ênfase em seus cultos em pedir ofertas aos participantes com a “promessa” de que o Senhor os abençoará, ou ainda, pela acusação de sonegação fiscal supostamente praticada pelo seu líder, o bispo Edir Macedo, que foi preso<sup>9</sup> em 24 de

---

<sup>9</sup> O bispo Edir Macedo foi preso em 24 de maio de 1992, permanecendo detido durante 12 dias, sendo liberado através da impetração de Habeas Corpus (Mariano, 1995:61).

maio de 1992, na 91ª Delegacia de Polícia da Zona Oeste de São Paulo (Mariano, 1995:60) em decorrência dos fatos a ele imputados.

Vários escândalos envolvendo a IURD desde meados dos anos 80 pautaram a imprensa inúmeras vezes. Exemplos: vilipêndio a culto religioso e agressão contra adeptos de umbanda e candomblé; apreensão de material eleitoral de Collor em templos da IURD em 1989; processos judiciais e inquéritos policiais contra Edir Macedo e outros pastores; prisão e enriquecimento de Edir; exploração financeira de fiéis; fundação cartorial da Igreja Católica Carismática do Brasil, em setembro de 1988, como fachada para remeter recursos ilegalmente para os EUA (Mariano, 1995:57).

Temática relevante e amplamente debatida foi o famoso incidente protagonizado pelo bispo Sérgio Von Helde, que chutou a imagem de Nossa Senhora, em um culto da Universal, veiculado pela TV Record, em 18 de outubro de 1995, culminando com um momento de significativa tensão no campo religioso brasileiro, que, entre outras conseqüências, ampliou o debate sobre o fenômeno religioso denominado pós-pentecostal (Siepierski, 1999), vivenciado no Brasil e que, de antemão marca, indelevelmente, a história e a sociologia da religião no nosso país, tendo como expressiva representante a IURD.

A Igreja Universal do Reino de Deus tem chamado a atenção não só dos estudiosos da religião, como também dos seus concorrentes no mercado religioso e da sociedade de maneira geral, tendo em vista seu veloz crescimento nacional e internacional.

Sobre o crescimento e expansão da IURD, é substancial o que se verifica na pesquisa do Instituto de Estudos da Religião, coordenada por Rubem César Fernandes, quando procede a seguinte constatação:

O Censo Institucional Evangélico realizado pelo ISER na região metropolitana do Rio de Janeiro revelou que a IURD, com 191 templos, já figurava como a terceira maior denominação evangélica do Grande Rio, sendo precedida respectivamente, pela Igreja Batista e Assembléia de Deus (1992).

Importante ressaltar que a trajetória de ascensão e visibilidade da IURD confunde-se com a história do seu líder espiritual, o Bispo Edir Bezerra Macedo,

que se converteu ao pentecostalismo em 1963, aos 18 anos de idade, na Igreja Nova Vida. Após 11 anos como membro da Nova Vida, Edir Macedo decidiu em 1974, juntamente com R.R. Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, fundar a Cruzada do Caminho Eterno. Mesmo sem ter antes exercido nenhum cargo eclesiástico, foram sagrados pastores na Casa da Bênção pelo missionário Cecílio Carvalho Fernandes. Macedo tornou-se tesoureiro da Cruzada do Caminho Eterno. Três anos mais tarde, houve descentendimentos com os irmãos Coutinho. Macedo, Soares e Roberto Augusto saíram da Caminho Eterno e fundaram na sala de uma ex-funerária, no bairro da Abolição, subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro, a IURD, em novembro de 1977 (Mariano, 1995:43-44).

O crescimento da Igreja Universal tornou-se visível a partir da segunda metade da década de 1980, estando espalhada por vários países do mundo em diferentes continentes. Sua mensagem tem sido lida e ouvida por milhões de pessoas no Brasil, através do uso de modernos meios de comunicação, que vão desde o jornal Folha Universal, passando pelos diversos programas radiofônicos e televisivos até chegar aos sites que a IURD possui junto à rede mundial de computadores, a internet.

A expansão da IURD se deve em grande parte, a sua eficiência no uso dos meios de comunicação de massa. A compra da primeira emissora de rádio, a Copacabana do Rio, ocorreu em 1984. Mas, foi a partir de 1988, período coincidente com a aceleração do seu crescimento, que a IURD deslanchou a compra de rádios e TVs. Em 1990, já havia adquirido rádios nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná. Mas sua maior, mais cara e importante aquisição foi a Rede Record de TV, em novembro de 1989 (Mariano, 1995:50-51).

A IURD, representante do segmento religioso denominado pós-pentecostal (Siepierski, 2002), tem, no percurso de sua organização, demonstrado um fôlego bastante forte no que diz respeito ao seu crescimento, mesmo diante de inúmeros embates, divergências e antagonismos de caráter religioso, praticados por grupos teologicamente divergentes ou antagônicos. Tais divergências ultrapassam a fronteira das religiosidades e transitam pelos espaços políticos e empresariais ocupados por essa Igreja desde a sua organização até os nossos dias.

A Igreja Universal, no decorrer da sua gênese e formação, vem ocupando, em curtíssimo tempo, posições de relevância na sociedade brasileira, assumindo ações de protagonismo nos campos político, religioso e empresarial-midiático, gerando, em determinados momentos, conflitos e tensões que promovem certa instabilidade e dicotomias nas áreas em que a Universal e outros agentes religiosos, políticos e empresariais atuam simultaneamente.<sup>10</sup>

A propagação de programas de TV e rádio, associados à utilização da internet, abre um leque significativo de expansão da mensagem da Universal, possibilitando-lhe atingir um número expressivo de simpatizantes, clientes e adeptos que superlotam os templos em todo o país. Além disso, a veiculação do discurso religioso, através dos mecanismos midiáticos, propicia a disseminação da sua teodicéia<sup>11</sup> nas diferentes camadas sociais<sup>12</sup> que formam a população do Brasil e suscita uma relação de concorrência substantiva na esfera do amplo mercado religioso brasileiro. Esse embate transcende em determinados instantes a esfera sacral, motivando tensões entre os diferentes atores sociais envolvidos na manutenção e expansão dos seus espaços tanto religiosos, quanto midiático e político-partidário.

Aparentemente alheia a esses confrontos extra-igreja, a Universal do Reino de Deus passa por um momento de significativa e diversificada inserção social, tendo em vista que “cresce o número de conversões de indivíduos de classe média, de empresários, e de uma variada gama de profissionais, como atletas, artistas, modelos, cantores e políticos” (Mariano, 1995:235).

---

<sup>10</sup> Sobre os confrontos da IURD com os seus concorrentes no campo religioso e midiático na década de 1990, em especial os embates entre a TV Record e a Rede Globo, indicamos a leitura da Tese de Doutorado de Carlos Tadeu Siepierski (2001:121-125).

<sup>11</sup> Ver nota nº 03 p.22 referente ao conceito de teodicéia em Max Weber.

<sup>12</sup> Os Trabalhos de Roberta Campos (1995) e Ricardo Mariano (1999) analisam a inserção de pessoas de diferentes classes sociais na IURD.

Entendemos que a IURD conseguiu reconfigurar o seu discurso religioso ao atendimento de demandas de diferentes estratos sociais que compõem a pirâmide social brasileira. Não há, portanto, mais razão substancial para assimilarmos o discurso iurdiano como um “messianismo de pobres”, pois nem só de pobres está formada a IURD, ou seja, ao mesmo tempo em que cresce e se expande, consegue ocupar espaços sociais cada vez mais diversificados, rompendo preconceitos e conquistando uma parcela de adeptos que transitam nos diferentes estratos sociais. Ricos e pobres, através da mensagem da TP, “encontram-se” na expectativa de que suas demandas, anseios e desejos sejam atendidos.

Contudo, convivendo com estes, pude encontrar aqueles mais remediados economicamente. Foi relatada a existência de frequentadores que ganham em torno de 15 salários mínimos, ao mesmo tempo em que foi observada a presença de profissionais liberais especializados e pequenos empresários (Roberta Campos, 1995:86).

Os milhões de fiéis da IURD passam a dar direta e indiretamente expressividade política à Igreja, além de respaldar e legitimar a propagação da sua mensagem religiosa. Constata-se que o papel da Universal não se restringe ao campo exclusivo da sacralidade, pois, no percurso do seu crescimento, essa Igreja politicamente conseguiu eleger, em diferentes Estados da Federação, deputados federais, estaduais e vereadores. Por exemplo, na cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, do total de vereadores eleitos, no pleito municipal de 2000, quatro são iurdianos<sup>13</sup>. Em Pernambuco, foram eleitos, no pleito de 2002, a deputada estadual Dilma Lins (PL) e o deputado federal Marcos de Jesus (PL) (Jornal do Comércio, 13/10/2002), respectivamente missionária e pastor da IURD. Destaque também na

---

<sup>13</sup> Informação apresentada pela pesquisadora Elizete da Silva, baseada no texto: “O Protestantismo em Feira de Santana: Algumas Considerações” – Seminário Internacional de História das Religiões, Recife, 21.06.2001.

eleição ao senado foi a vitória no Estado do Rio de Janeiro do Bispo Marcelo Crivella pelo PL (Partido Liberal).

O bispo da IURD e deputado federal Carlos Rodrigues afirma que, nas eleições de 2002, o grupo representado pela Igreja Universal “elegeu pelos menos 22 parlamentares, sendo 18 membros diretos da igreja e quatro apoiados por ela nos Estados” (Folha de São Paulo, 10/10/2002). Isso confirma a gradativa, porém, ascendente inserção e ascensão dessa denominação religiosa na arena política brasileira. Paul Freston acrescenta:

O cacife político da IURD não se restringe aos deputados pertencentes à Igreja. Ela tem outros aliados no Congresso e, provavelmente, em funções executivas. Sua força política nada desprezível (votos, dinheiro, Tv, rádios) foi demonstrada claramente durante a prisão de Macedo em 1992 (1994:135).

Necessário se faz referir à trajetória histórica que origina e ao mesmo tempo diferencia a IURD das igrejas pentecostais, tendo em vista que, entre os anos de 1910 a 1977, o campo religioso evangélico brasileiro foi ocupado por igrejas fundadas por missionários estrangeiros, diretamente influenciados pelo movimento de santidade (“holiness”) dentro do metodismo também chamado de movimento de reavivamento.

Expandindo-se pelos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, esse movimento forjou, doutrinariamente, os primeiros missionários que aportaram em solo nacional. Desencadeava-se, assim, a partir de 1910, a inscrição de uma nova página na sociologia e história do protestantismo, no Brasil, com a fundação, pelo missionário Luigi Francescon, da Congregação Cristã do Brasil.<sup>14</sup>

Francescon, em sua passagem pelos Estados Unidos, teve contato com o movimento de santidade, seguido pelos suecos Adolf Gunnar Vingren e Daniel Berg

---

<sup>14</sup> Sobre a História do Pentecostalismo no Brasil ver: Francisco Cartaxo Rolim (1987), Freston (1994), Mariano (1999), Siepierski (2002).

que, em 1911, criaram a Assembléia de Deus, inaugurando os arraiais evangélicos pentecostais, os quais se expandiram por diferentes regiões do Brasil. Somando-se a essas igrejas já existentes, foram fundadas outras: em 1951, a Igreja do Evangelho Quadrangular; a Brasil para Cristo, em 1955; Igreja de Nova Vida, em 1960<sup>15</sup> e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, em 1962.<sup>16</sup>

O pentecostalismo mencionado e introduzido no início do século XX possui características e ênfases teológicas, baseadas na doutrina do batismo do Espírito Santo, que assinala a ação do Espírito na vida do converso explicitado pela prática da glossolalia<sup>17</sup>. Essa concepção remete bíblicamente a Atos 2. 1 - 13, que retrata a descida do Espírito Santo e o falar em “línguas estranhas”, também denominado evento glossolálico.

Na percepção dos movimentos de reavivamento espiritual citados e na compreensão das igrejas que foram edificadas no Brasil, no período histórico descrito, “o falar em línguas estranhas” revelava, concretamente, a ação do Espírito Santo na vida das pessoas convertidas à fé evangélica, além de exemplificar ou testificar perante o mundo que aquela pessoa tornara-se uma “nova criatura”, que crê e procura vivenciar outra crença e valores religiosos dicotômicos daqueles propagados pelo catolicismo inaciano, possibilitando explicar outras funções religiosas e sociais de tal evento religioso:

Talvez a melhor síntese das principais ênfases do pentecostalismo esteja expressa no lema da Igreja do Evangelho Quadrangular: Jesus salva, batiza com o Espírito Santo, cura e voltará. A declaração de que Jesus salva sempre esteve presente na história do

---

<sup>15</sup> Foi na Igreja de Nova Vida que Edir Macedo se converteu em 1963, permanecendo até 1974, quando se desliga desta denominação juntamente com R. R. Soares e os irmãos Coutinho para fundar a Igreja do Caminho Eterno, precursora da IURD. O tempo que Macedo passou na Nova Vida lhe deu a relativa preparação e estágio religioso para, posteriormente, fundar a sua própria igreja em 1977.

<sup>16</sup> Em relação ao debate sobre tipologias acerca dos pentecostalismos, sugerimos a leitura de: Freston (1994), Mariano (1995), Francisco Cartaxo Rolim (1987), Paulo D. Siepierski (1999,2002).

<sup>17</sup> Glossolalia significa o evento espiritual em que o converso fala em línguas estranhas, normalmente inexistentes, e não em língua idiomática (xenoglossia). Para os pentecostais, tal evento testifica e remete ao batismo do Espírito Santo, em alusão ao texto bíblico de Atos 2. 1-13 “A descida do Espírito Santo”.

cristianismo, mas sua reafirmação era necessária diante do contexto fortemente racionalista do século dezenove. Já as outras três declarações se desenvolveram lentamente em diferentes ambientes e por volta da virada do século se amalgamaram para formar o cerne do pentecostalismo. A Doutrina do batismo do Espírito Santo tem sua raiz no movimento de santificação dentro do metodismo, o qual estabeleceu normas de comportamento e de conduta para a busca da perfeição cristã. Na ocasião dos reavivamentos na segunda metade do século dezenove [nos EUA] a perfeição cristã, ou total santificação, passou a ser vista como o batismo do Espírito Santo para o testemunho e serviço (Siepierski, 2002-544).

Além dessa característica das igrejas pentecostais, no Brasil, em relação ao caráter da santificação exemplificado pelo evento glossolálico, somou-se outro aspecto bastante significativo e que explica em parte o crescimento dos pentecostais: a ênfase, difusão e operacionalização no culto do dom de cura a partir da década de 1950, disseminada pelos missionários Harold Willians e Raymond Boatright, que pertenciam à “*International Church of the Foursquare*. Esses missionários estavam à frente da Cruzada Nacional de Evangelização, braço evangelístico da IEQ, e trouxeram para o Brasil um evangelismo centrado na mensagem da cura divina” (Mariano, 1995:23).

A inserção de um outro elemento na pregação religiosa entre os pentecostais, no caso a difusão da cura divina, a partir de 1950, não descaracterizou profundamente o pentecostalismo aqui introduzido a partir de 1910, no entanto

provocou a fragmentação denominacional no pentecostalismo, que até então contava só com a AD e CCB. No rastro das campanhas de cura divina da Cruzada, surgiram as igrejas Brasil para Cristo (a que mais cresceu no início desse movimento evangelístico), Deus é Amor, Casa da Bênção e várias outras de menor porte (Ibid. 23).

Porém o núcleo teológico norteador dessas denominações permanecia inalterado: baseia-se no proselitismo religioso convencional; ênfase na glossolalia como certeza do batismo com o Espírito Santo; rigor moral quanto a usos e costumes, atualmente relativizado pelas mudanças observadas no cenário de determinadas igrejas pentecostais (Mariano, 1999); ênfase em profecias, apropriação teológica do dom de

cura, e uma escatologia centrada no primado do pré-milenarismo, ou a crença na espera iminente da volta de Cristo, reafirmando a essência caracterizadora das igrejas pentecostais sintetizadas no lema da IEQ: Jesus salva, cura, batiza e voltará.

O pré-milenarismo é a teoria de que a volta de Cristo terá lugar antes (pré) do reino milenar de Cristo na Terra. A vinda de Cristo será o final decisivo da história humana sob a maldição da queda. Depois da Sua volta, o anticristo será morto e o diabo e todas as forças malignas serão removidas da terra. Após esse acontecimento, haverá um período de aproximadamente mil anos de paz e felicidade no mundo sob o governo de Cristo, que reinará sobre o seu povo. Embora haja pontos divergentes entre alguns teólogos sobre determinados aspectos da doutrina que se baseia no pré-milenarismo, para a maioria daqueles que defendem essa concepção religiosa, as evidências do Advento ou retorno iminente de Cristo seguirá a seguinte ordem:

Um período de apostasia precedendo a vinda do Senhor; Cristo virá em oculto, ressuscitará os santos que serão arrebatados juntamente com os crentes que estiverem vivos; seguir-se-á um curto período de sete anos, de grande tribulação. [Será] um período de apostasia precedendo a vinda do Senhor, durante o qual a terra será governada pelo anticristo; então, Cristo aparecerá, às claras. Haverá a batalha do Armagedon e Cristo derrotará o anticristo e as hostes do mal. Isso introduzirá o reino glorioso do Redentor em Jerusalém, onde serão restaurados o templo e o culto sacrificial; findos os mil anos, satanás será solto, de novo, e provocará uma revolta contra Deus. Sua derrota esmagadora será seguida pela ressurreição dos ímpios, seu julgamento e o estado eterno (W. J. Grier, 1987:14).

Logo, não se observam profundas diferenças teológicas entre a CCB e a AD das igrejas estruturadas nos anos 1950 e 1960 (IEQ, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Vida Nova) por exemplo, denominadas e divididas por Paul Freston, em igrejas respectivamente de “primeira e segunda ondas” (1994:70 -72). As diferenças existentes estão relacionadas com questões pontuais e superficiais, especialmente no que diz respeito a maior ou menor flexibilização de usos e costumes, a utilização em maior ou

menor escala de veículos de comunicação para ação proselitista, ou diferenças de estruturas administrativas e governamentais intra-igreja.

No que tange à escatologia<sup>18</sup> e à pneumatologia<sup>19</sup>, conceitos centrais na formação religiosa das igrejas pentecostais, as diferenças se anulam, compreendendo-se, dessa forma, um bloco de denominações pentecostais não dividido em “duas ondas iniciais” (Freston, 1994) como se afirma.

### **2.1.1 – IURD e sua localização escatológica**

Na segunda metade da década de 1970, com o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, rompe-se com valores basilares do discurso pentecostal, em relação à sua escatologia, inaugura-se uma nova perspectiva religiosa evangélica, que, embora ligada historicamente às origens do pentecostalismo, estabelece um corte histórico, sociológico, escatológico com esse movimento religioso.

A Igreja Universal protagoniza o que se denomina pós-pentecostalismo (Siepierski, 2002), e que se faz representar de forma expressiva e destacada pelas igrejas que se seguiram na esteira da IURD: a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada em 1980 por R.R.Souares; a Renascer em Cristo, criada em 1986 por Estevam Hernandez; e a Igreja Sara Nossa Terra, fundada em 1992 pelo Bispo Robson Rodovalho.

---

<sup>18</sup> Escatologia significa o estudo das últimas coisas ou coisas do fim, especialmente relacionadas sobre a interpretação ou hermenêutica dos textos bíblicos de Apocalipse, que apresenta farto conteúdo simbólico.

<sup>19</sup> Doutrina do Espírito Santo que estuda a pessoa do Espírito Santo, a Sua ação, o Seu poder.

Ao mesmo tempo em que absorve e reproduz alguns elementos doutrinários que remetem ao pentecostalismo de missão, como a proclamação do evangelho caracterizada pelo proselitismo religioso, a IURD se diferencia e inova quanto à forma de expandir a Palavra de Deus, pois se utiliza de métodos midiáticos modernos para atingir esse objetivo. Há, também, uma profunda diferença doutrinária, que está no cerne da mensagem religiosa da Universal, baseada e representada pela TP, diferenciando-se do pentecostalismo de missão que desembarca aqui no alvorecer do século XX.

Contudo, a IURD, à semelhança das Igrejas pentecostais da primeira metade do século XX, defende a centralidade da salvação humana em Cristo Jesus, inclusive, dentro de uma percepção teológica que se aproxima do arminianismo<sup>20</sup>, predominante na maioria das igrejas pentecostais até hoje. Afirma e confessa também, a crença na trindade e crê que Jesus Cristo batiza com o Espírito Santo e opera a cura divina. Além disso, coloca-se como uma Igreja trinitária, a exemplo das suas antecessoras, pois confessa o Deus Triúno: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Ao confessar o dogma trinitário, a IURD assemelha-se ao pentecostalismo de missão, além de se aproximar das Igrejas reformadas (Batista, Presbiteriana, Anglicana, Congregacional) que chegaram a terra brasileira em pleno

---

<sup>20</sup> “O arminianismo refere-se a posição teológica de Jacobus Arminius. Considera a doutrina cristã de modo muito semelhante aos pais pré-agostinianos e a João Wesley, posterior a ele. De vários modos básicos difere da tradição de Agostinho-Lutero-Calvino. É um tipo distinto de teologia protestante, por vários motivos. Uma das suas doutrinas distintivas é seu ensino acerca da predestinação, pois assim os escritores bíblicos o fazem, mas afirma que esta predestinação da parte de Deus é salvar aqueles que se arrependem e crêem. Assim sendo, seu ponto de vista é chamado predestinação condicional, visto que a predeterminação do destino dos indivíduos é baseada na presciência de Deus quanto ao modo de eles, espontaneamente aceitarem ou rejeitarem Cristo. O arminianismo [entre outros aspectos], não é dispensacionalista propriamente dito, pouco se interessa pelas profecias específicas. Alguns estudiosos têm dito que o arminianismo é pelagiano [embora essa afirmação não seja unânime], é uma forma de liberalismo teológico e é sincretista. [Para o arminianismo] a predestinação divina dos indivíduos baseia-se na Sua presciência do modo pelo qual eles, espontaneamente, aceitarão ou rejeitarão Cristo”. (J. K. Grider, A. W. Harrison, C. Brandt, 1988).

século XIX. Todavia se diferencia profundamente das denominações mencionadas quanto a sua escatologia e doutrina, construindo não apenas uma mudança no campo religioso evangélico brasileiro, mas sobretudo provocando, uma sólida ruptura com valores doutrinários, escatológicos, teológicos, inserindo uma nova relação do converso com o mundo e com a noção do “celeste porvir”, que a diferencia abissalmente das igrejas do denominado pentecostalismo clássico e neoclássico.

Com a TP, a IURD introduz no cenário religioso brasileiro, de maneira reconfigurada, princípios fundamentais em sua escatologia e teologia que a descaracteriza em relação às igrejas do campo do pentecostalismo e a afasta, profundamente, do espectro das igrejas reformadas, causando uma ruptura e não apenas uma mudança no campo religioso evangélico brasileiro frente às igrejas do pentecostalismo clássico e neoclássico. Pois não só acrescenta novos valores doutrinários aos existentes entre os pentecostais, mas (re)insere em sua formação doutrinária uma concepção escatológica pós-milenarista, diferindo de maneira radical da leitura escatológica amplamente defendida pela maioria dos pentecostais.

A Igreja Universal caracteriza-se, do ponto de vista escatológico, como uma denominação religiosa pós-milenarista. O pós-milenarismo é a teoria de acordo com a qual a segunda vinda de Cristo se seguirá ao milênio, ou seja:

Que o reino de Cristo existe agora, e gradualmente distenderá seus limites através da pregação do evangelho. No fim da dispensação, haverá um período de mil anos, em que o cristianismo prevalecerá na Terra. O mal, que progredirá ao lado do bem até o milênio, será restringido durante aqueles mil anos, e satanás será preso. Ao milênio sucederá, imediatamente, violento surto de maldade, e um terrível conflito terá lugar, com as forças do mal lideradas por satanás. Nesse momento, Cristo voltará, trazendo a ressurreição de todos os mortos e o julgamento final (J. W. Grier, 1987:13).

Acredita-se, ainda, que o período de mil anos é uma época de progresso na pregação do evangelho, que se espalha pelo mundo, alcançando a aceitação universal de Cristo, antes da sua aparição e do estabelecimento da ordem eterna, além

de se crer no progresso humano, social, econômico e científico como uma das características desse período, incentivando, dessa forma, uma ascese intramundana, de participação, de inserção sócio-política, de fruição daquilo que esse período pode produzir e oferecer. A Igreja Universal revela sua localização escatológica, reconfigurando a ascese intramundana adaptada às metamorfoses sócio-históricas que se desencadearam no final do século XX e início do século XXI.

A IURD (re)introduz, a partir da sua escatologia, um discurso baseado na batalha espiritual, na confissão positiva e na teologia da prosperidade, possibilitando imprimir, na cena religiosa brasileira, um novo paradigma de análise sobre o sagrado e a religiosidade, bem como suscitando inúmeras possibilidades para a vivência do converso diante do mundo, por intermédio das concepções baseadas em sua escatologia e na teologia da prosperidade.

A postura escatológica pós-milenarista iurdiana possibilita, também, estabelecer diálogos entre o campo religioso representado pela TP no espaço da IURD, com o ideário que diviniza o mercado e que legitima a ética de consumo. Logo, a IURD caracteriza-se como uma igreja que, ao assumir escatologicamente uma “visão de mundo” que se reporta ao pós-milenarismo, também (re)constrói e (re)configura um ethos que evoca a fruição, usufruto de bens produzidos e oferecidos em uma sociedade alicerçada na ética para o consumo, a fim de que o converso possa obter e fruir os diferentes bens produzidos e em circulação na sociedade capitalista.

## **2.2 – Pós-Milenarismo: IURD e uma ascese intramundana**

A Igreja Universal do Reino de Deus apresenta como um dos fundamentos da sua formação doutrinária o abandono ao Advento (retorno iminente de

Cristo), diferenciando-se profundamente da escatologia defendida pelas igrejas pentecostais no que concerne à ênfase, crença e perseverança na pregação do retorno iminente de Jesus, importante tema religioso, crido e enfaticamente pregado nas denominações religiosas pentecostais e que teologicamente representa o paradigma religioso norteado pela ética pré-milenarista.

Essa diferença é fundamental, tendo em vista que nomina a Igreja Universal fora do campo das denominações pré-milenaristas. Abre, assim, a possibilidade de essa igreja constituir em seu discurso, bem como operacionalizar o sagrado na perspectiva de construção de uma ascese intramundana, reconfigurada pelo tempo e pelas mudanças sócio-históricas desencadeadas na contemporaneidade.

A expressão “ascetismo intramundano” está consubstanciada nas análises weberianas (1999) sobre o puritanismo, o calvinismo e a ética para o trabalho, fundada na austeridade, sobriedade, poupança que produziria as condições necessárias para o reinvestimento e que culminaria com a possibilidade de essa ética estabelecer “afinidades eletivas” com o capitalismo moderno. Nessa perspectiva de análise, Rolim afirma:

O crente puritano é chamado por Deus a trabalhar no mundo dentro de uma rígida conduta ética (ascetismo intramundano), introduzindo no mundo uma racionalidade ética. Na realidade, a ética calvinista nem representava uma abertura para o mundo nem acomodação à situação vigente na época. Mas, então, por que agir no mundo, no interior das profissões do mundo e ainda mais no intuito de galgar novas profissões? Simplesmente pela concepção de que a eticização no mundo, através da profissão, é provação para os eleitos. O trabalho bem sucedido é glorificação de Deus. Como tal dá à provação uma esperança na “certitudo salutis”. Esta não vem de Deus cujos desígnios são insondáveis, mas do próprio homem através da sua conduta ético-racional (1996:67).

O conceito de ascese intramundana que imputamos à IURD não se aplica dentro do paradigma ético-racional analisado por Weber e que está relacionado com um contexto sócio-histórico que se diferencia em muitos aspectos da realidade social e histórica contemporânea brasileira. A ética (ascese intramundana) do crente

calvinista é diferente da do crente iurdiano. Enquanto a primeira centralizava sua ação para o trabalho, para a austeridade, previdência e sobriedade quanto ao consumo, estimulando a poupança e conseqüentemente o (re)investimento; a segunda, através da TP, estabelece uma ética, em prioridade, de fruição de bens não apenas simbólicos, religiosos, mas sobretudo materiais, não havendo em prioridade uma busca incessante para a racionalidade, sobriedade e austeridade no consumo que estimularia a poupança e o (re)investimento.

Embora se possa perceber uma ênfase ao empreendedorismo no discurso religioso iurdiano, esse tem sido, em sua maior parte, preterido por uma ética para o consumo norteada pelos apelos do mercado. No entanto há um ponto em comum, tanto em relação à ética intramundana calvinista quanto à iurdiana. Ambas justificam-se e se revestem de sacralidade, legitimando-se cada uma em seu tempo histórico como discurso teológico, pois construiu e constrói, respectivamente, valores, “visões de mundo” nas diferentes sociedades capitalistas. Por exemplo: a ética intramundana calvinista na era moderna Européia e, na contemporaneidade brasileira, a ascese intramundana iurdiana, capaz de produzir sentidos socialmente construídos pela ação discursiva clerical, possibilitando galvanizar e modelar concepções de mundo para um conjunto de milhões de fiéis iurdianos no Brasil .

Caracterizamos teologicamente a IURD como uma igreja pós-milenarista, pois possibilita a vivência de uma ética intramundana, encampada por essa Igreja. Dessa forma, há uma substituição da justificação que expressa a crença e a espera no advento ou retorno imediato de Cristo; ou, ainda, na preparação espiritual do crente para usufruir as bênçãos após a morte, por uma outra asserção que reformula a concepção do crente diante da realidade religiosa e social, formando um novo paradigma da fé: ao invés da afirmação de que Cristo salva, cura, batiza com o Espírito

Santo e voltará (a crença no advento), os iurdianos declaram que Cristo salva, cura, batiza e “liberta” (Edir Macedo, 1997:41).

O enunciado – liberta – é a significância do rompimento com um dos pressupostos basilares que norteiam a história e a sociologia do pentecostalismo no Brasil. A partir dessa mudança paradigmática, constrói-se a ruptura com a ênfase na volta imediata de Jesus, princípio que perpassa a escatologia da maioria das igrejas do pentecostalismo, desde que aportou no Brasil no início do século XX (Siepierski, 2002) e que consubstanciou na vivência religiosa pentecostal uma prática ascética extramundana exemplificada por: a) valorização dos sinais externos de santidade em seus usos e costumes (Mariano, 1995), estabelecendo um distanciamento da vida política nacional; no entanto, isso, na atualidade, tem sido modificado pois, vários membros de igrejas pentecostais, como AD, IEQ, CCB, entre outras, têm participado da vida política nacional, elegendo seus representantes e interagindo na vida social do país; b) proselitismo religioso, com a preocupação em cumprir cabalmente o imperativo bíblico do “Ide e pregai o evangelho a toda criatura, até os confins do mundo”; ou seja, exercer a “kerygma”<sup>21</sup> em sua plenitude e exercitar uma vivência religiosa de gueto, insistindo na necessidade de não se misturar, envolver-se ou fruir quaisquer coisas que sejam consideradas representações do “mundo”.

A IURD promove, a partir da segunda metade da década 1970, juntamente com as igrejas ditas pós-pentecostais, uma ruptura com o quarto elo da pregação pentecostal – Cristo Voltará – substituindo-o por outro elo – Cristo Liberta. Isso permite uma reestruturação axiomática teológica, que abrirá novos caminhos para

---

<sup>21</sup> Kerygma significa proclamação. Proclamar o evangelho de Cristo em todo o mundo mediante o proselitismo religioso sistemático.

a (re)interpretação das formas religiosas construídas pelos pós-pentecostais e a sua relação existencial com o mundo material e simbólico.

A mudança de paradigma teológico, na exposição da mensagem religiosa encampada pela IURD, possibilita estabelecer uma “compreensão” (Weber, apud Aron, 1997:468) de que a teologia norteadora dessa Igreja formula a possibilidade de uma vivência religiosa e social assentada em uma ascese intramundana, interconectada a uma escatologia pós-milenarista, que se reconfigura às mudanças sociais, econômicas e políticas do seu tempo e se permite acompanhá-las.

Tudo isso nos possibilita compreender, em grande parte, a visibilidade, a inserção social, a ativa participação no debate político institucional e o notório crescimento da Igreja Universal, no momento em que comemora seu jubileu de prata, atingindo o total de 2 milhões de membros no Brasil (Veja, 03/07/2002 p. 95).

Os iurdianos, ao assimilarem essa nova concepção escatológica, passam a perceber as mudanças em torno de si e rompem com a mentalidade de gueto, desconstruem discursos pentecostais, conclamando a “todos”, sob a justificativa de que é necessário “estar no mundo”, fruir o que o mundo tem de melhor, sorver o néctar das suas primícias, exercer a mordomia cristã plenamente, pois somos “sócios de Deus” (Edir Macedo, 2000:59), sem, contudo, absorver o mundo totalmente. Invocam, assim, a consciência de que são “novas criaturas no Senhor”, estabelecendo uma consciência “religiosa antropofágica” – deglutir o mundo, desde que não se percam as raízes da fé em Cristo.

Na esteira das metamorfoses históricas, a IURD contribui para construir o aparecimento de novos atores sócio-religiosos que foram acompanhando o que vem se processando no mundo em termos macro e microssociológicos. Nesse percurso, destacam-se as mudanças paradigmáticas no contexto econômico diretamente

interconectado ao avanço das conquistas tecnocientíficas, ao ideário que sustenta a lógica do mercado, que concorre para uma maior concentração de riquezas e, paradoxal e conseqüentemente, para o crescimento da miséria que se globaliza.

Paralelamente, a ocorrência de mudanças políticas no Brasil, com o retorno do processo democrático, a secularização da sociedade, a crise de paradigmas ideológicos, transformaram o país no ambiente favorável para o florescimento de novos movimentos religiosos, o que ampliou o pluralismo e culminou com as insurgências e ressurgências de formas religiosas e novos atores na seara da sacralidade. Entre esses, destacam-se os crentes iurdianos que, catapultados ao cenário das religiosidades, diferenciam-se daqueles indivíduos encontrados aqui pelos colonizadores inacianos, pelo protestantismo de missão e pelo pentecostalismo que aportou ao país no início do século XX e teve seu ímpeto e expansionismo entre 1910 e o início de 1970, pois

em meados dos anos 70 já existe uma geração urbana de pentecostais. Essa geração não conhece nem o catolicismo popular nem o trauma da migração. Esses pentecostais são alfabetizados, e em geral vivem melhor que seus pais. Eles forçarão algumas mudanças no pentecostalismo que conheceram quando crianças. A conversão, para eles, não é uma ruptura radical com o passado. Por outro lado, o público alvo da pregação pentecostal já não é mais os migrantes desenraizados, mas uma população urbana totalmente inserida na economia capitalista. Essa população não almejava apenas sobreviver no meio urbano, como seus pais, mas desfrutar da sociedade de consumo na qual nasceram. [...] A mensagem pentecostal se tornou anacrônica. A esperança de um reino futuro já não é atraente. O que seduz agora é um reino de Deus presente, universal, cujo desfrute está acessível a todos (Siepierski, 2002:581).

A sociedade em construção está, em sua maioria, impregnada de valores capitalistas. Capitalismo permeado pelas idéias neoliberais e que, entre seus inúmeros sentidos e significados, nomeia o mercado e o consumo como elementos indispensáveis em sua expansão; logo, é possível enunciar que o ethos, como condutas e comportamentos em grande parte, prevalecentes nas ações sociais dos indivíduos, na

sociedade brasileira contemporânea, está sob a influência da magia do consumo e da fruição de bens.

Paradoxalmente, mesmo quando não há a concretização do sonho de consumo de parcela expressiva da população, tendo em vista a exclusão social, os mecanismos sociais de produção de sentidos são pródigos em nutrir e regar a sementeira do “desejo” latente de “consumo” (Sung, 1997:49,68-69).

Nesse aspecto, o discurso iurdiano pós-milenarista e ancorado na ascese intramundana desconstrói o discurso pentecostal pré-milenarista e extramundano, enfatizando a idéia substantiva de que o Reino de Deus, “cujo desfrute está acessível a todos” (Siepierski, 2002:581), não é apenas algo crível nas regiões celestes, na vida após a morte; logo, não é preciso esperar, é possível e necessário exercitá-lo aqui e agora. Essa premissa auxilia a interconexão entre a discursividade religiosa e o ideário do mercado em uma sociedade influenciada pela vitrine de consumo em que o simulacro pode ser o “shopping center”, mas também pode começar a existir ou ser projetada no imaginário do indivíduo a partir de uma determinada expressão ou ação discursiva religiosa ancorada em uma teologia e escatologia apropriadas.

A sociedade de consumo mostra-se diretamente atendida com as mudanças tecnocientíficas envidadas a partir do pós-guerra, inaugurando o que se chama a terceira fase da Revolução Industrial. Com seus defeitos e vicissitudes, nomeia-se, no último quartel do século XX, o avanço tecnológico e o ideário neoliberal, juntamente com a globalização, como sendo afirmações concretas de uma nova fase de “progresso e evolução humana” (Novak, 1982).

A sociedade capitalista é movida pela mística do usufruto e consumo dos bens que a tecnologia é capaz de produzir, e essa produção, em maior ou menor

escala, distribuída equitativamente ou não, está devidamente regulada, segundo os acólitos do ideário neoliberal, pela prodigiosa “mão invisível” do mercado.

Todavia, as relações entre elementos sacrais consubstanciados pelo quarto elo da mensagem religiosa da Igreja Universal, evocado pela ascese intramundana iurdiana em uma sociedade em que a cultura de consumo se faz presente e em que o mercado é alçado à hierarquia de “leviatã”, possibilitam -nos, contudo, mediante o conteúdo do discurso religioso da prosperidade, o estabelecimento de interação, adaptação e diálogo entre o sagrado e o mercado em uma sociedade perpassada hegemonicamente pela ética de consumo.

### **2.3 – Pré e Pós-milenarismo : uma relação pendular**

Nos protestantismos à brasileira, observamos comportamentos, atitudes e idéias que transitam na estrada de uma ética intramundana e extramundana, ou ainda, há vivências escatológicas, principalmente nos dias atuais, e em específicas denominações religiosas, que podem suscitar alguns hibridismos entre as duas asceses, como, por exemplo, a pentecostalização de igrejas protestantes históricas. No entanto, essas caracterizações causam tensões em diferentes espaços religiosos, podendo gerar conflitos e até divisões, que gestam o surgimento de novas denominações.

Essas poderão assimilar parte dos elementos teológicos da igreja de origem, imprimindo sua marca teológica, ou ainda recriarem, a partir dos modelos já existentes novas formas de operacionalização do sagrado que são modeladas de forma caricatural, ou mesmo formarem uma rosticidade religiosa, a ponto de serem concebidas como uma “nova” religião ou uma “h ova” igreja. Contudo, todas invocam

a Bíblia e os seus símbolos de fé como ponto comum da sua gênese, formação e legitimidade religiosa.

A escatologia dominante no século dezenove era o pós-milenarismo, mas essa opção tornou-se inaceitável para muitos a partir da segunda metade do século, quando a crítica bíblica e as novas ciências fortemente influenciadas pelo darwinismo e pelo positivismo lógico começaram a questionar os ensinamentos tradicionais da Bíblia, especialmente aqueles sobre a origem humana. Isso, juntamente com a instabilidade social provocada pela urbanização e pela industrialização, fez reverter a noção de que a humanidade estava progredindo. Com o colapso da noção de progresso, muitos se voltaram para o pré-milenarismo, cuja idéia central é a iminência da volta de Cristo para a instalação do seu reino milenar (Siepierski, 2002:545).

Na atualidade, vivenciamos, a partir das conquistas tecnocientíficas, a difusão de uma nova perspectiva de progresso e evolução humana, que colabora no campo econômico com a expansão do ideário neoliberal em âmbito nacional e internacional. Verifica-se a ocorrência de um retorno à crença de que essas conquistas podem ser acessíveis à grande maioria das pessoas, terraplenando, assim, o espaço em que os pressupostos religiosos pós-milenaristas e sua ascese intramundana sejam (re)edificados.

Nesse contexto sócio-histórico, o pêndulo do ethos intramundano mais uma vez se precipita, assimilando as mutações do seu tempo, possibilitando (re)criar idéias e teologias que negam o afastamento do mundo e a iminência do retorno de Cristo. Afirma-se, contudo, que a relação pendular descrita localiza-se dentro de uma esfera de aproximação com uma ascese intramundana situada no espectro de uma ética de consumo em que a obtenção, usufruto, fruição do que a ciência e a sociedade neoliberal oferecem pode ser apropriada por “todos”, mas na IURD, em especial, isso ocorre, exclusivamente, para aqueles que são os representantes de Deus nesta terra, tendo em vista que são “herdeiros de Deus”, “sócios de Deus” (Edir Macedo, 2000:60) neste mundo.

Reportando-nos ao século XIX, em que predomina a “crítica bíblica”, influenciada pelas concepções “evolucionistas e positivistas”, às quais se somam os processos anômicos, exemplificados pela “instabilidade social provocada pela urbanização e pela industrialização” (Siepierski, 2002:545), mediante a ação dos indivíduos nesse contexto sócio-histórico, produziu-se um contra-discurso em relação à idéia de contínuo progresso, em que a fruição dos bens não seria acessível a todos. Dessa forma, reinscreve-se no cenário religioso daquela época uma página dedicada aos pressupostos teológicos referentes ao pré-milenarismo e a uma ascese correspondente.

Diferentemente, no final do século XX e início do século XXI, tem-se nutrido uma fé nos mecanismos de mercado como resolução de problemas sociais e econômicos. Embora os índices de miséria que assolam a humanidade tenham crescido vertiginosamente, tem predominado um discurso que ainda enfatiza a possibilidade de acessibilidade de todos ou da grande maioria da sociedade aos bens produzidos pelo capitalismo, possibilitando o retorno a uma teodicéia que promova a (re)inserção no campo religioso brasileiro de um discurso pós-milenarista, representado em nosso estudo pela Igreja Universal do Reino de Deus.

No atual estágio da sociedade, o pêndulo de uma religiosidade inspirada nos princípios de uma escatologia associada ao pós-milenarismo, aqui delimitada e exemplificada de maneira especial pela teologia da prosperidade entre os iurdianos, sinaliza para uma ressurgência reconfigurada pela realidade histórica de um ethos baseado em uma ascese intramundana, que dialoga com uma ética de consumo e justifica, em parte, a ênfase na providência e divinização do mercado.

Redireciona-se o sentido e ressignifica-se o sagrado em uma perspectiva de assimilação de valores que caminham em direção às mutações sociais,

econômicas e culturais que estão em curso na sociedade capitalista contemporânea, sem, contudo, abrir mão da mística e das crenças consubstanciadas pela fé, ancorada na perspectiva de transcendência que está presente na vivência religiosa e no diálogo com o sagrado. Ou, ainda, nas possíveis trocas ou permutas que o ser humano pode estabelecer com a Divindade, entre outros objetivos, para atender às suas necessidades existenciais enfatizadas na pregação religiosa iurdiana: uma vida com saúde, amor e prosperidade.

#### **2.4 – O sagrado como referencial de troca no espaço religioso iurdiano**

O sagrado é o referencial de toda e qualquer expressão religiosa, tendo em vista que é a partir do sagrado ou da sacralização de símbolos presentes nas diferentes formas religiosas que se estabelece uma relação de diálogo entre o crente e a sua divindade. Edificam-se, dessa maneira, sentidos mútuos: o crente dá significado ao que nomina sagrado e o sagrado dá significado ao homem que crê.

Assim, o cosmos postulado pela religião transcende, e ao mesmo tempo inclui o homem. O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado (Berger, 1985:39).

Logo, o homem se identifica e produz sentido para sua existência através da fé em uma divindade que passará a nortear suas ações e gestos, a modelar suas percepções e concepções a respeito da realidade em que está inserido. Nesse vínculo religioso entre a criatura e o criador, o crente e a sua divindade é capaz de estabelecer uma relação em que pode predominar o temor e o tremor, a idéia de uma divindade ou sagrado dotado de “qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do

homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência” (Berger, 1985:38).

No entanto, o sagrado pode vir a ser reconfigurado pela ação do homem em específicas culturas e contextos sociais e ser operacionalizado com fins específicos que, embora não retirem a sua sacralidade, reconstroem essa conceituação sacral para tornar seus poderes extraordinários e potencialmente “perigosos” domesticáveis, canalizando a sua força e o seu poder para intervir nas “necessidades humanas” (Berger, 1985:39).

No legado da tradição cristã católica, protestante e pentecostal, em sua maioria, observa-se um discurso em que está presente a afirmação de que a relação religiosa que se deve ter com o sagrado necessita refletir uma consciência de “pietismo” adaptado a cada expressão religiosa descrita, ou seja, uma relação dotada de submissão àquele que é “o Absoluto e o Transcendente, o Deus Criador e Pai,” (Antoniuzzi, 1999:16) ao qual, rigorosamente, imputamos obediência, adoração e sacrifício.

Na atualidade, diante das metamorfoses no campo religioso, com o advento das igrejas pós-pentecostais (Siepierski, 2002), esse discurso sofreu uma reestruturação quanto ao significado do sacrifício como expressão real e simbólica da fé que se tem no sagrado. Entre os católicos (penitências, caridade, obras) e entre os protestantes históricos e pentecostais (dízimos e ofertas, jejuns, orações, sinais de santidade, entre outros), o sacrifício aproxima-se e se precipita em direção a uma maior expressividade religiosa, que possa refletir uma ação pietista, espiritualista, sinalizando de certa forma submissão, que corresponde a uma percepção mais aguçada de servo de Deus e que, fazendo parte do seu senhorio, deve submeter-se à sua autoridade e soberania, demandando uma tendência de diálogo verticalizado entre o converso e o

Ser Infinito, Sem-limites, O Inatingível, referencializando o sagrado como expressão de transcendência.

Já entre os iurdianos, o sacrifício como elemento sagrado apresenta-se como condição indispensável na vida cristã, devendo ser praticado de maneira exemplar pelo converso à espera de uma ação terapêutica, curativa, profilática contra a ação demoníaca, e imprescindível na conquista efetiva de vitórias no campo espiritual e financeiro.

Quanto a essa conceituação, não há efetivamente diferenças entre os segmentos religiosos citados e o discurso religioso na IURD. No entanto, ocorre uma desconstrução e reconstrução conceitual do enunciado – sacrifício, ressaltando-se que o mesmo carrega consigo outros sentidos e significados na vida do crente iurdiano, pois está interligado à ação de adorar, obedecer e louvar a Deus, e que a prática de sacrificar a Deus é condição indispensável para uma vida espiritual e material abençoada.

A relação verticalizada entre o crente e o sagrado observada em outros discursos religiosos cristãos é substituída, em parte, na Igreja Universal, por uma relação discursiva entre o ser humano e o Divino, que remete a um sentido de relativa horizontalidade, condicionado pelo ato de fazer um voto, um propósito ou sacrifício a Deus, que capacita o ofertante a relacionar-se com o Sagrado em uma perspectiva de diálogo, em que pede, em que suplica, mas que é possível também exigir, decretar, determinar que o Senhor abençoe aquele que ofertou a Ele.

O sagrado na IURD, operacionalizado por intermédio do sacrifício que cada crente irá exercitar em função da fé em Deus, expressa também uma relação utilitária, pois pode se transformar em um mecanismo de justificação para aquele que exerce a atitude sacrificial através do ofertório poder exigir e determinar que Deus o

abençoe em todas as áreas da sua existência, porque “Deus abençoa cem vezes e multiplica em cem vezes aquele que sacrifica a Ele com o coração alegre” (Pastor 1, Anexo - Questão 7).

Na IURD, o propósito ou sacrifício, exemplificado pela obrigação e dever religioso de dar o dízimo e ofertas nas diferentes correntes de oração que se processam durante o ano, resulta na certeza, por parte daquele que dizima a Deus, de que o Senhor deverá retribuir com prosperidade, passando o ofertante a sentir-se no direito de exigir o que Ele prometeu: “Eu determino, Senhor, que a minha vida será uma vida vitoriosa, uma vida abundante [...] Eu não aceito a miséria, eu determino a vitória” e o pastor conclui a oração, dizendo: “Revolte -se com Jesus e exija que Deus [o Sagrado] o abençoe com uma vida de prosperidade” (Pastor 1, Anexo - Questões 5 e 6).

A relação entre oferta e bênção (o benefício palpável, real) é muito estreita, asseguram os pastores. Na verdade, é de proporcionalidade física. Quanto maior a oferta fiel, maior a bênção recebida. Quanto maior o sacrifício, maior o benefício (Wilson Gomes 1994: 240).

A oferta e o dízimo na IURD representam uma relação de interação entre o homem e Deus, entre o Sagrado e o seu adepto, porém verifica-se que essa interação está perpassada por uma relação de reconhecimento de que Deus tem poder, é Transcendente, mas é necessário canalizar todo esse poder para o atendimento das “necessidades humanas” (Berger, 1985:38).

O manuseio discursivo do Sagrado no cenário religioso iurdiano, relacionando-o com o paradigma de uma ascese intramundana, está o tempo todo legitimando a asserção de que sacrificar com dízimos e ofertas, além de ser um privilégio e obrigação para o crente, é, ao mesmo tempo, a garantia de que é um dever

de Deus prover tudo aquilo que o ofertante ou o dizimista exigir, mesmo por que essa interação entre Deus e o homem está vinculada pelos laços da fé.

Somente aqueles que num belo dia tiveram um encontro real com o Senhor Jesus Cristo podem avaliar a grandeza, a glória e a importância dos dízimos e das ofertas. Entretanto, o privilégio de ser dizimista e ofertante não tem sido de todos. Poucos sabem de verdade o significado de dar e receber de Deus, principalmente porque essa relação inclui o maior e mais importante sentimento que pode habitar o coração do homem – a fé (Edir Macedo, 2001:11).

A relação dar e receber por intermédio da fé depositada no Sagrado e representada de forma prática e comparativa pelo que se denomina, no espaço religioso iurdiano “perfeito sacrifício”, estabelece um intercâmbio religioso e simbólico entre o homem e Deus, no qual se objetiva auferir não apenas bens espirituais, mas também se trabalha o “perfeito sacrifício” como um dos condicionantes para o ser humano fruir nesta sociedade de consumo tudo aquilo que pode ser exigido ao Divino, ao Transcendente, ao Absoluto – ao Sagrado.

O perfeito sacrifício está, na visão de Edir Macedo, diretamente ligado ao exemplo de Deus Pai que entregou o seu filho Jesus para salvar a humanidade – “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3.16). Logo, toda oferta deve ser dada de forma perfeita, “entregue à igreja de todo coração, sem hesitações ou dúvidas, pois isso é falta de fé” (Pastor 1), a fim de expressar de forma representativa o perfeito sacrifício realizado por Deus para com todos os homens. Além disso, o sacrifício, tendo como representação a oferta, reveste-se de uma outra função além da conquista de prosperidade. Segundo o Bispo Edir Macedo, é por intermédio da oferta que o homem se aproxima de Deus, abre a porta de acesso à presença do Pai. Ou seja, além de expressar um sentido de permuta, intercâmbio ou troca entre o homem e o Sagrado, ofertar é condição para se ter acesso a Deus.

Essa aproximação é desejada pelo Pai, que instituiu a oferta do sacrifício. Continuando o processo de redenção da humanidade, Deus ofertou o Seu próprio Filho, Jesus Cristo (João, 3.16). O Senhor Jesus é a Oferta de Deus-Pai para a salvação da humanidade; portanto, a oferta perfeita, ao mesmo tempo em que é a porta de acesso à sua Santa presença [...] Se Jesus é a oferta perfeita, isso significa que todas as ofertas são representações d'Ele. A oferta representa o Senhor Jesus! Por isso, ela não pode ser imperfeita. Se a oferta de Deus para a humanidade é perfeita, então toda oferta que se oferece a Deus tem de ser também perfeita, a fim de poder representar coerentemente o Seu filho Jesus. Caso contrário, não é aceita, conseqüentemente, não produz os resultados que deveria (Edir Macedo, 2001:15).

A temática do dízimo e das ofertas na Igreja Universal é tratada dentro de um espectro devocional, em que se faz necessário praticar a ação dadivosa com a finalidade de obter êxitos na vida do crente. A ação de dizimar é, antes de tudo, um dever sagrado, pois não fazê-lo é descumprir as Escrituras Sagradas, violando e descumprindo uma regra que possibilitará ou não garantir as promessas do Senhor na existência do converso pois,

recusar-se a pagar o dízimo equivale a descumprir uma obrigação fundamental que faz a diferença entre um “convertido” e os membros de outras religiões. Aliás, por estar referido na bíblia, os pregadores vão insistir que o dízimo não é pago mas dado, ao mesmo tempo em que se valem do respaldo bíblico para fundamentar a licitude da sua solicitação. [...] Ademais, como afirmou o fundador da Igreja Universal, se “você não paga o dízimo a Deus você paga ao diabo (Oro, 1996:72).

Há uma preocupação existencial na IURD com a produção de resultados efetivos na vida do crente, que possam revelar de maneira palpável e concreta a manifestação do sagrado na vida espiritual e material do ofertante, como um selo de qualidade que testifica a fidelidade, a obediência, a adoração e o exercício prático do “perfeito sacrifício” do crente para com o Senhor Jesus Cr isto.

Essa preocupação, na IURD, é de tamanha monta que, no Jornal Folha Universal, existe a seção denominada “Milagres da Fé”, a fim de divulgar os resultados da eficácia espiritual da IURD. Da mesma forma, os testemunhos são veiculados junto aos programas de rádio e na TV Record, em que diferentes pessoas testificam publicamente as bênçãos espirituais e materiais alcançadas: cura, libertação de

demônios, libertação de opressões malignas, conquista de emprego, aumento das vendas tanto para vendedores como para empresários, superação de crises financeiras (falências, aumento quantitativo do patrimônio), mudança de atividade profissional – deixando uma atividade menos rentável por outra mais lucrativa – , ascensão social e profissional, resolução de problemas existenciais individuais ou familiares, abandono do uso de drogas lícitas, como o álcool (Cecília Mariz, 1994:204) e ilícitas, entre outros. Os resultados são enfatizados e justificados pela relação com a prática daquilo que as lideranças eclesiais denominam de “perfeito sacrifício” para com o Sagrado, tendo como vaso comunicante dessa interrelação a Igreja Universal do Reino de Deus.

O Sagrado, no conteúdo discursivo na IURD, é riquíssimo, é polissêmico, tendo em vista que passa a ter várias formas, faces e funções e possibilita uma vasta produção de sentidos. Ao mesmo tempo em que Ele é Uno, Transcendente, Absoluto, pode se transformar através dos símbolos que são construídos pelo discurso religioso iurdiano em indizíveis formas, apresentando inúmeros tipos sagrados, cada qual com o seu significado, seu significante, estabelecendo de maneira perene interconexões espirituais dialógicas entre o ser humano e o Divino.

Para Edir Macedo (2000:19), entre todos os símbolos bíblicos, “a oferta é a que melhor representa o Senhor Jesus Cristo, pois Ele é a oferta de Deus para o ser humano, a fim de que, através da mesma, este possa se reconciliar com o Criador”. Ou seja, o Sagrado está associado simbolicamente à oferta e, por consequência, o ofertante, no momento em que se sacrifica dizimando ou ofertando, sente-se no direito de exigir de Deus o usufruto de uma vida regalada e de tomar posse daquilo que entende como sendo seu, passando a reivindicar sua condição de “herdeiro das mais de 8.000 promessas que Deus prometeu (sic) para aqueles que são fiéis a Ele” (Edir Macedo, Folha Universal, 25/02/2002).

Os diferentes símbolos que são enunciados na IURD, através do discurso religioso, revestem-se de representatividade do Sagrado, passando os diversos objetos a absorverem uma mística, uma magia, sendo dotados de um poder ligado à existência de um Superpoder, que é o poder de Deus. Isso é verificável através das práticas religiosas e dos chamamentos para que os membros e congregados ou (clientes) nos cultos levem até as suas casas objetos como o lenço da unção, a rosa unguida, o óleo da unção como símbolos religiosos supostamente revestidos de eficácia espiritual, a fim de impedir a entrada de demônios na casa ou em seus moradores.

Após alguns dias, esses objetos “sacralizados” absorvem, a partir do discurso religioso proferido pelos sacerdotes, um significado de poder religioso, a fim de que possam ser levados à igreja, e o bispo ou o pastor, após orarem quebrando as possíveis maldições, destruam todos os males que supostamente aqueles símbolos absorveram na casa de cada pessoa. Porém isso é feito simultaneamente e interconectado ao exercício da oferta<sup>22</sup> como sendo algo indissociável, a fim de que produza “os resultados que deveria”.

Há uma permanente comparação, no conteúdo teológico iurdiano, entre os símbolos bíblicos contidos no Antigo e Novo Testamento com o conceito de sacrifício e oferta; recria-se, através do conteúdo do discurso dos profetas da religião, uma simbiose que procura tornar estes elementos inextrincáveis. Por exemplo:

A circuncisão é uma ação simbólica, sinal da aliança com Deus. [...] No Novo Testamento também encontramos muitas variedades de símbolos. Inclui alguns símbolos de ação foram utilizados pelo Senhor Jesus e instituídos em cerimônias profundamente importantes na Igreja, tais como a Santa Ceia, o Batismo nas águas e a unção com óleo. [...] E acrescenta: “a água (purificação), o pão (alimento, corpo de Cristo na Ceia), o vinho (alegria, sangue de Jesus na Ceia), a pedra angular (Jesus como alicerce da fé), o coração (razão, vontade, alma), a porta (condição para entrada no Reino de Deus), o cordeiro (Jesus, como o sacrifício perfeito), o óleo (Espírito Santo, unção, separação, santificação),

---

<sup>22</sup> Nos trabalhos de Wilson Gomes (1994) e Drance Elias Silva (2000), o conceito de troca, permuta na IURD, através da oferta representada pelo dinheiro passa a ter um efeito terapêutico de antidemonização.

a videira (Jesus, como árvore da vida), Jesus (a oferta plena de Deus) (Edir Macedo, 2001:18 - 19).

Esses símbolos passam a ter uma ligação direta com o sagrado e assim se estabelece, mediante o conteúdo do discurso religioso, uma relação com a prática da oferta e do ‘perfeito sacrifício’, pois, quando alguém ‘entrega uma oferta, está repetindo simbolicamente o que Deus fez ao dar parte de Si (Seu Filho)’ (Edir Macedo, 2000:19).

A oferta, como representação comparativa com o perfeito sacrifício na IURD, opera com o ‘status’ de sacralidade, passando a exercer um importante significado de possibilidade de diálogo entre o crente e o Divino, notadamente, estabelecendo uma relação de troca religiosa, com vistas à fruição por parte do ser humano de bens espirituais e materiais. Nesse aspecto, outro símbolo religioso é operacionalizado através da discursividade iurdiana: suscita-se permanentemente a fé no sagrado para que aquilo que se sonha possa se tornar realidade, enfatizando-se que somente através da fé é possível praticar o ofertório, associando-o ao ‘perfeito sacrifício’ de Jesus Cristo.

Ninguém é capaz de sacrificar algo sem que tenha total e absoluta certeza daquilo que espera conquistar. Daí a razão do sacrifício, que tem dois aspectos principais: o espiritual e o material. [...] O lavrador sensato jamais sacrificaria a sua semente sobre a terra se não tivesse certeza absoluta de uma colheita abundante; o investidor financeiro jamais arriscaria o seu capital se não acreditasse nos juros; o trabalhador não trabalharia o dia todo e todo o mês, se não tivesse fé de receber o seu salário. [...] O aspecto material do sacrifício é o elemento a ser sacrificado (Edir Macedo, 2001:46-47).

A fé e o ofertório, em associação com o ‘perfeito sacrifício’, remodelam o conceito de Sagrado na IURD. Ao associar esses elementos ao tema do usufruto de bens simbólicos e reais, constrói-se, por meio do discurso clerical a convicção de que o Senhor irá abençoar, mediante o ato de fidelidade praticado, todo aquele que ofertar a Jesus Cristo com desprendimento e inteireza de coração. A partir

dessa convicção, vivencia-se uma interação religiosa entre a pessoa e Deus, enunciando-se a troca, que se configura através do dar e receber, e que está assentada na condição do exercício de fé praticado pelo crente numa alusão ao “perfeito sacrifício”.

Em termos comparativos, tal sacrifício [a oferta] simboliza o sangue de Cristo que, ao ser derramado na cruz, redimiu a humanidade do pecado. Dessa forma, o ofertante, ao praticar a doação, a dádiva, passa a antever uma relação retributiva da parte do Divino; no entanto, é necessário sacrificar ao Senhor a fim de obter o que se deseja, como ato de fé e de remetimento ao tema do “perfeito sacrifício”.

A bíblia afirma que Jesus deu o seu sangue para salvar a humanidade. O sangue de Jesus é Ele mesmo, Sua vida, Seu Sacrifício. Costumo afirmar que o dinheiro [em forma de ofertas e dízimos] é o sangue da igreja, pois carrega consigo parte das vidas das pessoas (tempo e suor, inteligência e esforço para ser conseguido) (Edir Macedo, 2001:19).

A ação do crente em sacrificar ao Sagrado está repleta de antevisões das possibilidades de atendimento aos desejos e necessidades individuais que povoam o imaginário das diferentes pessoas que estão vinculadas, socialmente, àquele campo religioso, sejam desejos ou necessidades espirituais, existenciais ou materiais. Suscita-se, através do conteúdo discursivo dos profetas da religião na IURD, de forma inabalável, a convicção de que é possível conquistar aquilo que se deseja desde que a conquista esteja precedida pelo ato do “perfeito sacrifício” a Deus; porém, aquele que não obtiver o que deseja é porque não exercitou a fidelidade como deveria ou não pratica(ou) a “fé inteligente” (Edir Macedo, Folha Universal 15/06/2002).

Os que desejam conquistar coisas grandes não medem o preço do sacrifício que têm de pagar para conseguí-las; se assim o fizessem, seria porque não estariam preparadas para conquistá-las. Para alcançar um objetivo, não se pode regatear o custo do sacrifício. Muitos têm experimentado o fracasso porque focalizam sua visão mais no custo do que no benefício do sacrifício que não pode, em hipótese alguma, ser uma tentativa, aventura ou uma espécie de jogo no qual a pessoa se lança movido pelas emoções. Não! O Sacrifício resulta em conquistar devido à fé e à determinação. Quando alguém se lança para conquistar determinado objetivo, jamais se deve permitir que no seu coração passem pensamentos de dúvida com respeito ao resultado final. Muito pelo contrário, tem que se

crer que o preço do seu sacrifício já pagou o custo da sua vitória. Se já o fez é só uma questão de tempo (Edir Macedo, 2001:50–51).

O Sagrado, entre os iurdianos, reconfigurado em diferentes formas de caráter religioso e representado por múltiplos símbolos, transforma-se de maneira substancial em um elemento ou moeda simbólica para o estabelecimento de troca religiosa entre o homem e Deus. Refletindo o desejo de conquistas individuais, antecipa vivências imaginárias ou reais, espirituais ou existenciais de fruição de multifacetados bens simbólicos ou materiais que podem se vincular, de forma representativa, na relação social e no contexto da era capitalista contemporânea, a uma ética de consumo exemplificada pela sua teodicéia, segundo a qual o crente deve tomar posse das promessas de Deus na sua vida e concretizar, aqui e agora, e de forma positiva e determinada, a assertiva de uma existência humana: abundante, regalada e próspera.

Os clérigos da IURD reconhecem, em seu discurso religioso, os limites humanos na busca de suas realizações, apresentando explicações generalistas para os possíveis fracassos humanos diante da não-resposta do Sagrado às suas petições. No entanto, ao mesmo tempo em que se enumeram justificativas para o possível fracasso de um determinado número de pessoas, também tratam de elencar, através de comparações com textos bíblicos, que servem de referência para fundamentar seus argumentos, as vitórias alcançadas por aqueles crentes que, nas diferentes correntes de oração, ao se sacrificarem de forma “perfeita”, obtiveram o que almejaram perante o Sagrado.

Trazendo para os dias atuais, quantas não são as pessoas que participaram de uma Fogueira Santa? Muitas! No entanto, apenas algumas conquistaram. Porque se esforçaram e até geraram ao se privarem de um benefício material. A fumaça subiu [alusão à queima de sacrifícios no tabernáculo em oferenda a Javé – Êxodo 40.34 - 36]. Elas fizeram a diferença e também coisas impressionantes em nome da fé. [...] No momento em que entregaram o sacrifício no altar, o Espírito Santo entrou no coração dessas pessoas e

colocou uma certeza que poucas têm. Era Deus dizendo: “Eu sou contigo!” Por isso saíram dali preparadas para conquistar suas bênçãos. A partir daí, conseguiram comprar casas, carros, começaram uma nova empresa, alcançaram a cura, se casaram. Seguiram o caminho das conquistas por terem convicção de que Deus era com elas. [...] Hoje estão dando testemunho de tudo o que foi feito em suas vidas. O Espírito Santo falou ao coração de cada uma delas: Pode comprar esta casa e este carro [...] Você está curado [...] Pode casar com aquela pessoa, porque ela é minha [...] Você não terá mais problemas na vida sentimental [...] Pode comprar aquela empresa que você vai crescer [...] Creram num Deus grande, apresentaram [sacrificaram, ofertaram] algo que foi perfeito (Bispo Romualdo Panceiro, Folha Universal - 15/07/2002).

Na IURD, o Divino, sem perder o “status” de divindade, sofre uma diversificada metamorfose conceitual; é ressacralizado dentro de uma lógica utilitária, mas que, combina elementos da transcendência, como, por exemplo, a evocação perene da fé, da devoção, da adoração. Isso demonstra que os fiéis se sentem limitados e frágeis

... e se percebem habitados pelo desejo ardente e incontrolável de entrar em comunhão de si com esta incompreensível realidade que se chama sagrado – a qual, devido ao ato de ser incompreensível, não é sentida como menos real – de tocar e serem tocados pela beleza infinita; de tremer de amor sendo possuídos pela santidade divina, pelo Mistério Invisível que atrai e seduz e cuja vida chama a participar e se integrar (Bingemer, 1998: 83).

Porém, combinado com uma discursividade que remete simultaneamente ao atendimento de desejos e necessidades espirituais e materiais, o Sagrado na IURD seduz, mas também sofre uma ‘sedução’ que se consubstancia através do ato concreto do exercício do sacrifício como uma resposta à conquista de bênçãos na existência do ofertante. Há, entre o Sagrado e o ser humano, por meio do conduto discursivo clerical, uma relação de permuta, de troca, de intercâmbio simbólico, religioso, que projeta no converso a esperança de obter inumeráveis bens reais e de se beneficiar de seu usufruto em plena sociedade capitalista, ancorada na cultura de consumo.

Dessa forma, concluímos este capítulo baseando-nos na análise sobre a inserção social e histórica da IURD, bem como sua localização escatológica pós-

milenarista e sua teologia no contexto de uma sociedade de consumo em que se diviniza o mercado.

Essa compreensão é fundamental para entendermos sua visibilidade na cena religiosa brasileira. Além disso, estabelecemos as interações entre o Sagrado e o converso por meio do discurso pastoral iurdiano. Constatamos, então, uma relação de intercâmbio, permuta simbólica e real entre a Divindade e o crente, em uma busca incessante e condição indispensável para a conquista de uma vida abundante. Essa idéia de abundância, representada pela obtenção de inumeráveis bênçãos espirituais e materiais, sedimenta as interrelações entre idéias religiosas que transitam no espaço religioso estudado e idéias econômicas que alimentam e sustentam filosófica e ideologicamente a lógica do mercado e o ethos de consumo no contexto do capitalismo contemporâneo.

A finalidade do próximo capítulo é analisar as possíveis “afinidades eletivas” (Weber, 1999) entre a TP, o mercado e a ética de consumo por intermédio da sacralidade do discurso de bispos e pastores na IURD. Além disso, analisamos a polissemia discursiva ancorada na TP e as ambivalências do conteúdo do discurso religioso produzido nos diferentes espaços em que a IURD atua.

## **CAPÍTULO 3 - TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E MERCADO**

O conteúdo do discurso religioso na Igreja Universal está perpassado por inúmeros significados socialmente construídos que, em parte, podem se assemelhar, diferenciar-se ou apresentar complementaridades com o discurso construído na sociedade capitalista, enfaticamente alinhado com os mecanismos de mercado e que sustentam idéias que cimentam a ética para o consumo.

Neste capítulo, estamos apresentando, a partir dos nossos dados empíricos e permeado pelo embasamento teórico anteriormente mencionado, uma série de análises de conteúdo do discurso religioso de bispos e pastores, e testemunhos de fiéis da IURD publicados na Folha Universal, que enunciam diálogos, aproximações e distanciamentos entre a teologia da prosperidade e o conteúdo do discurso, fundamentado no mercado e filosoficamente inspirado e legitimado pelo ideário neoliberal.

Entendemos, a partir do estudo dos princípios que norteiam o ideário neoliberal, seja entre os defensores desse constructo teórico (Hayek 1946; Friedman 1977; Novak 1982; Campos 1994,1997), ou dos que se posicionam de forma crítica em relação a essa teoria ou ideologia (Anderson 1995; Comblin 1999; Sung 1997), que o elemento aglutinador ou nuclear do neoliberalismo é o mercado. O mercado entendido

como gerador de riquezas, promotor de superação de problemas ou, ainda, solucionador de questões variadas no cenário social e econômico, em que ele é enfatizado ou disseminado pelos seus defensores. Diante disso, tanto os defensores quanto os críticos do ideário neoliberal nominam o mercado associado à ética de consumo como elementos basilares na sustentação e expansão do capitalismo contemporâneo.

A centralidade do discurso capitalista na atualidade está, especialmente, alicerçada no primado do mercado, como a esfera de superação de todos os problemas materiais que se levantarem diante dos indivíduos. Tomando como base essa premissa, em princípio, para o ser humano, só lhe é possível existir a partir da existência do mercado. Para esse (o mercado), são direcionados sonhos, desejos, aspirações, perspectivas e expectativas presentes e futuras, pois, na compreensão filosófica neoliberal, toda e qualquer possibilidade de ascensão social, progresso, crescimento, desenvolvimento, conquistas humanas, enfim, está condicionada à crença, eficácia, eficiência e poder do mercado na resolução de problemas.

É necessário ter esperança, crer e acreditar que “tudo é possível” para aquele que tem fé no mercado. Como afirma Sung, “para uma promessa tão grande como a ‘acumulação ilimitada de riqueza’ que satisfará ‘todos os desejos’, é necessário também uma fé imensa” (1997:26); a fé no mercado, que leva pessoas dos mais diferentes “estratos sociais” (Vila Nova, 1999:129) a projetarem suas esperanças nesse “ser” que, elevado ao “status” de sacralidade econômica, pela ideologia neoliberal, possibilita construir, nas mentes e corações, a suposta capacidade de promover a superação de “todos” os problemas da sociedade.

Para Hayek, não há prosperidade nem abundância sem que se creia e se submeta ao mercado: é “deixar livres os mecanismos do mercado para que estes

resolvam – de modo inconsciente – os nossos problemas sociais” (Hayek apud Sung, 1997:27).

Notadamente, há um sentimento e um significado “religioso” implícito na construção, apropriação e disseminação temática desse discurso, dotando-o de uma mística e magia quase miraculosa, taumatúrgica, na resolução dos diferentes problemas da existência do homem e do contexto social em que está inserido.

Em contraposição aos incrédulos e críticos dos poderes “miraculosos” do mercado, os seus acólitos afirmam que: se problemas existem onde o mercado foi implantado, o remédio eficiente para resolvê-los é prescrever mais mercado. Dessa forma, os seus defensores não descartam e não negam a existência de problemas nas sociedades capitalistas, porém não os atribuem ao sistema ou à teoria que lhe dá respaldo e legitimação. Pelo contrário, a questão é na posologia em que se ministrou o mercado, mesmo que, para isso, sejam necessários mais sacrifícios sociais e respectivos efeitos colaterais, pois afirmam que os sacrifícios se justificam em nome de algo maior e mais importante para “todos”, o mercado (Novak, 1982), que será capaz de prover tudo que os indivíduos desejarem. Assim, faz-se necessário crer em sua propalada eficácia, sob pena de não se poder usufruir das iguarias postas sobre a mesa do capitalismo contemporâneo.

### **3.1 – Vida e Vida com Abundância**

A teologia da prosperidade no campo religioso iurdiano promove entre os fiéis, por meio do conteúdo do discurso dos profetas da religião, um entendimento de que todos os problemas podem ser resolvidos por intermédio da fé em Deus, uma fé

que remete a sacrifícios, mas sacrifícios que, em nome da fé, concederão ao converso uma vida abundante, regalada e feliz.

O tema da prosperidade está presente tanto no constructo teórico que fundamenta o mercado na sociedade capitalista, quanto no discurso pastoral da IURD. Porém essa terminologia é manuseada dentro de construções teóricas e espaços sociais diversos, inclusive permeada por objetivos diferentes a serem atingidos. Todavia, a obtenção da prosperidade, tanto no espaço religioso estudado quanto na perspectiva das idéias que legitimam o mercado, exige parcela substancial de sacrifício, com a finalidade de se alcançar o desejado. Assim, o exercício sacrificial justifica-se tanto no cenário da religiosidade quanto no cenário das idéias econômicas, pois,

com a sacralização, o mercado, pelo fato de ser sagrado, pode exigir “legitimamente” sacrifícios de vidas humanas, de pobres e “incompetentes”; e apresentar o agravamento de problemas sociais como o caminho correto para redenção da economia (Sung, 1998:7).

Na IURD, a temática da prosperidade é discutida através da ênfase na conquista de bênçãos materiais e espirituais. Constrói-se, assim, mediante a ação dos sujeitos produtores do discurso religioso, uma relação possível de diálogo implícito e subterrâneo, com parte do ideário que justifica o mercado. Diálogo que se interpõe, interconecta-se, relaciona-se e se encontra, podendo chegar a divergir na forma, já que escolhe caminhos e percursos alternativos e diversos.

São como sementes lançadas por diferentes agentes sociais, em terrenos diferentes e com topografias díspares; sementes que floresceram, deram frutos e esses foram manuseados por diferentes mãos, em cenários também diferentes. Mas, através do manuseio dos resultados e objetivos do discurso religioso e do ideário econômico, puderam se encontrar e estabelecer afinidades eletivas, atração recíproca entre si e, em diferentes momentos, travar diálogos, mantendo cada um, em seu campo específico de

ação, suas peculiaridades, ou sua “autonormatividade” (Bourdieu, 1998:101). Isso nos possibilitou visualizar, nessa relação, o estabelecimento de consensos ou dissensos, confluência ativa ou distanciamentos. Chegamos, então, em alguns momentos, a encontrar elementos que se assemelham ou simplesmente diferenciam-se entre si.

A dialogicidade entre o discurso da teologia da prosperidade e o discurso do mercado, a partir da premissa de que ambos operacionalizam uma “religiosidade”, uma “crença”, uma “fé” se exterioriza e se legitima por meio do conteúdo discursivo no campo religioso estudado, intermediado pela ação discursiva dos seus produtores, bispos e pastores na Igreja Universal.

O discurso dos profetas da religião possibilita elaborar, nas mentes e corações dos conversos, a certeza e a convicção da bênção Divina na existência do crente, a partir da materialização dessas conquistas, alcançadas tanto no campo espiritual e físico quanto no aspecto material. Ter uma existência próspera é a prova cabal do derramamento do poder de Deus sobre a vida do cristão, que fora abençoado pelo Senhor com riqueza, abundância e prosperidade, nesta terra, em um contexto econômico que se fundamenta no ideário que rege o mercado e que nomeia, entre seus vários aspectos de sustentação filosófica, a ética para o consumo como indispensável para a sua expansão.

O enunciado prosperidade, também, está perenemente sendo (re)construído através das relações sociais, por intermédio do ideário econômico que legitima os princípios de uma ética voltada para o consumo e que transita na sociedade capitalista contemporânea, pois constrói-se filosófica e teoricamente a fé nos poderes do mercado como solucionador dos problemas socioexistenciais da humanidade.

A construção discursiva da TP está repleta de expressões e temas que enunciam a certeza de obtenção e usufruto de bens simbólicos e reais, sob a tutela da fé

em Deus, baseando-se nos elementos da confissão positiva e da batalha espiritual (Mariz, 1999). O converso iurdiano passa a ter a certeza de que pode obter nesta vida tudo que no seu imaginário é projetado como sinônimo de uma vida abundante nesta terra. Isso será conseguido pelo converso no exercício de fé no Senhor, através do “perfeito sacrifício”, com a finalidade de fruir os bens terrenos e espirituais que, por “herança”, foram prometidos por Deus aos seus filhos. O crente iurdiano é estimulado pela ação discursiva de bispos e pastores a visualizar e projetar a superação de “todos” os seus problemas e realizar os sonhos por intermédio do arcabouço doutrinário da TP.

Prosperidade significa bênçãos na vida espiritual e material do crente. Esse está inserido numa sociedade capitalista em que circula um discurso para o consumo de infindáveis bens que se situam na órbita do mercado, mediado pelos valores de um constructo teórico neoliberal. Desse modo, enfatizar a fruição de diferentes bens materiais, dispostos na sociedade capitalista, através da mensagem religiosa, possibilita estabelecer uma relação de correspondência, aproximação, “afinidade eletiva” (Weber, 1999) e “confluência ativa” (Michel Löwy, 1989) entre o conteúdo do discurso religioso iurdiano com elementos do discurso do mercado e da cultura de consumo, tendo em vista que:

Ser cristão é ser filho de Deus e co-herdeiro de Jesus; dono, por herança, de todas as coisas que existem na face da terra; proprietário de todo o Universo. Isto não é arrogância nem utopia; pelo contrário, é ocupar a posição que Deus quer que ocupemos, viver na real condição de filho de Deus, manifestando a Sua glória e exuberância. Você [...] é herdeiro de todas as coisas e na sua vida deve resplandecer a glória do seu Pai. Nada de se contentar com a desgraça ou com a pobreza. Levante-se agora mesmo e assuma a sua posição (Edir Macedo, 2000:13).

A compreensão que o sacerdote iurdiano tem acerca da prosperidade, está diretamente relacionada com a noção de herança, hereditariedade com Jesus, por intermédio da fé, que possibilitará ao crente, nesta vida, ser dono de todas as coisas.

O tema “terra” enfatiza o cumprimento das promessas neste mundo, fundamentando o conteúdo do discurso, dentro da perspectiva de uma igreja pós-milenarista, apta a usufruir, agora, os bens que estão postos sobre a face da terra, ancorada em uma ascese intramundana iurdiana.

A expressão “dono” remete ao conceito de posse (Gomes, 1994:249 ), que representa de forma real a apropriação de bens de diferentes características na sociedade capitalista, de mordomia cristã e de estímulo ao empreendedorismo. Isso confere consistência ao ideal iurdiano de prosperidade, nas diferentes correntes dos empresários, pois se afirma que não se deve aceitar a pobreza, mas apropriar-se da riqueza em todas as suas formas: “carros, casas, empresa, dinheiro, dívidas pagas, família feliz, vida sentimental abençoada, saúde” (Pastor 2, Anexo - Questões 7, 8, 9 e 10).

A prosperidade está representada, nesse aspecto analisado, pela fruição de bens materiais ou existenciais de que o converso puder se apropriar, consubstanciando, no discurso da TP, uma relação de diálogo que, em parte, está interligado a uma ética para o consumo, exemplificada pelo estímulo à fruição dos bens que circulam na sociedade capitalista, como um exemplo ideal de uma vida abençoada por Deus, na qual se insere um novo ethos religioso: externalizar os sinais de prosperidade ao invés de enfatizar os sinais de santidade.

Essa afirmativa serve como indicativo de que todo crente deve, em sua existência, “resplandecer a glória do seu Pai” (Ibid., Edir Macedo, 13), demonstrando a todos que é filho de Deus, certificando-se de que é um cidadão do Reino e, ao mesmo tempo, demonstrando à sociedade na qual está inserido que a mudança em sua vida não se processou apenas no campo espiritual, familiar, comportamental, mas configura-se, também, pela fruição de bens que o mercado oferece, e que ele, como um converso

“filho do Rei e herdeiro de Deus” (Pastor 5, Anexo - Questão 9) tem o direito inalienável de usufruir. Em relação a isso, é bastante significativo o que afirma um pastor:

Deus não nos fez por cauda, mas por cabeça, Ele quer que sejamos prósperos, ricos, abençoados nesta terra. O Senhor é o dono de todas as coisas, foi ele quem fez tudo que existe na terra e nós somos Seus filhos, seus herdeiros, donos por herança de tudo o que Ele deixou. Ele é o Rei e nós somos os príncipes, porque quem é filho de Rei é príncipe e príncipe nasceu pra viver bem. Meu irmão, determine isso na sua vida, decreta. Determine isso, que Deus vai lhe abençoar. Seja fiel a Ele e Ele vai mudar a tua vida, nada de pedir e exigir coisas pequenas, peça e exija de Deus coisas grandes, revolte-se com a sua situação, não aceite a miséria, não aceite uma vida derrotada, não aceite a miséria, você é filho do dono da prata e do ouro, você não nasceu pra ser empregado mas pra ser empresário, determine isso em tua vida, tenha fé, sacrifique a Deus de coração e Ele vai te abençoar, nada de derrotas, mas só vitórias. Você não tem carro? casa? não tem emprego? não é empresário? então você tem uma vida derrotada! Diga a Deus, eu quero um emprego, diga eu quero ter o meu próprio negócio! O mundo precisa saber que você é filho do Rei, exija de Deus um carro e um carro importado, exija de Deus uma empresa que seja sua, deixe de ser empregado e seja um empresário, determine isso em sua vida. Aqui tem muitos testemunhos dizendo que quando a gente tem fé e é fiel a Deus, Ele abençoa a gente (Pastor 1, Anexo - Questões 4, 5 e 6).

O contexto sócio-histórico em que o discurso dos profetas da religião está sendo produzido possui uma relação direta com os significantes que formatam a temática da prosperidade, tendo em vista que propicia ao crente projetar a convicção de que é possível se tornar incluído, celestial e materialmente. Concede-lhe a certeza de existencialidade – “usufruo, logo existo” – , aguça a sua estima em relação a uma sociedade de consumo marcada pelo capitalismo e regida pelas forças do mercado.

Esse discurso se torna possível em sua construção, principalmente dentro do espectro cultural e econômico do que se denomina “pós-modernidade” (Santos, 1996:10), que se baseia substancialmente na hipervalorização do consumo, mas agora de um consumo personalizado que “tenta a sedução do indivíduo isolado até arrebanhá-lo para sua moral hedonista – os valores calcados no prazer de usar bens e serviços” (Idem, 1996:10).

O discurso proferido pelos clérigos, na IURD, sugere adaptação social a uma realidade posta que é ditada pela ética de consumo. Essa concepção poderá se

tornar, em termos relativos, referencial de modelo presente e, possivelmente, futuro para o converso iurdiano porque, em torno do discurso religioso, o indivíduo sedimenta “visões de mundo”. Isso se concretiza a partir do tema da prosperidade, que percorre tanto o discurso religioso, quanto o campo das idéias que sustentam a fé no ideário do mercado presente na sociedade capitalista.

A legitimação desse discurso, entre os iurdianos, se dá por intermédio da utilização permanente de analogias bíblicas, baseadas em personagens vétero e neotestamentários, que são modelos de homens prósperos, exemplos inabaláveis da fé em Deus e que possuíam como marca dessa fé a prosperidade em todas as áreas das suas vidas, a exemplo de: Adão, Abraão, Isaac, Jacó, Davi, Salomão e o próprio Jesus Cristo, entre outros. Percebe-se, pelo conteúdo do discurso dos clérigos iurdianos, que essas analogias servem ao converso como referencial de exemplos vivos de que, no passado, homens de Deus foram abençoados e que as conquistas ou bênçãos demonstradas podem se reproduzir na vida do cristão iurdiano aqui e agora.

Esse discurso estabelece, também, uma relação mimética entre os “heróis da fé”, citados na Bíblia, com aquele que se converteu a Cristo na Universal, remetendo ao conceito de “desejo mimético” (Sung 1997:50 -58). Para justificar a prosperidade, buscam-se não apenas as analogias bíblicas, como também exemplos calcados em testemunhos de fiéis e em nações que apresentem grande crescimento econômico e que historicamente possuam tradição religiosa fundamentada bíblicamente em sua trajetória de organização, as quais, no entender dos sacerdotes, servem como referenciais dessa prosperidade.

Por exemplo, utiliza-se de forma reducionista, como figura de retórica, em pregações, os caso dos Estados Unidos ou de Israel, como símbolos de países ricos, prósperos, de povos prósperos, afirmando-se que grande parte da sua ‘riqueza está

relacionada com a fé que o povo pratica – o protestantismo e o judaísmo [respectivamente], pois são fiéis a Jeová” (Pastor 4, Anexo - Questão 13).

Dessa maneira, estimula-se o crente iurdiano a empreender os mecanismos de ação religiosa pela fé em Deus, com a finalidade de que seja, tanto ou mais próspero e abençoado, em sua existência, quanto os dos exemplos elencados.

Com relação a isso, Edir Macedo afirma:

O homem foi colocado na terra para viver em abundância, sobre a fartura e a prosperidade. Adão não tinha escassez de água, nem de alimentos, e nem precisava levar Eva, sua mulher, ao médico. Eles eram perfeitos e gozavam de perfeição de Deus, sem que lhes faltasse absolutamente nada. Tinham abundância de prazer, de energia e amor; viviam em plena e absoluta felicidade, pois para isso foram criados. Esta, inegavelmente, era a vontade de Deus para as suas vidas e as de seus descendentes. Bastava-lhes que dessem continuidade àquilo que Deus havia criado. Todas as coisas aqui na Terra lhes estavam submissas, e gozavam ainda do benefício da íntima e perfeita comunhão com Deus, o Criador. Deus sempre foi, é, e será o Deus de abundância. O Senhor Jesus disse: “O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância (João 10.10)”. [...] O grande desejo de Deus é que nos apresentemos ao mundo como verdadeiros filhos e cidadãos do Reino dos Céus, povo de propriedade exclusiva de Deus, nação pura e imaculada, capaz de mostrar para o diabo e seus demônios que somos algo mais especial e que temos um Pai que nos dá a verdadeira vida abundante (2000:22,24).

Há, no conteúdo discursivo de bispos e pastores iurdianos, uma defesa em torno da premissa da divinização e do usufruto de tudo aquilo que possa exemplificar sinais de uma vida abundante, regalada e feliz, representada pela saúde, a felicidade conjugal, a aquisição de bens materiais, o empreendedorismo, a cura de enfermidades e uma vida sentimental abençoada.

Nesse aspecto, a prosperidade coloca-se como um referencial multifacetado e repleto de significantes que, em contexto sócio-histórico, possibilita a formatação de significados que expressem, por meio do desejo de fruir bens que circulam na sociedade de consumo, a legitimação de um ideário que sustenta o mercado.

Através do conceito de vida abundante e dos diferentes bens que podem ser adquiridos pelo converso na sociedade capitalista, é conferido ao crente iurdiano, por meio do conteúdo do discurso da TP, a convicção de sua inclusão em um reino celestial dirigido por Deus, que deseja que seus herdeiros usufruam, na Terra, tudo aquilo criado por Ele. Assim, além de ter sido incluído espiritualmente, entre os remidos e salvos no Senhor, também poderá considerar-se incluído materialmente, estando apto a desfrutar de tudo o que existe na sociedade de consumo, de forma plena e imediata.

Ao crer na premissa da inclusão celestial associada a material na sociedade capitalista contemporânea, o crente iurdiano pode ser, em parte, influenciado pela ação discursiva pastoral, sedimentar valores e crenças na cultura de consumo e, por conseqüência, projetar, através do discurso clerical e embasado pela TP, conceitos que estabelecem determinadas afinidades com referenciais enunciadores do mercado. Pois “ser proprietário, dono, co-herdeiro de todas as coisas existentes na terra é um direito hereditário de todos aqueles que são fiéis a Deus na IURD” (Bispo Clodomir, Folha Universal - 06/01/2001).

Nesse contexto, constrói-se uma necessidade de que o converso desfrute dos bens existentes sobre a Terra, a fim de se estabelecer uma pronta convicção da bênção de Deus sobre a sua vida. Ter saúde, família feliz, obter bens de toda ordem é condição indispensável na vida daquele que se converteu, que sacrificou a Deus, e que empunha a bandeira da Igreja Universal, pois está vivenciando o cumprimento das promessas do Senhor, numa demonstração clara de que Deus deseja para todos os seus filhos uma vida abundante, tendo em vista que “Deus é o dono de todas as coisas, é um Pai rico e quer que seus filhos também sejam ricos” (Edir Macedo, 2000:23).

Na Igreja Universal se afirma, categoricamente, que a maior bênção que alguém pode alcançar em sua vida é a salvação da alma por meio da fé em Jesus Cristo; logo, a salvação eterna por intermédio da conversão. Todavia, por meio da TP, procura-se estabelecer a relação entre fé, salvação e prosperidade. Essa relação é um dos princípios de justificação de uma vida regalada, de uma existência feliz; cria-se e recria-se, através do discurso religioso, a certeza e a fé de que todas as coisas existentes pertencem a Deus para usufruto dos seus herdeiros. Logo, aqueles que se converteram a Jesus Cristo, na Igreja Universal, tornaram-se Seus filhos, podendo requerer de Deus o cumprimento das suas promessas na existência do cristão.

Deus criou o homem para que ele vivesse vida abundante. Não é o seu desejo que tenhamos uma vida cheia de sofrimentos e que vivamos a lamentar nossas culpas e nossos pecados. Não é também a sua vontade que sofram doenças ou que tenhamos uma vida de derrotas. Deus não deseja, na realidade, nada dessas coisas para os Seus filhos. A vida abundante que Deus, pelo Seu grande amor, nos garante através de Jesus Cristo, inclui todas as bênçãos e provisões que necessitamos ou mesmo que venhamos a desejar. [...] Deus nos reserva o direito de serem preenchidos em nós os três aspectos da vida humana que podem fazê-la feliz: espiritual, físico e financeiro (Edir Macedo, 2000:27).

A teologia da prosperidade, como um discurso religioso e escatológico, se propõe ampla e multidimensional, e procura entender e atender as demandas do indivíduo em seus múltiplos desejos e necessidades. Para isso, procura sintetizar e, ao mesmo tempo, abranger a existência humana, a fim de atender as suas demandas, assentada em três elementos paradigmáticos: o espiritual, o físico e o financeiro.

O espiritual, entendido como relação salvífica, que trabalha os aspectos imanentes diretamente ligados à fé do indivíduo em relação ao Sagrado, imprimindo credibilidade e reforçando a aura de magia e mística inerente a todo constructo religioso, a fim de conceder ao crente a certeza, pela fé, de que o mesmo conquistou o passaporte de cidadania celestial, e que é ‘um salvo em Cristo Jesus, passando a ter

uma vida renovada no sangue poderoso de Jesus Cristo, derramado na cruz, como símbolo do perfeito sacrifício” (Pastor 3, Anexo - Questão 7).

A IURD, compondo o espectro das religiões de salvação, prega de forma inexorável convicções religiosas que dão ao converso sustentabilidade e certeza de vida eterna, nas regiões celestiais, pós-morte, sem perder de vista as outras dimensões que completam a existência humana e a tornam “imensamente feliz”. Entre essas estão as bênçãos no campo da saúde física, espiritual e financeira.

Com a finalidade de ser uma teologia multidimensional, a TP, através do conteúdo discursivo dos profetas da religião, nomeia como um dos seus princípios e objetivos, o atendimento às demandas de saúde do converso iurdiano. Nesse contexto, enfatiza a busca do bem-estar físico do crente, relacionado à saúde do corpo, que deve estar livre de patologias, mas também livre da ação demoníaca que pode, na visão dos clérigos iurdianos, se apoderar não só do físico mas também da alma do indivíduo. Assim, a superação das patologias físicas ou espirituais autentica a marca de saúde, como sendo, entre outros, um dos sinais externos de prosperidade desejada e ansiada, de forma incontestável, pelo crente.

Inúmeras pessoas que buscam socorro nos templos da Universal em todo o país e que participam das correntes de libertação, da seção do descarrego, da corrente dos empresários e das campanhas de oração com diferentes finalidades, desejam, acima de tudo, resolução para os seus problemas.

A idéia de superação de problemas transforma-se, na Igreja Universal, em um elemento aglutinador e catalisador para a manutenção de uma clientela que, semanalmente e em diferentes dias e horas, se reveza nos milhares de templos existentes no Brasil. Ansiosa pela vitória prometida, superlota templos à espera da ação taumatúrgica do Senhor em suas vidas, e avidamente esperada pelos que carecem

de saúde e resolução de problemas físicos que, após a vitória conquistada, se transformará em um dos emblemas de uma vida abençoada e próspera.

Fechando o círculo de proposição da TP, temos o aspecto financeiro como elemento definidor e que mais é enfatizado no âmbito da Igreja Universal, tornando-se, segundo o discurso de bispos e pastores, condição imprescindível para a felicidade do converso.

O tema da prosperidade financeira na IURD é, geralmente, justificado e legitimado pelo embasamento hermenêutico iurdiano das Escrituras Sagradas, pois, para bispos e pastores, o dinheiro e o usufruto dos bens provenientes dele, desde que o mesmo seja usado e usufruído simultaneamente em fidelidade a Deus, trará incontáveis bênçãos para a vida do crente.

Na Universal, ao invés de se pregar o desestímulo à apropriação do dinheiro ou à fruição daquilo que o mesmo é capaz de conceder ao indivíduo, promove-se, exatamente o contrário: estimula-se, principalmente, a sua utilização no usufruto de bens de consumo de toda ordem e de forma imediata. Assim, acentua-se a certeza de que Deus está derramando bênçãos na vida do crente, desde que ele esteja sendo fidelíssimo para com o Senhor, por intermédio da IURD, passando a ter o direito de exigir de Deus o cumprimento das suas promessas, a fim de que seja possível se apropriar e usufruir de todas as coisas criadas pelo Senhor nesta terra.

Nessa perspectiva discursiva, consolida-se a assertiva de que a acumulação de riqueza, a auferição de dinheiro e a sua fruição são elementos constitutivos do conteúdo discursivo disseminado por bispos e pastores entre os conversos iurdianos. No entanto, também se critica o mau uso do dinheiro, inclusive, procura-se demover as pessoas de gastá-lo naquilo que “não convém do ponto de vista cristão” (Bispo Romualdo Panceiro, Folha Universal - 26/08/2000). Ou seja, é preciso

manter distância de tudo aquilo que do ponto de vista cristão não convêm moral espiritualmente.

Auferir riquezas em toda a sua polissemia, segundo o discurso religioso da IURD, funciona como uma das inúmeras demonstrações do poder de Deus na vida do crente, demarcando sua relação de fidelidade para com o Sagrado, galvanizando a visão de mundo de que o Senhor está abençoando o converso, cumprindo na existência dele as promessas de uma vida regalada e abundante, integrada ao funcionamento da sociedade capitalista.

Produz-se, conforme o discurso da TP, uma sacralização da vida financeira do cristão e, ao mesmo tempo, do dinheiro na vida da Igreja, como sendo a representação do sangue de Cristo, que se manifesta de forma real na existência do indivíduo e da IURD, quando o crente sacrifica, dizimando e ofertando ao Senhor de forma plena, na certeza de que, sobre as vidas dos que são fiéis,

Jesus derramará muitas bênçãos, bênçãos de saúde, bênçãos espirituais porque os demônios não terão poder sobre aquela pessoa que é fiel a Deus, aquele que quer deixar de ser empregado e ter o seu próprio negócio Deus vai abrir portas e fará de você um empresário de sucesso, para aquele que está desempregado, Deus abençoará com emprego, lembre-se que ter dinheiro não é pecado, ter uma casa bonita, ter uma empresa, ser empresário é bênção de Deus (Pastor 2, Anexo - Questão 13).

Um outro elemento necessário a nossa análise é a intensidade com que se enfatiza a lógica do “Ter” (Erich Fromm, 1982) no discurso da TP, encampado pela Igreja Universal. “Ter” representado pela obtenção de bens materiais, fruição desses bens, ou simplesmente desejo ou projeção psicológica de poder se apropriar de riquezas materiais no presente ou no porvir.

Isso demarca o sentido sócio-histórico, interligado ao mundo ataviado pelo mercado, chegando ao ponto, de pastores e bispos, em seus escritos, falas, ou a partir de testemunhos de fiéis, acentuarem a prodigiosa e incessante busca da

prosperidade por intermédio da obtenção e fruição das riquezas que a sociedade capitalista disponibiliza.

Através do discurso dos profetas da religião, estimula-se a apropriação dessas riquezas e seu respectivo usufruto, como um dever e um devenir de todo converso, tendo em vista sua parentela com o Ser que criou todas as coisas e que, sendo Seu herdeiro, passa a ter o direito de fruir de todos os bens “disponibilizados” por Ele.

O “Ter” é alçado, através do discurso religioso iurdiano, à condição de existência dos indivíduos. O “Ter”, ou quaisquer coisas que possam representá-lo na vida do converso, passa por um processo de (re)significação espiritual. Dessa forma, ter, no sentido de possuir, obter quaisquer bens que simbolizem, ou sejam sinônimos de prosperidade no âmbito da sociedade de consumo, confere legitimidade ao converso passando esse a conviver harmoniosamente com essa idéia, pois diviniza-se o ter, como certeza inquestionável de que Deus está providenciando sobre as vidas dos seus filhos fiéis o cumprimento das suas promessas.

A partir dessa sacralização, passa-se a desconstruir preconceitos em relação ao dinheiro, à acumulação de riquezas, à obtenção de bens materiais, tornando-os fatos naturais na vida dos crentes que exercitam o “perfeito sacrifício” a Deus no lócus da IURD.

Diante dos pressupostos que fortalecem o discurso do ter e do mercado na sociedade capitalista, inclui-se uma preocupação em visualizar e lidar com o dinheiro de maneira plenamente natural. Utilizando argumentos bíblicos, os profetas da religião procuram justificar ou legitimar a adaptação do crente a uma sociedade delineada eticamente pelos valores do mercado e da sociedade de consumo, quando certificam, por intermédio do constructo da TP, que a obtenção e fruição das riquezas,

nesta terra, é um direito do crente iurdiano que passa, necessariamente, pela chancela Divina.

Essa premissa cunhada pela TP aproxima-se, em uma espécie de relação, afinidade ou confluência ativa, com o que Michael Novak (1982) afirma. Na tentativa de construir uma teologia do mercado, esse autor diz que o sistema capitalista é a reprodução do Reino de Deus na terra, e que o cristianismo respalda as relações de mercado assentadas no que ele denomina de “capitalismo democrático”.

Diante disso, faz-se necessário, na visão de Novak, construir uma nova teologia, que esteja apta a contribuir com as forças de mercado, sem necessariamente interferir nelas, tornando-se uma expressão ética no contexto de adaptação ao “capitalismo democrático”, além de enfatizar, através do conteúdo discursivo sacerdotal, “afinidade” ou “confluência ativa” em direção a uma ética de valorização e assimilação de determinados sentidos, significados e idéias presentes no capitalismo contemporâneo. Entendemos que a TP como formação doutrinária, sacral e escatológica surge no espaço religioso iurdiano como construção religiosa possuidora de elementos convergentes e promotores de afinidades eletivas com a lógica e ideologia que rege determinadas idéias econômicas e sociais no espectro do capitalismo atual.

Consubstancia-se, a partir da TP, a idéia de que os crentes existem na terra para serem mordomos, administradores dos bens naturais e materiais que o Senhor criou. Constrói-se, através desse discurso religioso, uma relação interacionista entre o converso e Deus na condução dos bens terrenos, passando-se a encarar a acumulação, a auferição de riqueza e consumo de bens, dispostos sobre a Terra pelo Criador, como algo justo, normal e peculiar entre aqueles que carregam a marca de crentes iurdianos.

João, o apóstolo do amor, que sabia perfeitamente e melhor do que ninguém que a vontade de Deus era abençoar completamente todo aquele que cresse em Jesus Cristo, disse: “Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma” (3 João 1.2). A expressão ‘em todas as coisas’, claramente, inclui abundância financeira. Para receber as bênçãos materiais, pela fé, você deve fazer o seguinte: Estar convencido de que Deus quer que você prospere financeiramente. Estar disposto a aceitar a responsabilidade de ser um dos sócios e administradores da obra de Deus. [...] Todas as riquezas do mundo foram criadas pelo nosso Pai. O ouro e a prata, o petróleo e os minerais, as pedras preciosas e os campos, os rebanhos e as manadas. Ele é o dono de tudo. [...] E também é bom para Deus que nós tenhamos bastante dinheiro a fim de que Ele possa, através de nós, alcançar os perdidos deste mundo com a mensagem salvadora do Senhor Jesus Cristo. [...] Nunca ouça a voz dos inimigos de Cristo, que, através de mensagens demoníacas, afirmam que o dinheiro é mau, que a riqueza é diabólica ou coisa semelhante. Procure entender que o que você tem pertence a Deus, e que, quanto mais você se coloca em Suas santas mãos, mais Ele o usa como Seu embaixador, procurador ou administrador (Edir Macedo, 2000: 28,30).

Através do discurso de pastores e bispos iurdianos, ter riqueza, em suas multifacetadas formas, seja através das bênçãos espirituais ou materiais, é algo que deve compor a existência do converso. Ao contextualizarmos esse discurso, dentro do marco de uma sociedade capitalista, constatam-se afinidades eletivas entre o conteúdo discursivo iurdiano ancorado na TP e o discurso recorrente na sociedade inspirada nos ideais do mercado, em que se elabora uma construção de sentidos e significados que remetem a uma concepção de fruição de todo um arsenal de bens materiais produzidos, e que estão em circulação na sociedade capitalista contemporânea.

Isso permite desconstruir quaisquer idéias que remetam a demonização do dinheiro ou da riqueza. Pelo contrário, tê-lo é antes de tudo um selo de garantia de uma vida abençoada, configurando a ação divina na existência daquele que aquire riqueza, podendo esse se auto-intitular como ‘embaixador, procurador ou administrador’ de tudo o que o Senhor construiu e deixou sobre a terra.

Deus criou todas as coisas com abundância e nos colocou no meio delas. Ele é rico e nos adota quando recebemos Jesus em nossos corações. Ele deseja que gozemos a sua plenitude espiritual, física e materialmente (Edir Macedo, 2000: 36).

No conteúdo do discurso religioso iurdiano, encontramos uma fundamentação recorrente nas experiências de vida dos próprios líderes da Igreja,

servindo de exemplo vivo da ação de Deus, e que deve ser seguido por todos aqueles que têm fé em Jesus. Isso é utilizado como retórica e argumento religioso, a fim de justificar a possibilidade de que também se processe na vida do converso iurdiano a mesma ação divina que foi capaz de proporcionar a líderes espirituais uma vida abundante em diferentes áreas da sua existência.

Ao mesmo tempo em que exemplifica as bênçãos conquistadas pelos seus líderes, a Igreja Universal legitima não só as suas lideranças eclesiais, através do exemplo de vida abundante a ser seguido ou mimetizado, mas reforça e justifica sua ação discursiva em torno da TP. Dessa maneira, sedimenta, por meio do discurso religioso, um mimetismo em relação à sociedade de consumo, tendo em vista que grande parte dos textos analisados – sejam esses de pastores, bispos ou de membros da IURD em seus testemunhos escritos – se encontram eivados de significados, que remetem à apropriação e fruição de riquezas que circulam na sociedade capitalista.

Em relação a isso, o bispo Edir Macedo se faz exemplo de vida com abundância e de superação de problemas por meio da fé e do “perfeito sacrifício”, justificando a relação mimética que o discurso religioso enfatiza:

Lembro-me perfeitamente de quando me casei, em 1971. Recebia ordenado de apenas quinhentos e cinquenta cruzeiros mensais. Pagava aluguel de Cr\$ 315,00 e dava Cr\$ 55,00 de dízimo. Era um verdadeiro desafio para mim, pois, como poderia viver com o que sobrava, para sustentar a casa e arcar com as despesas de móveis e utensílios de que todo recém-casado necessita? Eu sabia que a minha prosperidade dependia muito da minha fidelidade a Deus, e nunca hesitei em fazer prova dEle. Continuei não somente dando o meu dízimo, mas dava também ofertas e ofertas especiais na igreja que freqüentava. O Senhor não manda prová-Lo para que a bênção venha sobre nós? Provei a Deus e Ele me respondeu. Onze meses após o casamento, além de ter todas as contas em dia, tive a satisfação de sair de uma agência de automóveis com um carro zero quilômetro. Deus abençoou o meu emprego, me fazendo galgar postos importantes, aumentando o meu salário, e até hoje nunca me faltou nada (2000:50-51).

A partir do discurso religioso proferido na Igreja Universal pelos seus clérigos, é possível visualizar a relação entre prosperidade, sagrado e mercado, em uma perspectiva que remete à reprodução e à imitação de uma situação social e econômica

perpassada pelos apelos à lógica do consumo, ancorada numa visão de mundo que se aproxima de valores elitizados, que são estruturados, inspirados e influenciados por valores e anseios de consumo projetados pela elite. Esses anseios se reproduzem e se disseminam por intermédio dos meios de comunicação de massa, nos diferentes estratos sociais, inclusive, estratos sociais inseridos e representados através dos 2 milhões de membros da Universal, que estão em circulação, em milhares de templos espalhados pelo Brasil.

O desejo de obtenção de bens materiais compõe a dogmática da maioria dos indivíduos inseridos em uma sociedade capitalista. A TP difundida entre os iurdianos consegue, por meio do escopo da sacralidade, projetar nas mentes e corações de membros e clientes da IURD, através do conteúdo do discurso dos profetas da religião, a possibilidade de fruir esses bens. Isso nos permite acreditar que, na sociedade capitalista, os desejos de desfrutar dos seus bens pode se tornar verossímil, factível, por intermédio da TP, fundamentando uma análise teológica da realidade.

Mediante o conteúdo discursivo da TP, constrói-se a idealização de que é necessário usufruir o que o mercado oferece. E, em parte, o que ele oferece é um desejo construído pelas elites, mas que se transforma em desejo das camadas intermediárias e populares, como afirma Sung:

É porque a maioria – imitando o desejo de consumo da elite – deseja também consumir as novidades do progresso, que este mesmo progresso vai na direção da ampliação da produção destes bens para as massas (1997:54).

Esse desejo, construído e reconstruído socialmente, encaixa-se nas prerrogativas do capitalismo contemporâneo ancorado no constructo teórico ou ideário neoliberal, que entende o consumo como imprescindível para a sua expansão, em uma

afirmação de que o “ter não somente se tornou central, mas está assumindo a proporção de quase totalidade” (idem 1997:70).

Nessa construção teológica, estimula-se o laicato da IURD por intermédio do discurso clerical, a utilizar o dinheiro de forma ampla, estabelecendo que essa utilização deve prenunciar a glorificação de Deus e, conseqüentemente, deve redundar também na manutenção da Igreja Universal, a fim de que o Senhor possa abençoá-lo espiritual e financeiramente, fazendo-o prosperar em todas as áreas da vida.

### **3.1.1 – Dinheiro: “ferramenta sagrada”**

Na visão dos clérigos iurdianos, através da TP, o dinheiro é uma “ferramenta sagrada” (Edir Macedo, 2000:52), disponibilizada na vida dos conversos iurdianos, para possibilitá-los obter os bens necessários a sua sobrevivência e para que sejam fiéis a Deus, a fim de que Ele possa prover mais dinheiro, mais bênçãos espirituais e materiais, tanto no presente como no porvir.

Os bispos e pastores da IURD buscam estabelecer, de forma concreta e na realidade dos seus assistentes (membros, clientes), a convicção de que não há pecado ou empecilho divino em acumular, se apropriar e usufruir de todo arsenal de bens em circulação no âmbito da sociedade capitalista.

Promove-se, por intermédio da ação discursiva dos clérigos iurdianos, a divinização do dinheiro, como conduto que levará o converso a percorrer os vasos comunicantes que formam o mercado e que lhe possibilitarão obter, com a bênção do Criador, todas as coisas que estão dispostas nesta sociedade capitalista, desde que o mesmo pratique a fidelidade e exercite a “fé inteligente, uma fé determinada e que

confesse vitórias ao invés de derrotas” (Pastor 2, Anexo - Questões 12 e 13). Assim, tudo será possível ao converso que é fiel a Deus e “Ele determinará a sua vitória, seja na vida espiritual ou financeira” (Pastor 2, Anexo - Questão 10), pois o crente conseguirá da parte de Deus as suas promessas. No entanto se faz necessário “obedecer ao Senhor, arrepender-se dos seus pecados, entregar sua vida a Deus e ser fiel a Ele em seus dízimos e ofertas” (Bispo Natal Furucho, Folha Universal - 02/07/2000). Percorrendo essas etapas, constrói-se, através da ação discursiva sacerdotal iurdiana, a possibilidade real de obtenção de riquezas e de bênçãos em todas as áreas da existência do converso.

O dinheiro, dentro de um sistema econômico como o capitalismo, simboliza poder, “status”, inserção e ascensão social e, ao mesmo tempo, materializa desejos e possibilita projetar sonhos que podem se realizar no contexto de uma sociedade de consumo, que prima por construir, através dos sistemas de mercado, “necessidades” no imaginário da imensa maioria da sociedade. Isso incentiva, em grande parte o desejo de obter bens, usufruí-los e utilizá-los como mecanismo de exteriorização de riqueza ou de simples ascensão em um contexto específico, propiciando localizar o indivíduo entre aqueles que alcançaram prosperidade no campo espiritual e econômico.

Na IURD, a TP agrega à obtenção de prosperidade econômica o elemento religioso, como justificativa e legitimação das riquezas auferidas numa sociedade capitalista. Entende-se que as riquezas transcendem a esfera material, pois possuem interconexão na vida dos seres humanos, mediante o conduto da fé que cada indivíduo exercita em relação a Jesus Cristo.

O dinheiro, o mercado, a sociedade de consumo e os seus congêneres, mediante a discursividade da TP, passam a ter caráter relacionado à ação do Divino na

vida do crente iurdiano. É o que afirma o bispo Edir Macedo, quando procura explicar o significado sagrado e material do dinheiro no seio da igreja e da sociedade:

O dinheiro é uma ferramenta sagrada usada na obra de Deus. Ele é o dono de todas as coisas, mas nós somos os sócios nos Seus empreendimentos. Dessa maneira, o dinheiro, que é humano, deve ser a nossa participação, enquanto que o poder espiritual e os milagres, que são divinos, são a participação de Deus. Em quase todas as nossas concentrações temos ensinado às pessoas que é fácil prosperar quando obedecemos à Palavra de Deus. [...] Para edificarmos prosperamente a nossa vida, temos de obedecer à Palavra de Deus. Se Deus nos manda dar o dízimo, façamos isso e esperemos a resposta. A lei de dar e receber não é apenas uma lei física; é, também, uma lei espiritual. Até o próprio Deus não escapou dessa lei, quando deu o Seu próprio Filho para que pudesse receber as nossas vidas e o nosso louvor (2000:52-53).

Uma vida abundante, entre os iurdianos, tem um significado de divinização, mesmo quando todas as conquistas materiais possam ser explicadas meramente pela racionalidade econômica ou notadamente pelos esforços, competência e criatividade humanas. Mesmo assim, verifica-se uma recorrência em se explicar quaisquer êxitos, relacionando-os aos aspectos que formatam a TP dentro do âmbito da sacralidade.

Todavia, isto será operacionalizado na vida do converso, segundo o discurso sacerdotal, a partir do momento em que o mesmo prove a Deus, pratique o exercício de dizimar ao Senhor, sendo-lhe fiel por intermédio da Igreja Universal. Somente assim “será possível alcançar as primícias desta terra e usufruir de todas as coisas criadas por Deus e deixadas para os seus sócios e administradores de todas as suas riquezas e bens criados por Ele” (Pastor 5, Anexo - Questões 7 e 8). Sobre isto o Bispo Edir Macedo acrescenta:

Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus com respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como os senhores Colgate, Ford e Caterpillar. Homens que, além dos negócios e do acúmulo de riquezas, se preocuparam com a fidelidade a Deus e foram abençoados cada vez mais. Você está convidado a ser dizimista [a praticar o perfeito sacrifício]; a provar o amor de Deus e o Seu plano em relação ao dinheiro. Passe a provar a Deus nesse aspecto e veja o que acontecerá na sua vida [...] todas as pessoas ficarão surpresas com a sua prosperidade; seu dinheiro nunca acabará, pelo contrário, se multiplicará de tal maneira que você terá oportunidade de adquirir aquilo que sempre desejou. Nada irá lhe faltar, absolutamente nada, porque o Senhor

estará contigo. Plenitude de paz, de alegria, de felicidade e de prazer; plenitude de alimentos, de energia e de forças; plenitude de saúde, de amor e de vida (2000:58-59).

### **3.1.2 – Imperativo Sagrado: “ser sócio de Deus”**

Outro tema que remete ao significado socialmente construído pelo discurso de bispos e pastores iurdianos, e que no campo econômico capitalista é operacionalizado de forma abrangente, é o enunciado “ser sócio”. Nesse aspecto, enfatiza-se a dinâmica da vida cristã em uma perspectiva de relação associativa com o Sagrado, em que o Mesmo constituiu para serem os seus sócios na Terra, os conversos fidelíssimos a Ele, a fim de proporcionar-lhes domínio sobre toda a sua criação.

Essa temática está implícita no conteúdo da mensagem religiosa iurdiana e, de forma mimética, o converso assimila em sua existência a promessa de que Deus o constituiu como sendo seu embaixador, mordomo de todas as coisas deixadas por Ele nesta terra. Evidencia-se que o converso passa a se sentir, mediante o discurso da TP via bispos e pastores, como administrador de toda a riqueza aqui existente, certo de que é co-herdeiro de Deus.

A prerrogativa de administrador dos bens deixados pelo Senhor coloca-o na posição de protagonista e conduto da vontade de Deus para expandir o Seu Reino sobre a terra, otimizando o sentido de existência do converso aqui e agora, pois o mesmo passa a ter o direito de fruir as primícias das riquezas produzidas neste mundo, pois são “feitura de Deus e concedidas por Ele aos seus filhos fiéis” (Bispo Natal Furucho, Folha Universal - 26/03/2000).

Segundo o discurso dos clérigos da IURD, ser sócio de Deus é imperativo sagrado, é uma determinação divina, ancorada na vontade do Senhor. Resta

apenas que os crentes assumam isso em sua vida, e cumpram de forma cabal essa prerrogativa, a fim de que possam exercitar a fé em sua plenitude e, através dela, praticar o sacrifício perfeito a Deus. Dessa forma, passará a ser um forte candidato a usufruir as bênçãos que Ele derramará sobre as vidas dos seus sócios nesta terra, desde riquezas espirituais até as mais sólidas riquezas materiais. Assim, conforme a ação discursiva de pastores e bispos iurdianos, há de se cumprir o que está estabelecido por Deus na existência do converso, na Universal.

Uma das maiores revelações dadas ao homem é a de que Deus deseja ser nosso sócio. Deus precisa de você, para lhe dar oportunidade e participar de suas bênçãos e ajudá-lo a transmitir a todas as pessoas a Sua palavra. Quando Deus criou o homem, Ele o fez à Sua imagem e semelhança a fim de que este viesse a manter comunhão com Ele. Assim como fez alianças com Adão, Moisés, Abraão, Isaque e Jacó, também quer fazer conosco, com você. As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é dEle (as bênçãos, a paz, a felicidade, alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus; a Bíblia diz que somos co-herdeiros de Cristo e herdeiros de Deus. [...] Não perca a oportunidade de ser sócio de Deus. Coloque-se à Sua disposição com tudo o que você tem e comece a participar de tudo o que você tem e comece a participar de tudo o que Deus tem também (Edir Macedo, 2000:59-60).

O iurdiano é instruído a se apropriar de todas as bênçãos que, através do discurso religioso, tomam a forma de sacralidade e de representação do agir de Deus em sua vida, independentemente de as auspiciosas bênçãos estarem estabelecidas no campo espiritual ou material, desde que, mediante o discurso profético ancorado na TP, estejam representando a vontade de Deus na vida do converso iurdiano. Sacraliza-se tudo o que for possível obter, acumular, fruir no campo material e que esteja diretamente relacionado com os bens produzidos e em circulação na sociedade de consumo, pois “é bom que os filhos de Deus gozem aqui e agora da vida regalada, farta e próspera” (Bispo Clodomir, Folha Universal - 27/11/2000).

Uma das marcas da acessibilidade a Deus e da sua sociedade com Ele, segundo a discursividade dos clérigos iurdianos, reside, entre outros aspectos, em obter, na existência de sócio de Deus, as suas riquezas, as suas primícias, tendo o

controle sobre toda a criação do Sagrado e fruindo as suas delícias. Diante dessa asserção, as expressões “você não nasceu para a pobreza e miséria e sim para a riqueza” (Pastor 4, Anexo - Questão 7), “seja empresário e não empregado” (Pastor 3, Anexo - Questão 9), “você é sócio de Deus e co-herdeiro das suas riquezas” (Bispo Clodomir, Folha Universal - 14/03/ 2001), “Deus lhe fez por cabeça e não por cauda você tem o direito de possuir todas as coisas por herança deixado pelo nosso Deus” (Pastor 5, Anexo - Questões 5 e 6), remetem-nos à idéia de prosperidade e abundância em uma afirmação eminentemente material, relacionada com a noção de “ter” na sociedade capitalista contemporânea, afinado com a cultura de consumo que permeia a sociedade na atualidade.

Portanto, é uma abundância que deve ser vivenciada no plano terreno, neste mundo, de forma imediata e dentro de um sistema econômico construído socialmente, ancorado por uma ideologia que formata significados que estão vinculados de maneira implícita ou explícita a valores éticos e ao ideário que sustenta o mercado, em uma sociedade valorada pela ética de consumo. Estabelece-se, assim, uma confluência ativa entre o discurso clerical iurdiano assentado na TP e o ideário que norteia a sociedade capitalista, em uma fecunda aproximação entre idéias religiosas e idéias ou constructo teórico que embasam o mercado na contemporaneidade.

### **3.2 – Fé com Inteligência: O livre arbítrio entre uma vida miserável ou abundante**

A fé é um motor impulsionador para as grandes conquistas humanas, tanto para os adeptos do mercado, que depositam nele confiança e apostam nas suas

qualidades e poder em resolver problemas, quanto para os adeptos de uma religião independente da divindade, a qual se cultua, mas se depositam anseios e esperanças naquilo que pode ser auferido nesta vida ou na vida pós-morte. Logo, os possíveis fracassos ou vitórias na existência do converso justificam-se, respectivamente, ou pela falta de fé ou pela existência dela na vida espiritual do crente.

A fé na concepção dos profetas da religião iurdiana deve ser exercida de forma inteligente, ou por um exercício que, na linguagem de bispos e pastores iurdianos, se encaixe no que denominam como “fé inteligente”, a qual o cristão deve exercitar, a fim de conquistar “coisas grandes” (Bispo Romualdo Panceiro, Folha Universal - 09/08/2001).

De fé inteligente os clérigos iurdianos denominam a crença sem reservas em Deus, entregando-se completamente a Ele, concedendo-lhe, através do “perfeito sacrifício”, as primícias de tudo o que o converso possui, pois, dessa maneira, ele será abençoado em todas as áreas da sua vida, incluindo, em especial a área financeira.

Para legitimar a noção de fé inteligente, bispos e pastores iurdianos tomam exemplos bíblicos que reforçam o mimetismo discursivo, procurando dar embasamento teológico as suas afirmações. Imprime-se, ao discurso religioso, imutabilidade através do tempo, a fim de adaptar-se às diferentes necessidades e contextos sócio-históricos que se desenharem e que os membros e clientes da IURD forem capazes de construir no contexto de uma sociedade capitalista, com o objetivo de atender demandas tanto espirituais quanto materiais, que são requeridas pela imensa maioria dos que freqüentam a IURD. Ou, ainda, esses exemplos permitem que o discurso da TP se adapte a diferentes contextos e demandas sociais, diante da versatilidade que a temática da prosperidade demonstra no seio da Igreja Universal.

A temática da fé inteligente, no âmbito discursivo de pastores e bispos iurdianos está relacionada, em tom revelador, com a capacidade de o converso requisitar e conquistar bênçãos de Deus. Porém, aquele que não as conquistar terá em sua consciência a certeza de que o que falhou não foi o sistema econômico ou a pregação do profeta da religião, mas, sim, a sua capacidade de exercer o que se denomina fé inteligente, no entender de bispos e pastores iurdianos. Portanto, o crente não a praticou de forma plena, não sacrificou tudo a Deus; logo, a ineficácia está no indivíduo e não no sistema social, econômico ou religioso.

As vitórias, conquistas e a vivência da prosperidade redundam na fé individual do crente para com Jesus, mediante o estabelecimento da sociedade com o Criador, ancorada na obediência, na fé absoluta e no perfeito sacrifício a Deus. Obtém, então, como resposta, uma vida de plenitude de abundância, referenciada pela certeza de atingir objetivos espirituais e materiais grandiosos, ancorada na fé que deve ser pronunciada dentro do modelo da confissão positiva e baseada no pensamento de Kenneth Hagin. Dessa forma, o converso deve confessar e decretar a certeza de vida abundante através de palavras afirmativas e positivas, crendo que há poder nas palavras proferidas pelo converso para determinar uma vida repleta de bênçãos, uma vida abençoada, em que se deve declarar a obtenção de conquistas grandiosas, aqui e agora, porque:

Deus nos chamou para coisas grandes e você, pela sua fé, é que tem que tomar posse da grandeza de Deus. Em Abraão, nós temos o modelo da fé conquistadora e salvadora. A partir do momento em que você assume a sua fé 100% no Senhor Jesus, sem reservas, sem questionamentos, você passa a ser filho, na fé, de Abraão, o que significa dizer ser descendente de Abraão, filhos da fé abraâmica. Você é herdeiro dessa promessa, e como tal cabe a você possuí-la. A Palavra de Deus é infalível e você verá as promessas dEle se cumprirem na sua vida (Bispo Romualdo Panceiro, Folha Universal - 18/06/2000).

Essa doutrina religiosa se caracteriza por explicar o mundo, as relações sociais e as ações dos indivíduos, por intermédio dos mecanismos transcendentais. A

TP, como uma doutrina religiosa, oferece suporte teológico a um conjunto de dois milhões de membros que compõem a Igreja Universal no Brasil. Assim, procura justificar e legitimar o seu discurso por intermédio da fé, procurando explicar os sucessos ou insucessos na vida do crente, mediante o escopo da sacralidade e da fé que o ser humano efetivamente exercita.

Diante disso, a TP procura abarcar e atender diferentes desejos e necessidades produzidas pelos indivíduos influenciados pela lógica de uma cultura de consumo no contexto do capitalismo contemporâneo. Diferentes demandas sociais são requeridas por milhões de pessoas que procuram diariamente os templos da Igreja Universal no Brasil. Não obstante, os profetas da religião, utilizando-se da TP, procuram construir discursos que, em sua polissemia teológica, possibilitem ao laicato projetar em suas mentes e corações a certeza de superação de inúmeros e diversificados problemas, contanto que todos possam usufruir aqui e agora, em plena sociedade capitalista, das primícias de tudo o que o Sagrado deixou como “herança nesta terra para os Seus filhos fiéis” (Edir Macedo, 2001:39), como prova inexorável da prática e crença inabalável na “fé inteligente”.

### **3.3 – TP: messianismo polissêmico**

Há várias doutrinas, mas nem todas podem ser consideradas religiosas, pois não explicam as ações dos sujeitos em sociedade pelo conduto da sacralidade e da transcendentalidade, mas através dos elementos que remetem a outros valores, concepções e explicações que se afastam da esfera teológica.

A TP coloca-se como doutrina religiosa, explicativa, resolutive, profética, taumatúrgica, que toma um caráter transcendente, sem abrir mão das questões existenciais, seculares, materiais que fazem parte da vida humana. Trabalha as questões implícitas que revestem o indivíduo, sem se despreocupar e deixar de considerar a construção de respostas às demandas materiais dos seres humanos no contexto sócio-histórico em que o mesmo está inserido.

A teologia encampada pela IURD trabalha com inúmeras possibilidades, não se detém apenas no critério da salvação em Jesus Cristo, mas centra, também via discurso religioso, a proposta de solução de problemas de diferentes características, independentemente do tempo, do lugar, da pessoa e da sua história. Sua proposta de resolução de problemas é, ao mesmo tempo, universalista e individualista: ela discute os problemas implícitos do indivíduo, sem abdicar dos explícitos.

Essa teologia se propõe abrangente, multifacetada e inclusivista, independentemente do estrato social ao qual pertença o suplicante, pois o seu discurso, de forma versátil, trabalha com a possibilidade de atender demandas de toda ordem, concedendo-lhe visibilidade, porque trabalha com desejos e sonhos que circulam no inconsciente coletivo de milhões de pessoas, independentemente de classes, credo religioso, posição social.

O conceito de prosperidade possui diferentes significados: ele torna-se volátil e fluido, mas, na IURD, por intermédio da TP, foi possível sistematizá-lo e adaptá-lo às diversificadas realidades humanas que são construídas por diferentes indivíduos na sociedade brasileira.

A grande preocupação da TP, segundo os clérigos iurdianos, é solucionar problemas. Por isso, defendemos que o crescimento e visibilidade da IURD

explica-se, sobretudo, pela opção teológica doutrinária e escatológica que essa Igreja fez, o que lhe concedeu a capacidade de empreender um discurso de salvação, de participação e de auferição de bens em toda a dinâmica da sociedade de consumo. Assim, reconfigurou o discurso religioso e o inseriu no contexto da discursividade presente na sociedade capitalista contemporânea, norteadas pelo ideário que fomenta o mercado e a ética de consumo.

Os testemunhos analisados, também, justificam a aproximação, a “afinidade eletiva” entre o discurso ou idéias que norteiam o mercado e a ética de consumo, em sintonia com o discurso religioso iurdiano, sedimentando conceitos e categorias analisadas em nossa pesquisa, que estão interconectadas pela dialogicidade entre a ação discursiva de pastores e bispos da Universal. Essa ação clerical, por intermédio da TP simultaneamente ligada à estrutura escatológica pós-milenarista, promove a fundamentação necessária a uma ascese intramundana iurdiana, estabelecendo pontos de contato com determinadas idéias que legitimam o mercado e a ética para o consumo.

Os testemunhos publicados na Folha Universal, na seção “Milagres da Fé”, retratam tanto conquistas materiais, quanto superação de problemas espirituais de toda ordem. Os testemunhos que, na verdade, são fragmentos ou breves histórias de vida de adeptos da IURD, além de serem publicados no Jornal Folha Universal, são divulgados em programas radiofônicos e televisivos.

Os relatos de fiéis que tematizam a superação de problemas de diferentes características têm lugar garantido na liturgia iurdiana, reservando-se tempo suficiente para que se exponha tudo o que mudou na vida do cristão após se converter à Igreja Universal e, é claro, ter colocado em prática a “fé inteligente” ou, ainda, vivenciar o “agir a fé” (Bispo Clodomir, Folha Universal - 11/12/2001).

Geralmente, após a pregação do pastor ou do bispo, intercala-se a seção de testemunhos, associando-os ao tema daquele dia de culto. Dessa forma, o converso iurdiano externaliza suas vitórias espirituais, existenciais ou conquistas financeiras, pois, para cada dia de culto, existe uma temática específica. Os testemunhos são direcionados liturgicamente para que se encaixem nas pregações dos clérigos iurdianos, vinculando-se à temática religiosa que está sendo apresentada naquele dia específico.

Esse expediente passa a conferir à pregação dos profetas da religião, na IURD, maior legitimidade. Enfatiza-se, entre os clientes, membros e demais segmentos sociais que tomam conhecimento dos êxitos de pessoas que freqüentam a Universal, que essa Igreja produz eficácia religiosa e, por meio dessa eficácia espiritual, é possível se obter a eficácia existencial e econômica, ou no dizer de um pastor:

Na IURD, Deus é um Deus vivo, é um Deus que age, Ele salva, é um Jesus que faz, que realiza sinais e prodígios, Jesus aqui funciona, porque cura, restaura o enfermo, destrói o poder do diabo na vida das pessoas, expulsando os demônios, livra as pessoas das drogas, dos vícios, da prostituição, conserta os lares destruídos por satanás e dá uma vida de riquezas, uma vida de príncipe, uma vida com abundância. Você já viu quantas pessoas depois que chegaram aqui melhoraram de vida? Muitas. Existem vários testemunhos que mostram pessoas que eram pobres e depois que entraram na Universal resolveram seus problemas financeiros, pagaram dívidas, têm seu próprio negócio, muitos estavam desempregados e conseguiram emprego, outros que eram empregados são hoje empresários, conquistaram vitórias. É por isso, e muito mais, que as pessoas procuram a Universal, muitos nos criticam, dizem isso e aquilo de nós, mas aqui Deus funciona, e é por isso que a Igreja cresce, cresce porque é uma Igreja onde o poder de Deus funciona (Pastor 1, Anexo - Questão 3).

Situamos em nossa análise de conteúdo testemunhos que têm uma intrínseca correspondência com a TP, com o mercado, a ética para o consumo, com o conceito de propriedade inextrincável e presente no ideário capitalista em associação com a noção do “perfeito sacrifício”, expressado pelo tema da fidelidade, que configura na visão clerical como um dos determinantes de uma vida abundante, relacionado-o com idéias e valores que perpassam o ethos do capitalismo atual.

A produção discursiva dos clérigos da Igreja Universal reafirma-se e se reproduz na expressividade dos testemunhos de adeptos iurdianos. Isso é observável mediante a perenidade com que se recorre aos princípios norteadores da TP e do caudaloso discurso religioso, que também está evidenciado e confirmado nos testemunhos dos membros da Universal, garantindo e autenticando legitimidade necessária a todo constructo religioso, o “ver para crer”, numa alusão a concretude da propalada eficiência religiosa operacionalizada nessa Igreja.

A Universal se apropria desse instrumento de comprovação da suposta eficácia e eficiência da TP como um dos primordiais elementos de aglutinação de novos adeptos e manutenção dos que já existem. Operacionaliza-se, dessa maneira, parte da legitimidade religiosa conferida à IURD no cenário brasileiro. Isso lhe concede força suficiente para concorrer no mercado religioso, oferecendo produtos sacrais que possivelmente outros não tenham a possibilidade de oferecer, pois sua opção escatológico-teológica os impede de operacionalizar com toda polissemia o seu discurso religioso e, quando o fazem, negam suas origens doutrinárias procedendo-se a uma pentecostalização ou pós-pentecostalização às avessas que gera tensões no cenário religioso evangélico brasileiro.

Agindo desta maneira, a IURD deslegitima em parte o discurso religioso de outras denominações religiosas, e, ao crescer no Brasil e em mais de 85 países espalhados em diferentes continentes, adquire, cada vez mais, visibilidade social e política, passando a exercer poder religioso e, conseqüentemente, estendendo seus tentáculos para o campo político e empresarial midiático.

Essa Igreja, ao multiplicar com celeridade sua visibilidade social, conquista simultaneamente o direito de ser ouvida, assumindo, em determinados momentos da história recente da política brasileira, protagonismo eleitoral e social,

interagindo na cena política nacional e acrescentando sua bancada no Congresso Nacional, Assembléias Legislativas de diferentes Estados da federação e Câmaras Municipais.

A IURD cresce, principalmente, por intermédio da sua opção escatológica, pela sua teologia de carácter polissêmico. Os demais aspectos são relevantes, mas o núcleo, a força que impulsiona e que embasa todo o crescimento iurdiano no Brasil denomina-se Teologia da Prosperidade. Pois é através dela que se processa, entre os seus adeptos, uma certeza de vivência espiritual e social, mediante a morte vicária de Jesus, que possibilitou a salvação, no entender dos profetas da religião, mas também apresenta ao converso possibilidades de soluções de problemas psicológicos, familiares, econômicos, sociais, profissionais e espirituais que serão resolvidos, através da IURD, por intermédio da “fé inteligente”, do “perfeito sacrifício”, ancorado na doutrina religiosa e escatológica encampada pela Igreja Universal.

A TP não se apresenta apenas como um constructo revestido de valores conectados à crença, aos elementos transcendentais, mas se propõe como um projeto de vida espiritual e existencial que deve ser colocado em prática aqui e agora, e que se adapta em parte e de forma versátil a um modelo voltado para o mercado e para o ethos da sociedade capitalista.

O projeto da TP não se resume em construir apenas um mecanismo de compensação simbólica, fundamentado somente em promessas de salvação pós-morte. Não há apenas uma valorização das questões do espírito; ela se preocupa, de forma especial, em cuidar das questões físicas, construídas humanamente, pois a IURD, como expressão de um projeto teológico mais amplo, deseja inserir o converso no mercado contemporâneo, não estando muito preocupada com o celeste porvir, no além, mas sim

em promover, através da ação do discurso dos seus clérigos, a inserção dos fiéis ao usufruto dos bens que a sociedade capitalista contemporânea produz.

Esses fiéis, vivendo em sua maioria nas sociedades complexas urbanas industriais, absorvem preocupações consumistas. A Universal, por meio da ação discursiva pastoral, pretende buscar mecanismos religiosos que justifiquem e conduzam seus adeptos a conquistarem a vida abundante tão enfatizada e almejada, sinalizando que é possível conquistá-la, aqui e agora, dentro do capitalismo, amparado pelo ideário da divinização do mercado e perpassado pela lógica de uma ética para o consumo.

A TP, ao não questionar os desdobramentos advindos de uma reprodução ou reconfiguração sacral de parte do discurso do mercado e da cultura de consumo em uma sociedade capitalista, esboça uma substancial aproximação, adaptação e readaptação a uma situação sócio-histórica, que está coordenada pelos ditames do mercado e do consumo. Passa, então, a desenhar, teologicamente, uma interconexão religiosa que, em parte, confere sustentabilidade a estes dois elementos, que formam na contemporaneidade o capitalismo.

Essa teologia, ao sacralizar as conquistas materiais auferidas pelo converso, certifica pela fé a ação Divina na sua vida. Porém, as conquistas materiais foram operacionalizadas em plena sociedade capitalista, fundamentada pelos sentidos e significados interligados ao mercado e à ética para o consumo; logo, justifica-se pela fé a obtenção de riquezas, e legitimam-se valores que circulam na sociedade baseada pelo ideário do mercado.

Os testemunhos de conversos iurdianos clareiam essa percepção e concedem robusticidade à dialogicidade e afinidades eletivas entre TP, sagrado e mercado, por intermédio da ação discursiva clerical.

Dedicava-me ao trabalho diariamente, procurando sempre fazer o melhor. Todo o lucro que conseguia mal dava para pagar as contas. Muitas vezes, ficava devendo para os credores. Com o passar do tempo, a situação foi ficando cada vez mais delicada. Sentia como se algo me impedisse de prosperar, mas não sabia exatamente o quê. Por não ver o resultado de tanta dedicação, fiquei depressiva, nervosa, inclusive já nem dormia direito. [...] Foi quando, em um dos momentos de profunda angústia e já sem nenhuma perspectiva, tomei conhecimento da reunião dos empresários [corrente dos empresários], que acontece na Catedral da fé, em São Paulo, [...] imediatamente, entreguei a minha vida a Deus e, desde então aprendi a não desanimar diante das dificuldades, mas acima de tudo, agir a fé [Fé com inteligência]. Nesta época, acontecia a Fogueira Santa de Israel e eu decidi participar, confiando todos os meus problemas nas mãos do Senhor, crendo que o milagre aconteceria. Permaneci fiel [praticou o 'perfeito sacrifício'] e, em pouco tempo, as portas que há tempo estavam fechadas foram se abrindo. Hoje, desfruto de uma vida abundante e, ao contrário de antes, minha loja é muito próspera e através dela conquistei outros bens (Testemunho 1 , Folha Universal - 05/08/2001).

Através do escopo da sacralidade, operacionalizam-se conceitos que remetem à superação de problemas espirituais, psicológicos, mas, sobretudo, financeiros, evidenciando-se, através de enunciações do tipo “agir a fé”, que está diretamente relacionada ao significado de fé inteligente, “é a fé que prova a Deus e que de forma absoluta deposita tudo diante do Senhor” (Bispo Clodomir, Folha Universal-26/09/2001).

A expressão “permaneci fiel” está em sintonia com a idéia na IURD do que se denomina perfeito sacrifício, ou seja, o converso necessita materializar a fé através do seu dinheiro, transformando-o em dízimos e ofertas, pois, dessa forma, estará cumprindo dois preceitos: praticando a fé com inteligência e exercitando o perfeito sacrifício, podendo, efetivamente, exigir de Deus todas as promessas que Ele irá cumprir na vida daqueles que lhe são fiéis.

“Hoje, desfruto de uma vida abundante” e “minha loja é muito próspera e através dela conquistei outros bens”. O significante “vida abundante” está precedido pela expressão “hoje”, que dá um sentido de que as bênçãos foram operadas aqui e agora, em plena sociedade capitalista.

O tema vida abundante está exemplificado e materializado pela posse de uma propriedade privada inserida dentro do modelo capitalista, que possibilita auferir e desfrutar, na sociedade fundada no capital, outros bens, numa alusão ao mercado e à ética para o consumo.

A TP trabalha com os sonhos e desejos dos indivíduos, mas desejos que podem ser realizados dentro do mundo real, da sociedade capitalista e através das relações que os indivíduos estabelecem entre si, no contexto do mercado. Porém, a IURD é conceituada como pedra de toque das realizações dos conversos, pois abandona-se grande parte das explicações humanas para as conquistas e realizações dos crentes e transporta-se para o campo da sacralidade via Igreja Universal.

Conquistei a minha indústria. O sonho de Luiz Alfredo Malz de 59 anos era ter uma indústria de autopeças. Há cinco anos ele conseguiu concretizá-lo, inaugurando uma indústria em São Paulo. [...] fomos à Igreja Universal a convite de uma vizinha. Lembrome que, ao chegarmos, o pastor estava pregando e explicava que não nascemos para ser cauda e sim cabeça. Ele enfatizava também que deveríamos ser patrões e não empregados, o que confirmou o meu desejo. Guardei aquelas palavras em meu coração e fui à luta em busca da realização do meu sonho. [...] Pedi demissão da empresa em que trabalhava há 25 anos. Com o dinheiro da indenização, eles foram morar em Santa Catarina e lá montaram uma empresa que estava prosperando, mas continuava insatisfeito. Perseverando em oração, participou da Fogueira Santa de Israel, colocando no coração que a sua participação naquele propósito seria diferente. Eu falei para o Senhor: agora é tudo ou nada! O Senhor é Deus para atender ao desejo do meu coração, por isso eu quero ser dono de uma indústria – determinou. [...] tivemos muitos obstáculos, principalmente burocráticos, porém, em 90 dias, nos mudamos para São Caetano, na grande São Paulo. Um ano depois, estávamos inaugurando a fábrica na cidade de Taubaté. Atualmente, a empresa tem aproximadamente 120 funcionários, e em 05 anos de atividades nunca houve uma greve. Já estivemos até em Paris para recebermos o prêmio de melhores do mundo no setor de autopeças. Estamos na Igreja há dez anos, e o Senhor tem se manifestado poderosamente em nossas vidas (Testemunho 2 , Folha Universal - 01/07/2002).

A manifestação do poder de Deus, por meio do discurso de bispos e pastores iurdianos, está relacionada com as bênçãos que o converso auferir. Condiciona-se a ação de Deus ao tamanho da fé que cada um tem para exercer o perfeito sacrifício e a fé com inteligência, a fim de confessar positivamente a vitória e determinar a Deus, exigindo dEle que se cumpra e se manifeste na vida do crente a

realização dos desejos e sonhos que foram construídos em seu coração, em seu imaginário.

No testemunho nº 2, está evidenciado que o discurso dos profetas da religião tem o poder de sedimentar desejos, que podem ser canalizados para a realização de sonhos, operacionalizados por intermédio da fé em Deus, mas uma fé que pode se materializar através das relações instituídas pela dinâmica do mercado. Fica patente na expressão “Conquistei a minha indústria”, que o mercado e os elementos que norteiam o capitalismo contemporâneo, entre eles o desejo de ser empresário, de possuir a propriedade privada dos meios de produção, se naturalizam através do discurso religioso representado pela TP na Igreja Universal.

É uma demonstração de que o crente deve se apropriar da prerrogativa das conquistas financeiras que, transformadas em caráter divino pela TP, justifica o pressuposto defendido pelos clérigos iurdianos de que o crente não nasceu para “ser cauda e sim para ser cabeça” (Bispo Clodomir, Folha Universal - 28/07/2001), ou seja, nasceu para ser administrador e sócio de todas as coisas criadas por Deus.

Dessa maneira, enfatiza-se que isso é um direito de todos aqueles que são filhos de Deus e co-herdeiros de todas as coisas que são atribuídas a sua criação; usufruí-las e tê-las são exemplos da operosidade do Sagrado na existência do converso.

Venho de uma família muito pobre, não tínhamos o que comer dentro de casa e sempre tive que trabalhar para ajudar em casa. Resolvi, então, me casar com um homem, com excelentes condições financeiras, que me tirou daquela vida miserável. Ele se envolveu com drogas e começamos a perder tudo. De madame, passei a trabalhar como faxineira. Comecei a beber bebidas alcoólicas e pensava em suicídio. Meu marido faleceu e foi nesse período que eu conheci a IURD. De empregada de salão, passei a ser a dona. Depois conquistei uma clínica de estética e um restaurante. Minha vida sentimental também foi restabelecida, casei com um homem de Deus (Testemunho 3, Folha Universal - 01/07/2002).

Percebemos, de forma contumaz, a presença dos elementos da TP nos testemunhos de fiéis. A vida abundante transforma-se em diferentes significados que

abarcam a mudança espiritual do indivíduo e, ao mesmo tempo, transcendendo o aspecto espiritual, transita livremente pelos conceitos que norteiam o ethos de uma sociedade em que o ter, o mercado, a ética para o consumo, a acumulação de riquezas e a externalização dessas riquezas possibilitam legitimar o constructo teológico da IURD. Ao mesmo tempo, referencia, por intermédio dessa construção religiosa, valores tão caros ao funcionamento das relações sociais no âmbito do capitalismo contemporâneo.

No testemunho nº 3, observa-se um momento específico, em que a pessoa assume sua origem pobre e de miserabilidade, aufere momentaneamente ascensão social após o casamento e entra novamente em decadência financeira. Porém, após tornar-se iurdiana, retorna à situação de existência, de vivência e inserção social pois, em seguida, volta a ascender financeiramente, aquinhoando bens materiais que remetem ao significado de propriedade privada, culminando com a sua ascensão socioeconômica e o restabelecimento da sua felicidade no campo sentimental.

A prosperidade, neste caso, se delineou e se exemplifica pelas bênçãos: psicológicas, com a superação de vícios; pelas conquistas materiais, que lhe concederam ascensão social; e pela conquista afetiva, representada pelo restabelecimento da sua vida sentimental.

Diante disso, demonstra-se que a TP se propõe multidimensional. É um messianismo polissêmico, que reflete as complexidades humanas na perspectiva de encontrar mecanismos religiosos que justifiquem e legitimem a resolução de problemas, sob o cajado das explicações religiosas construídas pela TP, no espaço da Igreja Universal.

Passei momentos difíceis. Eu e meu marido enfrentamos problemas financeiros graves, o nosso salário não conseguia cobrir as nossas despesas. Tínhamos o apartamento que era financiado, além de gastos com colégio dos filhos e as necessidades básicas do dia-a-dia.

Pedia ao Senhor prosperidade para minha família. [...] hoje moramos em um dos bairros mais nobres do município de Lauro de Freitas - BA. Meu marido foi promovido, compramos uma casa com piscina, tenho condições de pagar o estudo dos meus filhos. Sempre tenho sido surpreendida com um milagre de Deus (Testemunho 10, Folha Universal - 01/07/2002).

Conquistar vida abundante se coloca como um dos principais objetivos da maioria dos que buscam a Igreja Universal. A TP formata um discurso de resolução de problemas e de superação de uma situação espiritual, social e econômica que necessita ser tratada a fim de ser superada. Dessa forma, faz-se necessário “exercitar a fé com inteligência” (Bispo Edir Macedo, Folha Universal - 05/01/2002) e determinar, em sua vida, que o Senhor derrame bênçãos, desde que a fé e o perfeito sacrifício estejam simultaneamente sendo praticados.

Constrói-se, nas mentes e corações do converso na Igreja Universal, a convicção de que lhe é possível obter todas as coisas que estão disponíveis na sociedade capitalista. E, ainda segundo a TP, na sociedade de consumo, o usufruto de bens representam o espólio divino que, por direito hereditário, através de Jesus Cristo, lhe é possível herdar e desfrutar.

Operacionaliza-se, através da ação discursiva sacerdotal na Igreja Universal, a ênfase ao consumo, à acumulação de riqueza, perpassada pela idéia subjacente de progresso humano, exteriorizado pelos sinais de prosperidade, tanto espirituais, quanto materiais, que o cristão iurdiano puder apresentar.

Nesse aspecto, o conteúdo do discurso dos clérigos iurdianos estimula a busca incessante de tudo aquilo que, na sociedade capitalista contemporânea, seja capaz de estabelecer convergência com a idéia de progresso individual. Seja pela obtenção de um emprego mais rentável, de superação de um problema espiritual, familiar, ou a aquisição de bens de consumo, ou ainda a abertura do seu próprio negócio, a conquista da empresa privada e da conseqüente ascensão social.

Em suma, todo e qualquer benefício que elevou o indivíduo a uma condição espiritual, social e econômica, determinando a superação de uma existência considerada inferior, é encarado como a sinalização de que Deus está abençoando o converso e que estão se cumprindo plenamente as promessas do Senhor sobre a sua vida. Afirma-se que “Deus têm 8.000 mil promessas para os seus filhos, basta que se tenha fé, continue a ser-Lhe fiel e Ele estará pronto a abençoar os seus filhos com todas as Suas promessas” (Bispo Natal Furucho, Folha Universal - 07/10/2000).

Quando se fala em bênçãos na Universal, fala-se, principalmente, naquilo que pode ser usufruído na existência terrena, havendo uma preocupação de superar possíveis problemas existenciais de forma imediata, bem ao estilo de uma adaptação à cultura de consumo, dentro da esfera ideológica que norteia a sociedade capitalista na contemporaneidade, como nos adverte Sung:

se no início do capitalismo e da modernização cultural no Ocidente prevalecia a ética e a cultura do trabalho, na atual mundialização cultural, a cultura do consumo desfruta uma posição de destaque, transformando-se numa das principais instâncias mundiais de definição da legitimidade dos comportamentos e dos valores (1997:107).

Isso se mostra latente na IURD, tanto no discurso religioso produzido pelos seus clérigos, quanto pelas reproduções discursivas apresentadas em testemunhos os mais diversos, representados por membros do laicato dessa denominação religiosa. Opera-se uma sintonia entre a TP e sua proposta de atendimento das demandas dos conversos, sintonizadas com a proposta do mercado em se colocar na posição de atender as demandas da sociedade por intermédio do seu ideário, justificado entre outros aspectos pela cultura de consumo.

Já não agüentávamos tanto sofrimento. Servimos aos encostos durante três anos e não houve solução para os nossos problemas. Um cunhado nos convidou a participar de uma reunião na Igreja Universal. [...] A partir daí não deixamos de freqüentar mais a IURD. Ao contrário do que muita gente pensa, no início, tivemos que ter muita força de vontade e perseverança para alcançar o que temos hoje. Quando falimos, ficamos com uma dívida ativa proveniente de cheques sem fundos que não tínhamos condições de pagar. Hoje pagamos todas as dívidas, limpamos o nosso nome e com o propósito [exercício do

perfeito sacrifício] da Fogueira Santa do Monte Sinai conquistamos uma padaria, um sobrado, carro novo e tudo que um filho de Deus necessita para ser feliz. Fiquei completamente curada dos meus problemas de saúde e meu casamento também foi restaurado. Continuamos fiéis ao Senhor Jesus e aconselhamos, aos que estão sofrendo, que façam o mesmo que fizemos, porque com certeza, alcançarão a vitória (Testemunho 12, Folha Universal - 01/07/2002).

Nesse testemunho, percebemos que vários aspectos foram contemplados, desde o espiritual até o conjugal, intercalado pelas conquistas no âmbito econômico. As expressões “propósito” e “continuamos fiéis” configuram a relação de permuta com o sagrado no espaço religioso iurdiano, imprimindo a idéia de que as bênçãos conquistadas e aquelas que ainda poderão ser acrescentadas estarão relacionadas, proporcionalmente, ao exercício de fidelidade a Deus, na entrega à Igreja dos dízimos e ofertas por parte do converso.

Isso tem o efeito de projetar, no imaginário do converso, possibilidades de auferir vitórias espirituais e financeiras, que passam a ter uma relação com conceitos que remetem à conquista, entre outras coisas, de uma propriedade privada, com vistas a obter sustento familiar, por exemplo, mas, também, possibilitar ao indivíduo a integração aos valores e sentidos que remetem a idéia de posse, de propriedade, conceituada no capitalismo como apropriação de bens materiais.

“Conquistamos uma padaria, um sobrado”, noção presente na lógica de mercado. “Conquistamos [...] um carro novo e tudo que um filho de Deus necessita para ser feliz”. Reafirma-se, mediante essas asserções, uma aproximação, confluência ativa, atração recíproca ou afinidades eletivas entre idéias econômicas e religiosas, que precipitam a TP em direção à cultura de consumo e a elementos que norteiam a sociedade capitalista.

Diante disso, verificamos aspectos que consubstanciam a dogmática da TP, como, por exemplo: o referencial de sacrifício, propriedade privada ou da empresa

conquistada sob o escopo da sacralidade e da justificação divina; a superação de problemas espirituais e físicos, numa alusão à vida abundante, que se explicita através da saúde espiritual e física, e também da conquista de bens materiais. Como afirma o bispo Edir Macedo: “Ele é rico e nos adota quando recebemos Jesus em nossos corações. Ele deseja que gozemos a Sua plenitude espiritual, física e materialmente” (2000:36).

Durante quinze anos, lutei com muito esforço para adquirir minha casa própria. Quando entrei na Igreja Universal, comecei a aprender a viver pela fé. Na oportunidade, resolvi entrar de coração no propósito, pois aprendi com os pastores e bispos que para ser abençoada precisaria crer de todo o coração e deveria colocar minha fé em prática. Conquistei a minha casa própria, meus carros, fui restituída dos prejuízos. Além disso, conseguimos dar uma boa formação para os filhos, o que seria impossível. Estamos abençoados para a honra e a glória do Senhor Jesus, que tirou a vergonha do nosso lar (Testemunho 15, Folha Universal - 28/07/2001).

Torna-se emblemática a fala de membros da IURD quanto à operosidade de Deus a partir das conquistas materiais. Primeiro, traçou-se uma explicação cronológica em que se enuncia uma vida de derrotas, em que não se possuía uma moradia; porém, promove-se um corte histórico na vida do converso a partir do momento que ele conhece a Universal, como o início de um marco divisor na sua existência, entre o antes e o depois da IURD. Isso reforça a idéia de que o discurso proferido por bispos e pastores iurdianos “faz bem”, sendo esse um dos motivos relevantes do seu crescimento. No entanto, essa premissa caminha e está intrinsecamente relacionada com os elementos norteadores da TP.

Essa teologia, mediatizada pela ação dos profetas da religião, passa a desconstruir e reconstruir a história de vida do indivíduo a partir da sua conversão na IURD. Certamente, o sentimento de existência, causado pelo efeito terapêutico, mediante o discurso dos profetas da religião na vida do cristão, opera uma

reestruturação na sua cosmovisão em relação a si próprio e ao mundo em que está inserido.

Esse sentimento pós-conversão à Igreja Universal (re)localiza o indivíduo no contexto sócio-histórico, pois ele passa, a partir das suas perspectivas de superação de problemas, via TP, a vislumbrar possibilidades concretas de superar seus problemas, tanto os problemas que estão na esfera existencial e espiritual quanto os que fazem parte do âmbito material. Dessa forma, por meio da fé o converso iurdiano passa a crer naquilo que possa representar o alcance de algo “novo” em sua existência.

Esse “novo” pode significar espiritualidade consolidada, saúde restaurada, ou a conquista de quaisquer bênçãos materiais que, dentro do marco teológico iurdiano, possa lhe conferir a certeza da operosidade do Senhor em sua vida. Os sinais externos de abundância, de prosperidade assinalam socialmente ascensão em quaisquer áreas que possam dar consistência e convicção ao messianismo da vida regalada e feliz, somente possível de realizar por intermédio da IURD, “porque Deus aqui funciona” (Pastor 1, Anexo - Questões 3 e 4).

Há, na Igreja Universal, uma pedagogia teológica em que se enfatiza a necessidade de aprender a exercitar a fé, considerada pelos seus clérigos como sendo a fé inteligente, uma fé absoluta em Deus. O manuseio dela, segundo os produtores do discurso religioso, é especialmente possível na IURD, espaço de eficácia e eficiência da operosidade do Divino, a fim de se obter a vida regalada e abundante, almejada pela maioria dos que adentram os milhares de templos dessa Igreja em todo o Brasil.

O poder do discurso religioso, que tem como elemento nuclear a TP, possibilita evidenciar uma legitimação da IURD, como instituição sagrada, a ponto de conversos somente poderem pensar em ascensão social, vivência espiritual, ou conquistar dividendos materiais sob a tutela dessa denominação religiosa. Isso é

confirmado pela alusão permanente de que as bênçãos ocorreram, necessariamente, após o encontro com Deus na Igreja Universal, pois, afirma-se que bispos e pastores ensinam o neófito a praticar a fé, a conquistar vitórias, remetendo-os à noção de operosidade de Deus, e, dessa forma, esses enunciados lhe concedem legitimidade e visibilidade.

As conquistas continuam. A sua testificação torna-se fundamento de sustentabilidade da TP, das relações do converso com o sagrado e da TP com o mercado e a cultura para o consumo, enfatizado por bispos, pastores e confirmado pelos testemunhos de fiéis. Constrói-se uma relação de produção e reprodução dos conceitos basilares da TP em linha vertical, representada pelos líderes religiosos, produtores do discurso, e pelos adeptos que estão na base de sustentação desse discurso, conferindo-lhe credibilidade.

Entrei para a IURD, como quase todas as pessoas, completamente arrasada. Tinha muitos problemas de saúde. [...] Todas as minhas conquistas foram através de campanhas [correntes da prosperidade]. Cada uma delas acrescentou em minha vida uma conquista diferente. Morava de favor, e depois de aluguel. Conquistei duas casas, fora o meu sítio e minha casa de praia. Tenho meu automóvel bastante confortável. Hoje estou completamente curada de todas aquelas enfermidades (Testemunho 16, Folha Universal - 03/03/2002).

Além das questões relacionadas à superação de problemas físicos e espirituais, a TP preocupa-se em sacralizar os sucessos empresariais, estimulando-os entre os seus adeptos, e certificando-os de que ser rico, ser empresário e ter dinheiro, é algo aprovado por Deus. Ora, se “o dinheiro é ferramenta sagrada, somos seus sócios em todos os empreendimentos, pois Ele é o dono de todas as coisas” (Edir Macedo, 2000:52).

Nada mais justo e natural, entre os conversos iurdianos, do que a idéia de desenvolverem empreendimentos, para que, entre outras coisas, possam utilizar o dinheiro auferido e convertê-lo em dízimos e ofertas entregues à Igreja, em diferentes

campanhas. Com essa atitude se poderá ampliar o Reino de Deus nesta terra e obter cada vez mais do Senhor, que “é o dono da prata e do ouro” (Bispo Romualdo Panceiro, Folha Universal - 15/09/2001).

O discurso empreendedor também está presente e tem lugar nas pregações e escritos de líderes religiosos e de testemunhos de fiéis iurdianos, embora de forma incipiente e dentro da formatação do que conceituamos na IURD como ascese intramundana iurdiana. O empreendedorismo como discurso religioso contribui para sedimentar e fortalecer a relação dialógica com o mercado e se aproximar da ética de consumo, perpassada pela sacralidade contida e disseminada pela TP.

Tinha uma empresa de eventos e espetáculos, mas, para cobrir as despesas, comecei a me desfazer de parte do meu patrimônio. Tudo isso acontecia ao mesmo tempo em que eu estava perdendo um dos meus “maiores patrimônios”, que era a minha família. Quando todas as esperanças estavam esgotadas, assisti a um programa da Igreja Universal pela televisão. Naquele mesmo instante, resolvi convidar a esposa para, juntos, participarmos de uma reunião. Decidimos buscar verdadeiramente a saída para tudo que estávamos vivendo, e não só encontramos a direção para vida espiritual e familiar como também para a profissional. Pouco a pouco, tudo se transformou; é claro que com muita luta e fidelidade a Deus. [...] Gradativamente, nós fomos recuperando o que havíamos perdido. Deus realizou um sonho antigo, que era o de montar uma grande casa de hamburger, aqui em São Paulo. Lançamo-nos e fizemos um propósito com Deus, crendo que Ele nos honraria. E assim sucedeu. Esse novo empreendimento tem nos trazido resultados muito bons, estamos com planos de abrir mais duas filiais; uma em Recife e outra aqui em São Paulo. [...] É a única forma de exercitar a nossa fé e mostrar o quanto confiamos nEle. Hoje desfrutamos de uma vida feliz, harmoniosa e próspera (Testemunho 18, Folha Universal - 02/05/2000).

O conteúdo discursivo exemplificado demonstra a interação entre TP e a idéia de empreendedorismo, estando presente nessa análise a perspectiva de que tudo fora reconquistado através do poder Divino via Igreja Universal, porque é o espaço em que se exercitou a denominada fé eficaz. Exerceram o sacrifício a Deus e O provaram e, conseqüentemente, obtiveram a conquista financeira mediante o empreendimento já existente, desejando a sua expansão por intermédio de futuras filiais.

A TP estimula a solução de problemas de toda ordem, enfatizando em sua mensagem a possibilidade real de o converso edificar, possuir e adquirir a sua

empresa, tornando-se empresário. O discurso religioso sugere a integração e interação com o mercado, sedimentando a idéia de propriedade, de acumulação de riquezas e, conseqüentemente, a capacidade de o converso desfrutar dos benefícios advindos dela na sociedade capitalista.

Minha vida não tinha sentido, então resolvi acabar com ela usando uma faca para cortar os meus pulsos. Graças a Deus, eu não tive coragem de ir em frente. Os problemas de saúde também afligiam a família. Só encontrei solução para os meus problemas quando encontrei a Igreja Universal. Quando cheguei à Igreja, preocupei-me em resolver os problemas espirituais. O primeiro pedido que eu fiz foi pela minha libertação, mas o Senhor Jesus acrescentou tudo o que eu precisava. Hoje, temos três empresas, carros, uma cobertura. Não nos falta nada, porém tenho certeza que o Senhor quer nos dar o dobro do que temos (Testemunho 20, Folha Universal - 01/07/2002).

A TP apresenta-se, através da ação discursiva pastoral na IURD, como a doutrina capaz de solucionar todos os problemas humanos. Destaca-se o elemento espiritual e material, que deve estar sendo contemplado pela ação restauradora de Jesus Cristo, por intermédio da Universal. Cuida-se em sacralizar as conquistas materiais e justificá-las, atrelando-as à conversão a Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, associar as vitórias no campo econômico ao ingresso na vida religiosa por meio da IURD, pois afirma-se que Deus acrescentou “três empresas, carros e uma cobertura”; porém fica claro que a abundância desejada ainda necessita ser obtida de forma mais ampla.

Projeta-se nesse sentido a vontade de adquirir o dobro do que já se possui. Isso demarca a linguagem que se intercala na sociedade movida pelas concepções ideológicas capitalistas, delineada pelos valores do mercado, pois a ênfase e estímulo à obtenção e acúmulo de riquezas é um dos objetivos do capitalismo contemporâneo.

Nesse aspecto, o discurso religioso iurdiano cria as condições teológicas suficientes para desenhar, nas mentes dos seus conversos, dentro das especificidades e utopias de consumo ou de acumulação de riquezas de cada um, a certeza de que tudo o

que for auferido é para a glória de Deus, pois é a prova de que o Senhor está conferindo aos seus filhos fiéis, a porção de sua herança, nesta terra, podendo conceder-lhes muito mais.

A IURD se coloca, dentro da sociedade capitalista, como provedora de soluções, mediante a produção do discurso de bispos e pastores que tematizam as necessidades humanas, sintonizada com os apelos da cultura de consumo e que constrói determinados valores e “visões de mundo” que se identificam com o modelo centrado nos interesses dispostos no mercado. Diante disso, apresenta a possibilidade de realização dos sonhos e desejos e a superação dos problemas do converso, via TP, mas, situa a conquista e realização desses sonhos no contexto sócio-histórico de um sistema que enfatiza a lógica do mercado e a ética para o consumo.

Isso fica patente quando observamos o desejo incontido de superação de problemas espirituais, físicos e financeiros de vários relatos extraídos da Folha Universal, na seção “Milagres da Fé”, no decorrer da nossa pesquisa. Esses relatos estabelecem uma interconexão sólida entre o discurso proferido pelos clérigos iurdianos, no que diz respeito à TP, e às realizações possíveis que o crente pode concretizar, ao exercitar, na Igreja Universal, a “fé com inteligência”, “o perfeito sacrifício”. Dessa forma, “Deus irá abençoar com toda sorte de riquezas os conversos que Lhe sejam fiéis. Bênçãos de saúde, de paz espiritual, alegrias na vida sentimental e muitas bênçãos na vida financeira” (Pastor 3, Anexo - Questões 4, 12 e 13).

Quando casamos, fomos morar num quatinho, onde existiam mais de vinte pessoas e um único banheiro para atender a todos. Com muita luta resolvemos montar um bufê, além disso, abrimos um restaurante, em uma região nobre, que vendia quinhentas refeições por dia. Adquirimos bens e passamos a desfrutar de tudo aquilo que um dia sonhamos. O proprietário do local onde estava instalado o restaurante pediu o imóvel de volta, obrigando-nos a mudar rapidamente. Instalamos o restaurante em um lugar menor, perdemos os clientes e não conseguimos cumprir os compromissos. No espaço de um ano, perdemos tudo. Depois de muito sofrimento, chegamos à Igreja Universal. Pedimos a ajuda de Deus para mudar de vida. Participamos com toda fé e Ele nos respondeu. Conseguimos recuperar o restaurante, que estava falido, nossos clientes voltaram e resolvemos ingressar no ramo de pizzarias. Hoje, temos dois estabelecimentos muito bem

instalados e que têm prosperado bastante. Nossa família está muito abençoada, temos paz, saúde, alegria e prosperidade (Testemunho 21, Folha Universal - 04/11/2001).

Configura-se, nesse testemunho, o que denominamos como ascese intramundana iurdiana. O indivíduo, ao se apropriar daquilo que os mecanismos de mercado oferecem e ao adaptar-se ao ethos proposto pela logicidade que direciona o indivíduo na busca de resolução de problemas que passam, entre outros caminhos, pela conquista de bens materiais, remete a significados que se relacionam com a produção de sentidos ou “visões de mundo”.

Dessa forma, por intermédio do elemento da fé, ou das explicações escatológicas da TP mediante o discurso pastoral recorre-se à idéia do ‘ter’, de obtenção e fruição de bens. Essa asserção possibilita aproximar-se de aspectos que norteiam a estrutura capitalista contemporânea, exemplificados, neste aspecto específico, pelo desejo de obter riqueza, pela conquista da propriedade privada, pela ascensão social descrita como marco de mudança familiar, entre o antes e o depois do acesso à Universal. Ressalta, ainda, a afinidade eletiva ou confluência ativa entre o ideário religioso representado pela TP e o ideário do mercado e da ética de consumo em plena sociedade capitalista e que se faz representar pela afirmação emblemática que sintetiza o teor da vida abundante: paz, saúde, alegria e prosperidade.

Meus problemas eram espirituais, familiares econômicos. Eu estava separada do meu marido e era uma pessoa muito perturbada: via vultos, ouvia vozes e tinha vícios e, em função disso, perdi o meu emprego. Quando cheguei à Igreja Universal, depus toda a minha fé no Senhor Jesus, e hoje tudo mudou. Tenho muita paz espiritual e financeiramente, conquistei minha casa própria, tenho dez casas alugadas, carros e duas lanchonetes. Estou na Igreja há quatorze anos (Testemunho 22, Folha Universal - 22/07/2001).

Trabalha-se, por intermédio da sacralidade, a legitimação e a justificação da vida abundante na IURD, sem abrir mão das vicissitudes de uma vida espiritual sintonizada com o Criador, mas atenta com as possibilidades de obter,

nesta vida, “tudo o que E le criou”. Enfatiza-se que a bênção espiritual ocorreu, mas, em decorrência da mudança operada por Deus na vida do indivíduo, no espaço de culto da Universal.

Nesse aspecto, o converso passa a responsabilizá-la pelos êxitos financeiros que ocorrem na sua vida e que se tornaram reais, dentro do marco da sociedade capitalista, comprovada pela exemplificação: “conquistei minha casa própria, tenho dez casas alugadas, carros e duas lanchonetes”.

O “Ter” como referencial da sociedade capitalista, afinado com determinados valores do mercado e com a cultura de consumo, circula no interior do conteúdo do discurso de bispos e pastores iurdianos, aludindo a uma experiência de fé com o Senhor, sacralizando as inúmeras conquistas no campo financeiro que o converso auferir.

Falida, quebrada, endividada e humilhada, cheguei à Igreja Universal. Fomos despejados do apartamento por falta de pagamento. Estava tudo amarrado, apesar de eu ser advogada e meu marido aviador, não tínhamos o que comer. Como eu não conseguia dormir à noite, assistia aos programas de igreja na televisão. Resolvi assistir uma reunião na Igreja, e fomos muito bem recebidos, desde então nossa vida mudou. Conquistamos empresas, apartamento, casa de praia, carros, avião e outros bens, eu fiz um pedido de uma Mercedes classe A, na época estava sendo lançada no mercado e a conquistei graças a Deus (Testemunho 23, Folha Universal - 05/05/2001).

Constata-se a enunciação, nesse discurso, de três elementos fundamentais na relação dialógica entre a TP e o mercado, sob o arbítrio do Sagrado, que são os conceitos de propriedade, ética de consumo e o próprio mercado. Por exemplo: no testemunho 23, não existe apenas a superação de uma dificuldade financeira, mas a constatação de um estímulo em obter e se apropriar de riquezas materiais, ajustando a TP a conceitos que norteiam e embasam uma asserção relativa à propriedade privada, como se pode observar na expressão “conquistamos empresas”. Há um reforço da cultura de consumo e uma ênfase na apropriação de riquezas,

exemplificada pela obtenção da propriedade, que estabelece relação de “status” na sociedade capitalista e usufruto daquilo que o mercado oferta e produz cotidianamente. Porém todas as conquistas estão referenciadas pela mão poderosa de Deus, em uma frontal sacralização das riquezas como sinônimo de uma vida regalada, abundante e feliz.

Éramos proprietários de empresas e tudo ia muito bem, quando, de repente, as vendas caíram, passamos a ter dificuldades com o pagamento de clientes, e devíamos aos fornecedores. Em alguns meses as dívidas se acumularam a ponto de chegarmos a falência. [...] Embora tivessem uma boa formação acadêmica, não conseguiam arrumar emprego. Mesmo desacreditando em tudo, conversei com um pastor que me orientou a entregar os problemas na mão de Deus. [...] Desde então, participamos das reuniões, onde percebemos que não conhecíamos a Deus de fato e de verdade, por isso estávamos naquela situação. Aprendemos a agir a fé. Não demorou muito e Deus nos abriu as portas do emprego. Assim fomos crescendo e prosperando dia após dia. Aprendemos a exercitar a nossa fé e não nos acomodamos jamais. Com isso recuperamos tudo o que havíamos perdido e Deus foi nos devolvendo em dobro o que perdemos. Hoje, somos proprietários de uma empresa de publicidade e, há dois meses, abrimos outra no ramo de veículos, que tem prosperado muito e já possui mais de 80 funcionários. A loja em um só mês atingiu uma venda de 600 carros. A prosperidade é uma das promessas de Deus e deve fazer parte da vida de todo aquele que é fiel e age de acordo com o mencionado nas Sagradas Escrituras (Testemunho 26, Folha Universal - 05/05/2001).

A idéia de prosperidade está especialmente ligada ao testemunho exposto, ao sentido de vida vitoriosa no campo econômico, trabalhando-se o tema da “fé com inteligência” explicitada na expressão “aprender a agir a fé” e que está latente, na configuração do exercício do que se chama “perfeito sacrifício ou fidelidade” que esse converso praticou na Igreja Universal.

A partir dessa asserção, o converso passa a desempenhar uma postura de protagonismo na relação com o Senhor, pois se dá o direito e a oportunidade de requerer de Deus os auspícios de uma vida vitoriosa e de (re)conquista de tudo o que ele tinha perdido, anteriormente, no campo financeiro.

Essa atitude promove, entre outros aspectos, confiabilidade ao discurso religioso iurdiano, sob a fundamentação da TP, aprimorando o significado de

eficiência e eficácia do suposto poder de clérigos e bispos da IURD que, por intermédio da ação discursiva, se apresentam como intérpretes da voz de Deus para o cristão.

Por intermédio da ação do discurso dos profetas da religião, é possível construir a convicção de que é possível reconquistar bens que tenham sido destruídos, e ainda fazer crer, ao indivíduo, que Deus é capaz de dobrar-lhe o que antes possuía, como uma representação de uma Divindade eficaz, que os clérigos iurdianos insistem em afirmar que existe de forma especial, na Igreja Universal.

Remete-se, por intermédio do discurso dos profetas da religião e dos testemunhos de fiéis, à certeza de que a prosperidade se materializa por meio das vitórias no aspecto financeiro, embora não se restrinja ao aspecto material, pois as conquistas se dão também espiritual e fisicamente. No entanto, o que fica bastante evidenciado são as imbricações construídas através do discurso dos sacerdotes iurdianos entre religião e mercado, entre fé e obtenção de riquezas, entre sacrifício e conquista de uma vida abundante no campo econômico. Permite-se ao crente, a partir das elaborações teológicas assimiladas, visualizar, no espaço de uma sociedade perpassada pelos valores do mercado e da cultura de consumo, a certeza de que o Senhor está operando bênçãos em sua vida.

As bênçãos podem ser traduzidas pela obtenção da propriedade privada, do usufruto dos bens que circulam na sociedade capitalista e que são transformados em sinônimo de sacralidade e operosidade do poder de Deus na existência do converso pelo conduto religioso da IURD. Também podem representar a salvação e a superação dos problemas existenciais do cristão, podem refletir a cura de uma enfermidade, ou serem exemplificadas pela restauração de lares destruídos, pela superação de vícios. No entanto, a ênfase discursiva se fundamenta, de maneira especial, naquelas vitórias

que se relacionam com conquistas no campo financeiro, empreendendo uma justificação da fruição das riquezas neste mundo, ampliando a percepção da ação do indivíduo em auferir bens no escopo de uma sociedade delimitada, ideologicamente, pelos valores de mercado.

Antes de conhecermos a Igreja Universal brigávamos muito e tínhamos diversos problemas financeiros. Não tínhamos onde morar, e vivemos escondidos dentro de nossa empresa durante um ano. [...] Só comíamos sopa e pãozinho, tínhamos muitas dívidas, precisamos demitir os nossos funcionários e perdemos um apartamento e várias aplicações bancárias; ao chegarmos à Igreja Universal, a situação começou a mudar. Felizes com a resposta do Senhor Jesus, resolvemos participar do propósito da Fogueira Santa do Monte Sinai e fomos muito abençoados. No primeiro propósito, adquirimos um carro, ampliamos nossa empresa, mas as bênçãos só estavam começando. Atualmente, temos três filiais e até o primeiro semestre de 2002 abriremos mais três. Moramos em apartamento próprio e do cadastro da empresa fazem parte clientes de grande porte (Testemunho 27, Folha Universal - 01/07/2002).

No relato de fiéis iurdianos, verificamos uma acentuada percepção do conceito de prosperidade em suas vidas, através do intercâmbio com o sagrado. O converso afirma que participou do propósito da Fogueira Santa do Monte Sinai; a expressão “propósito” está diretamente relacionada com o tema do ‘perfeito sacrifício,’ embasado teologicamente pelos bispos e pastores que, de forma mimética utilizam como justificativa o evento da morte vicária de Jesus para legitimar elementos discursivos da TP.

Ocorre, nesse sentido, o estabelecimento de uma relação utilitária entre o converso e o Sagrado, sob a tutela da ação pastoral, através dos elementos discursivos que compõem o conceito de vida com abundância, passa a se justificar, pela Igreja, o apelo ao desfrute de tudo aquilo que o mercado oferece. Fica patente, portanto, a presença do “ter” como tema recorrente na discursividade dos clérigos iurdianos e que se reproduz nos relatos analisados de adeptos da Igreja Universal, que tratam de exemplificar a apropriação divinizada do ter, por meio da obtenção de diferentes bens conquistados na sociedade capitalista sob a “direção de Deus”.

A conquista de riquezas reveste-se de sacralidade mediante as enunciações religiosas proferidas pelos profetas da religião, e passa a ser assimilada como um componente indispensável e natural, porque Divino, à vida do crente. Por isso, nada mais justo e normal que os cristãos iurdianos acumulem, obtenham e desfrutem das riquezas existentes sobre a face da terra, pois “tudo pertence ao Senhor, e nós somos os seus herdeiros, pois somos os seus filhos” (Bispo Romualdo Panceiro, Folha Universal - 21/07/2001).

Somados aos exemplos de bênçãos espirituais, os exemplos de conquistas financeiras ou materiais de toda ordem multiplicam-se na IURD. E a materialidade dessas conquistas está diretamente relacionada à acumulação de riquezas, obtenção de bens e fruição de uma série de gêneros de consumo, que são possíveis de obter em uma sociedade fundada na lógica do mercado em que se estabelecem as relações econômicas capitalistas.

Estimula-se também o converso a tornar-se “dono”, “proprietário” com o discurso sacerdotal de que “você deve ser empresário e não empregado”; logo, enfatiza-se a aquisição da propriedade privada e a decorrente ascensão social verticalizada em consequência da auferição de riquezas materiais. Essa é uma proposição de caráter imperativo que se encaixa nos ditames da TP. Diante disso, recorre-se, freqüentemente, à idéia de que o cristão, na Igreja Universal, deve desfrutar, por direito divino, das primícias que há na Terra.

O discurso dos profetas da religião, somado aos relatos de adeptos da IURD, ratifica a correspondência ou dialogicidade entre a TP, o mercado e a cultura de consumo, sob a “batuta do Senhor Jesus”, em uma frontal divinização de determinados mecanismos ideológicos que justificam e dão legitimidade à ética para o consumo na sociedade capitalista. Por fim, (re)valorizam-se conceitos norteadores que,

construídos socialmente pela ação dos indivíduos, (re)configuram o ideário do mercado em uma perspectiva escatológica, sacralizando parte daquilo que se entende por meio da TP como sinônimo da ação de Deus na vida do converso, através das conquistas que o mesmo obtiver no âmbito sócio-histórico do capitalismo contemporâneo.

### **3.4 – A ASSUEC e o discurso empresarial iurdiano**

Afirmamos que a TP se propõe uma teologia de caráter multidimensional e reafirmamos isso a partir das análises que realizamos dentro do espectro do nosso estudo sobre a Igreja Universal. Entendemos que a IURD busca, de forma rápida, acompanhar as mudanças que se processam na sociedade e que se refletem, diretamente, nos diferentes setores da vida dos seus membros, ou da sua clientela.

As metamorfoses históricas que se desencadearam no mundo do trabalho e nas relações capitalistas de produção, sob a tutela da globalização, são acompanhadas de perto, e com bastante atenção, pelas lideranças religiosas da IURD. E, diante das mutações que estão ocorrendo no espaço empresarial, os clérigos iurdianos foram impelidos, em consequência da expansão da economia de mercado e das necessidades de responder a desafios postos pelo capitalismo contemporâneo ao conjunto de micros, pequenos e médios empresários que formam a IURD a criarem, em 27 de janeiro de 2000, a ASSUEC – Associação Universal dos Empresários Cristãos.

Essa instituição visa oferecer aos micros, pequenos e médios empresários e profissionais liberais existentes na IURD, possibilidades de estabelecer, por meio da Igreja, intercâmbios e parcerias, configurados na lógica de manutenção e expansão do mercado, a fim de poderem estabelecer negócios entre si.

Dessa maneira, esses empresários e profissionais liberais poderiam enfrentar melhor a concorrência e se manterem competitivos na economia de mercado, o qual vem passando, nas últimas décadas do século XX e início do XXI, por significativas transformações. Haveria, ainda, segundo a visão do Bispo Alceu Nieckarz o objetivo de “conquistar maiores possibilidades de ascensão social, aumentar os negócios entre empresários cristãos e obter mais prosperidade” (Folha Universal nº 438 - 27/08/2000).

A ASSUEC coloca-se à disposição de todos os membros e clientes da Universal que, não sendo ainda empresários, possam se tornar futuros empreendedores e participantes da seara do mercado, contando com a assessoria religiosa de bispos e pastores e acompanhamento técnico de profissionais das áreas de Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Marketing, Economia e Direito, a fim de lhes propiciar, bem como aos empresários já existentes, acompanhamento qualificado na empreitada.

A Igreja Universal procura associar o ideário da TP às condições técnicas, de forma a facilitar a realização do sonho daqueles que, motivados pelo discurso dos seus clérigos, desejarem colocar em prática um dos imperativos iurdianos: “Não seja empregado e, sim, empresário”.

Para o bispo Alceu Nieckarz, a ASSUEC “é uma associação de multiempresários e multiprofissionais” (Folha Universal nº 433 - 27/08/2000) para divulgar produtos, serviços, manter atualização técnico-administrativa, zelar pela qualidade dos produtos que estão sendo postos no mercado pelos empresários cristãos.

Através dessas prerrogativas, objetiva estabelecer possibilidades concretas de manutenção dos nichos de mercado já conquistados pelos empresários iurdianos e consolidar a capacidade dos empresários filiados a ASSUEC de concorrer no mercado, ocupando assim novos espaços de negócios.

A ASSUEC já se encontra funcionando em 11 Estados da federação, no centro-oeste, sul e sudeste, com pretensões de se expandir para todo o Brasil. Possui um guia empresarial para divulgação de produtos e serviços entre empresários e a comunidade iurdiana, a fim de estabelecer, via Igreja Universal, integração e interação entre os empresários cristãos com condições de competitividade, expansão e consolidação de mercados, dentro da perspectiva de um discurso que está colado ao discurso mercadológico predominante na sociedade capitalista na atualidade.

Dentro da concepção de conquistar mais mercados extra-igreja, os empresários iurdianos – a maioria micros, pequenos e médios empresários – assumem, por intermédio do discurso empresarial iurdiano, sob a coordenação dos bispos, a idéia de que a parceria é um grande passo para ganhar novos mercados, pois esse é o motivo da união entre empresas. Unir-se para ganhar solidez econômica, para se adaptar às mudanças provocadas pela globalização, porque

a parceria é o caminho a ser trilhado por muitos empresários, a parceria transforma inimigos mortais em empresários leais, transforma homens de negócios falidos em empresários bem sucedidos (Bispo Natal Furucho - Folha Universal nº 420 - 23/04/2000).

Embora o discurso empresarial iurdiano pareça ser um defensor da liberdade concorrencial de forma absoluta, verifica-se que essa premissa não se coloca como um elemento absoluto, mas sobretudo relativo, pois, ao se falar em parcerias, concorrência, competitividade, globalização, temas tão diletos aos defensores do mercado, como forma de acompanhar as mudanças geradas pelo processo de

mundialização ou internacionalização da economia, pensa-se, antes de tudo, em operacionalizar as parcerias, em primeiro lugar entre os empresários cristãos, a fim de que esses consigam ter poder suficiente e ‘preparação para ingressar melhor na globalização’ (Alceu Nieckarz - Folha Universal nº 418 - 09/04/2000). Somente após cumpridos os requisitos que a IURD, através da ASSUEC, ensina aos seus membros, empresários e futuros empreendedores, será possível, segundo os clérigos iurdianos que estão na liderança da ASSUEC, adentrar nos embates estabelecidos pela lei da oferta e da procura.

### **3.4.1 – ASSUEC e a Teologia da Prosperidade**

Outro aspecto fundamental analisado é a relação intrínseca entre valores da TP e os princípios defendidos pela ASSUEC. Os clérigos responsáveis pela ASSUEC condicionam a conquista de êxitos dos empresários à participação e fidelidade a Deus na corrente da prosperidade. Para isso, utilizam-se, novamente, os mecanismos religiosos que remetem ao conceito de mimetismo, na discursividade dos profetas da religião. Por exemplo, quando da definição do conceito de parceria e estímulo ao empreendedorismo no capitalismo contemporâneo, o bispo Natal Furucho procura construir a seguinte comparação:

Os reis da bíblia eram favoráveis às parcerias. A construção do palácio do Rei Salomão somente foi possível, devido à flexibilidade do Rei em estabelecer parcerias com outros reinos, e cita (2 Crônicas 1.17), ou seja, o Rei Salomão era um bom investidor e um grande empresário. [E conclui] Irmãos, a parceria entre empresas será o sistema de trabalho dos próximos anos (Folha Universal nº 420- 23/04/2000).

Quanto à finalidade da ASSUEC, é bastante significativo o que afirma o presidente do conselho executivo, bispo Alceu Nieckarz:

Através da união dos empresários, fazendo negócios entre si na aquisição de produtos e serviços, todos terão mais clientes e conseqüentemente mais prosperidade, por aí, já é um benefício. É importante ressaltar que os membros da Igreja darão apoio aos empresários, dando preferência também na compra de seus produtos, usando assim os seus serviços. Além dessa prosperidade, nós também vamos viabilizar a união das pessoas, parcerias para a formação de novas empresas ou empresas maiores. Enfim, a Associação é a união do povo de Deus para o progresso e a prosperidade (Folha Universal nº 419- 16/04/2000).

A relação dialógica entre a TP e o discurso empresarial iurdiano é direta. As aproximações entre a discursividade dos profetas da religião, em relação aos valores do Reino e com os valores do mercado na sociedade capitalista contemporânea, à luz da escatologia e teologia encampada pela IURD, bem como as comparações que são propostas pelos líderes religiosos que representam a ASSUEC, procuram construir uma simetria entre valores do mercado e valores do Reino de Deus, dentro das prerrogativas defendidas por (Novak, 1982) em que se articulam valores e concepções da economia de mercado a valores e concepções religiosas que são construídas no que Novak denomina de “sistema moral cultural”. Isso objetiva produzir, em determinados segmentos da Igreja, que venham a aderir a esse discurso, a convicção de que a conquista de vitórias, progresso e prosperidade é operacionalizada no espaço das relações de mercado, em meio a parcerias, à competição e à concorrência das lides empresariais sob as bênçãos de Deus. Mediante essas enunciações, processa-se a sacralização de determinados mecanismos de mercado, propiciando ênfase à cultura de consumo e contribuindo para a disseminação de determinadas concepções e “visões de mundo”(Eagleton,1997) que compõem o ideário da sociedade capitalista na contemporaneidade.

O empreendedorismo na IURD sofre um processo de sacralização, que se assemelha ao conceito de mimetismo religioso, o qual, em outros momentos, já foi exemplificado. No entanto, na sacralização do empreendedorismo, através do discurso dos líderes religiosos que dirigem a ASSUEC, procura-se estabelecer uma relação

comparativa entre o empreendedor e Deus, para legitimar, perante os assistentes, a sacralidade da função empresarial na Igreja e na sociedade, a fim de estimulá-los, efetivamente, a disponibilizar energias e recursos com o objetivo de obter o progresso e a prosperidade desejada. Como afirma o bispo Alceu Nieckarz:

Como vencer por seus próprios méritos? Você precisa buscar a fonte certa, o Empresário dos empresários, que lhe abre as portas, que faz de você um sucesso: Jesus Cristo é o empresário dos empresários (Folha Universal nº 418- 09/04/2002).

Há, por intermédio da ação discursiva de pastores e bispos, uma necessidade de legitimação da temática empresarial. Por isso, procura-se encontrar quaisquer elementos bíblicos que possam, via exegese iurdiana, estabelecer uma relação entre o Sagrado e o empreendedor, concedendo-lhe plena capacidade de ver, no mercado e nas suas relações, a vontade ou a imitação de Deus.

Deus tem um Espírito empreendedor e todos os Seus filhos têm que possuir o mesmo Espírito. [...] Se a sua meta é ficar rico, saiba que você está almejando muito pouco. O importante não é ser rico, mas ser o melhor do mercado (Bispo Ivo de Assis Rodrigues, Folha Universal nº 423- 14/05/2000).

Ao estabelecer uma relação comparativa entre a noção de empreendedor, que supostamente o clérigo encontra em Deus, processa-se, nesse sentido, a divinização não apenas das atividades comerciais a cargo dos empresários e virtuais empreendedores, mas diviniza-se o mercado em que essas relações se estabelecem. Dentro dessa construção teológica, observamos uma relação de “confluência ativa”, “afinidades eletivas” entre o discurso religioso assentado na TP e os valores que demarcam as relações que fortalecem o mercado, sob o conduto do Sagrado, na Igreja Universal do Reino de Deus em pleno contexto histórico e social capitalista.

### **3.5 – Entre o Púlpito, o Palanque e o Mercado: ambivalências do discurso clerical na IURD**

O discurso religioso iurdiano é versátil e abrangente, pois apresenta uma capacidade de ressignificação que impressiona. Provavelmente, poucos segmentos religiosos, através do tempo, construíram uma flexibilidade teológica e, por consequência, uma ação discursiva de seus clérigos, que pudessem interagir com tamanho poder de (re)adaptação a diferentes campos da sociedade ao mesmo tempo. Mesmo quando essa interação é capaz de gerar tensões e sentidos ambivalentes. Uma ambivalência definida como sendo expressões de sentido, que são diferentes, embora se deseje estabelecer igualdade a significados e conceitos contraditórios por intermédio da fé, provocando uma atitude oscilante entre valores diversos, mas que estão atuando ao mesmo tempo e no mesmo campo religioso.

Na IURD podemos identificar três perspectivas discursivas: a) o discurso teologizado, representado pela TP, possuidor de referenciais que se alimentam permanentemente de construções teóricas bíblicas e que respalda os demais aspectos discursivos presentes na Universal; b) o discurso social da IURD, amparado pelas iniciativas filantrópicas e político-partidárias de lideranças político-religiosas, que representam a Igreja e prenunciam, por meio do conteúdo discursivo dessas lideranças, uma perspectiva de construção de um projeto de poder no contexto político brasileiro, na perspectiva de no futuro ascender ao poder executivo em seus diferentes espaços; e c) o discurso empresarial iurdiano, sob os encaminhamentos dos que lideram a ASSUEC, fundamentado em uma logicidade estruturada dentro de determinados padrões e concepções que se aproximam de relações mercadológicas, a fim de incentivar os empresários e futuros e potenciais empreendedores que compõem o corpo

de membros da Igreja a consolidar ou conquistar, respectivamente, seu espaço na sociedade capitalista.

Os três aspectos discursivos que permeiam a Universal estão sob o signo da sacralidade e divinização. Diante disso, as ambivalências e tensões que a circulação desses discursos possam produzir no seio da Igreja são atenuadas porque todos os discursos se revestem e são construídos sob o escudo, simbolicamente poderoso, da cruz de Cristo.

Essa configuração não impede que, em determinados momentos, se processem dicotomias ou tensões entre esses discursos, impelindo as lideranças a reformá-los e reconstruí-los em parte, ou romper com determinadas concepções formuladas, a fim de conservar, reformar ou (re)adaptar o cenário religioso iurdiano às novas demandas que o competitivo campo religioso, político-social e mercadológico exigirem. Contudo, sem abrir mão de que as possíveis (re)adaptações sejam operacionalizadas sob a legitimidade e justificação do Sagrado, por intermédio da ação discursiva dos bispos e pastores da Universal.

Há uma fecundidade substancial na análise de conteúdo do discurso da IURD, tendo em vista que a produção de sentidos no espaço religioso está intrinsecamente conectada à realidade posta, seja ela motivada por novas construções teológicas, que entram em circulação no concorrido mercado religioso; ou por necessidade de construir um discurso social, que estabeleça conexão com motivações políticas. Porém, tem-se o cuidado de não se perder de vista a fundamentação bíblica e a justificação Divina que sedimenta o discurso empresarial dessa denominação religiosa, posto que as mutações econômicas provocadas pelo fenômeno da mundialização provocam a necessidade de a sua liderança elaborar respostas aos segmentos empresariais que compõem a Igreja.

A formulação de respostas dos sacerdotes tem como finalidade de “à luz da bíblia” e baseada na TP, preparar espiritual e profissionalmente o converso empreendedor, de forma minimamente competente, para poder interagir na economia de mercado e fazer parte da sociedade de consumo de modo eficiente. Dessa forma, o empreendedor iurdiano auferirá lucratividade e promoverá a expansão das suas atividades econômicas e profissionais sob a tutela da “fé inteligente” e do “perfeito sacrifício” a Deus, objetivando tomar posse de todas as riquezas dispostas pelo Criador.

A Igreja Universal se apresenta, de forma perene, construindo, desconstruindo e reconstruindo seu discurso, sem, contudo, se apartar das vicissitudes teológicas que lhe conferem legitimidade. Busca, assim, diminuir as tensões, entre as três variáveis que o conteúdo do discurso iurdiano apresenta, sob a tutela dos produtores desses discursos – bispos e pastores – que, utilizando-se da autoridade sacerdotal revestida do poderoso nome de Deus, procuram minimizar as dicotomias discursivas e conciliar, no mesmo espaço sacral, as diferentes facetas de um interdiscurso, que forma uma trilogia, constituída de ambivalências entre si.

### **3.5.1 – O Discurso Social Iurdiano**

Uma das características que tem se aprimorado na IURD é a análise da realidade sócio-histórica brasileira, por parte de suas lideranças eclesíásticas, em uma demonstração, cada vez mais intensa, de preocupação social e política com setores da sociedade marginalizados, pauperizados e excluídos socialmente.

Exemplo visível dessa preocupação tem sido a defesa da superação dos problemas provocados pelo “flagelo da seca que atinge o sertão nordestino” (Bispo Marcelo Crivella, Folha Universal - 11/08/2001), o qual alimenta a ‘indústria’ da seca e mantém um estado de desigualdade brutal que marca de forma abjeta a sociedade brasileira.

Por intermédio do Projeto Nordeste, com a implantação da Fazenda Nova Canaã, a Igreja Universal tenta imprimir um protagonismo sócio-político que contribui para aumentar sua visibilidade religiosa, posicionando-se por meio das lideranças político-pastorais em defesa da possibilidade de “equidade social no Brasil” (Bispo Rodrigues, Folha Universal nº 458 - 14/01/2001).

Esse protagonismo sócio-político, presente na ação discursiva de seus clérigos com assento no Congresso Nacional, ou que almejam conquistar mais espaços na cena política brasileira, transcende as fronteiras dos problemas sociais vivenciados no sertão e semi-árido nordestino. Propõe-se, ainda, mais abrangente na crítica e propositura para a superação de problemas conjunturais do país.

Dessa forma, eles procuram se posicionar politicamente, em específicos momentos, contrários a determinadas políticas públicas implementadas pelo governo federal que, no entender das suas lideranças, apresentassem um forte impacto na “diminuição da aposentadoria” (Bispo Rodrigues, Folha Universal nº 465 - 04/03/2001), na manutenção de “um salário mínimo baixo para os trabalhadores brasileiros” (Bispo Rodrigues, Folha Universal - 31/12/2000), ou ficando, de forma crítica e contrária a atitudes governamentais que mantivessem forte influência com programas de “ajustes econômicos, ditados pelos organismos financeiros internacionais, entre estes, destaca-se o FMI – Fundo Monetário Internacional e o Bird – Banco Mundial” (Bispo Rodrigues, Folha Universal nº 430 - 08/07/2000),

chegando a defender a necessidade de “reverter o atual modelo econômico brasileiro” (Bispo Rodrigues, Folha Universal nº 503 - 25/11/2001).

Todavia, essa postura político-clerical iurdiana, em defesa da justiça social, antes de ser uma ruptura com elementos que nutrem o ideário do mercado e da ética de consumo como está configurado por intermédio da TP, é uma readaptação aos novos horizontes políticos. Não obstante, esse discurso social iurdiano se torna mais consistente, em razão da ascensão política da centro-esquerda ao poder através da eleição de Luis Inácio Lula da Silva (TSE, 28/10/2002), pois, em parte, o discurso da responsabilidade e justiça social, além de ser politicamente correto, está antenado com idéias que remetem ao discurso social do principal partido político, o PT (Partido dos Trabalhadores), que ascende e ocupa o cenário político nacional conquistando a presidência da República.

Diante disso, a IURD reconfigura seu discurso político-religioso possibilitando desenhar uma propositura política de governo e anunciar, para o futuro, suas pretensões, como uma instituição religiosa que busca conquistar de maneira efetiva, por meio da sua liderança político-eclesiástica, ascender ao poder executivo central ocupando diferentes cargos e espaços na cena política nacional, como se evidencia na fala do Bispo Rodrigues, coordenador político da Igreja Universal.

Entendo que a preocupação das pessoas é que a gente vá fazer um Estado confessional, mas eu acho que há uma maturidade muito grande entre nós já que não é possível fazer. Nós vamos fazer que nem os padres, que vão para lá e viram ministros, viram governadores, vice-presidente. O Marco Maciel (Vice- Presidente) é um padre. O Paulo Renato (Ministro da Educação) foi um homem que foi formado na Ação Católica. O Zé Serra (Ministro da saúde) formado na Ação Católica. Temos vários ministros do supremo que foram seminaristas, são padres, na verdade são mais padres do que os padres (Bispo Carlos Rodrigues, apud Fonseca, 2001:10).

De forma paradoxal, a Universal, há 13 anos, se posicionou favorável ao projeto neoliberal do governo do Fernando Collor de Melo, na eleição presidencial de

1989, o que possibilitou, segundo Paul Freston (1993), a ascensão desse candidato ao poder, com grande parte de votos provenientes dos evangélicos, muitos dos quais advindos do apoio da Igreja Universal.

Além disso, a IURD, nos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, defensor de uma plataforma político-ideológica com fortes características neoliberais, apoiou o então candidato nas suas duas eleições. Porém, de forma aparentemente contraditória, durante a campanha presidencial de 2002, as lideranças dessa Igreja vinculadas em sua maioria ao Partido Liberal – PL, em sintonia com a intensificação do discurso social iurdiano, declararam, no segundo turno apoio ao candidato Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores – PT (Folha de São Paulo, 12/10/2002), líder da coalizão de centro-esquerda. No primeiro turno da eleição presidencial, Edir Macedo declara voto a Anthony Garotinho; porém, no segundo turno, a IURD fechou apoio a Lula.

Em eleições presidenciais anteriores, as lideranças da IURD chegaram a demonizar o PT e o candidato Lula. No entanto, em virtude da coligação entre o PT e o PL nas eleições de 2002 (parte da bancada iurdiana está vinculada ao PL; por exemplo, o bispo Rodrigues é líder do PL na Câmara Federal) e diante das reconfigurações do discurso iurdiano e das mutações do discurso do PT encampando um programa de governo moderado e que se aproxima do centro, tendo em vista o abandono de teses socialistas e se redefinindo com posições ideológicas predominantemente inspiradas na social-democracia, e da versatilidade com que essa Igreja faz política em defesa dos seus interesses, possibilitou o estabelecimento de apoio dessa denominação religiosa ao seu antigo arqui-rival, principalmente durante o segundo turno da eleição presidencial.

Atualmente, diante do contexto descrito, o discurso político de representantes da IURD chega, em determinados momentos, a questionar o modelo econômico em vigor, fundado no mercado, e sob influência de idéias neoliberais e diretamente relacionado com a cultura de consumo na sociedade capitalista. Dessa forma, se estabelecem, nesse aspecto específico, ambivalências entre o discurso proferido no púlpito, que enfatiza a acumulação, fruição e desfrute das riquezas postas na sociedade de consumo, com o proferido no palanque, sob a coordenação de líderes políticos e religiosos da Universal.

Essa ambivalência se expressa, tendo em vista que não se procura desconstruir via púlpito o modelo econômico vigente, centrado no mercado. Pelo contrário, enfatiza-se a busca incessante de auferição das bênçãos de Deus por intermédio da TP e do seu discurso empresarial encampado pela ASSUEC, de forma imediata e hedonista no contexto da sociedade capitalista, marcada, entre outros aspectos, pela aproximação com os ditames da cultura de consumo e da lógica que perpassa o mercado.

Na atualidade e paradoxalmente, tem predominado um discurso político-religioso defendido no palanque, por determinados líderes políticos que são pastores e bispos da Universal, repleto de críticas ao modelo econômico centrado no mercado. Esse discurso apresenta uma aparente preocupação social, em que os segmentos políticos evangélicos e, especialmente, aqueles que estão sob a batuta da IURD possam contribuir para a flexibilização e reforma desse sistema, a fim de que seja possível implementar uma política pública assentada em interesses mais próximos do social.

Quando o presidente Fernando Henrique Cardoso aumentou o salário mínimo para R\$ 100,00, sua atitude foi saudada com profundo entusiasmo, visto como algo extraordinário e digno de comemorações. [...] O tão badalado discurso de um salário digno não passou de

uma ilusão. Quem, em perfeito juízo, é capaz de afirmar ser possível uma família viver com esse valor? [...] o trabalhador que recebe o salário mínimo precisa ser respeitado e, por isso, tratado com mais atenção; o governo deve assumir uma postura mais agressiva no combate aos problemas que afligem a nação, tais como: fome, pobreza, educação, moradia, saúde, e tantos outros (Bispo Carlos Rodrigues, 1998:25-26).

Enquanto no púlpito se estimula a fruição de bens de toda ordem por intermédio da TP, dentro do contexto de uma sociedade de consumo, de forma paradoxal, processa-se no âmbito do palanque iurdiano a desconstrução em parte desse discurso a partir da representação político-religiosa da Universal. Pois, suas lideranças políticas têm se colocado, em determinados momentos, contrária a características do modelo econômico em vigor no Brasil.

Nesse aspecto, podemos verificar em determinadas construções discursivas de lideranças políticas iurdianas que há uma preocupação com o social e uma crítica veemente a determinadas políticas públicas inspiradas pelo ideário neoliberal. Assim, ao analisarem a realidade social e econômica brasileira, políticos representantes da IURD têm produzido um discurso que se assemelha a elementos que remetem a alguns tópicos do ideário do “Welfare State” ou Estado de Bem -Estar, em que os poderes do mercado são, de forma relativa, podados pela intervenção meticulosa do Estado na economia, a fim de prover maior equidade na distribuição dos recursos econômicos que circulam na sociedade.

Lembramos, contudo, que a proposta do “Welfare State” ou Estado de Bem-Estar não é, em nenhum momento, romper e destruir o capitalismo, mas sim, “aperfeiçoá-lo”, como forma de mantê-lo e consolidá-lo, desfrutando de suas riquezas e das suas benesses em um espectro social mais amplo, mas observando e fortalecendo os alicerces do edifício capitalista com seus avanços e recuos.

Ocorre, nesse sentido, uma aparente bifurcação entre o conteúdo proferido pelos profetas da religião no espaço do púlpito, e o discurso proferido no

palanque, pois, quando operacionalizam a TP no espaço clerical, estabelecem, de forma relativa, confluência ativa com o mercado e afinidades fortes com a cultura de consumo. No entanto, esse discurso sofre reconfigurações, diante da dinâmica que se interpõe na cena política nacional e, quando ele é transportado para a arena político-partidária, sofre um aparente esvaziamento, porque o discurso da fruição de bens disponíveis na sociedade de consumo é (re)visitado com o ingrediente da ‘justiça social’, e da prosperidade para todos, e, principalmente, para aqueles que se sacrificam trabalhando, pagando impostos, produzindo riquezas, na perspectiva de fazer justiça aos ‘53 milhões de pessoas que estão na linha da pobreza [absoluta] no Brasil’ (Bispo Carlos Rodrigues, Folha Universal nº 483 - 08/07/2001). Logo, faz-se necessária uma defesa da justiça social como reconfiguração da TP adaptada ao palanque.

De forma circunstancial e dentro de um cenário socialmente caótico e nebuloso, a Universal se propõe também politicamente eficaz. Sem abrir mão dos auspícios da sociedade pós-industrial, de valores que consubstanciam o mercado e a cultura de consumo, levanta a bandeira politicamente correta da responsabilidade social em que a prosperidade se torna sinônimo de superação das injustiças sociais, imprimindo na análise discursiva uma postura de preocupação social coletiva, não socializada, mas reconfigurada pelo discurso social e político iurdiano.

Entendemos que, por convicção teológica e escatológica, a IURD continuará a defender em seu púlpito uma afinidade discursiva com a sociedade de consumo. No entanto, diante de sazonalidades históricas, institucionais e políticas, o discurso proferido no palanque, pelos líderes políticos dessa Igreja, poderá sofrer, sempre que necessário, reconfigurações que enfatizem e defendam a justiça social, dentro das necessidades e demandas sócio-políticas que forem sendo construídas através do tempo, tendo em vista que:

A Igreja Universal, ela certamente não valoriza a participação democrática dos seus membros no estabelecimento da sua linha política. A linha já vem traçada de cima e os membros são convocados a se comportarem de acordo. A preocupação política principal da IURD continua sendo os seus enormes interesses institucionais; mas, quando estes não estão em jogo, ela tem desenvolvido um tipo de populismo de centro-esquerda que critica a globalização e o neoliberalismo e valoriza a justiça social (Paul Freston, Revista Ultimato nº 278 - Set/Out - 2002 p.64)

A temática da prosperidade sofre uma resignificação para poder se adaptar ao palanque, tendo em vista que há uma continuidade e defesa da TP, porém, em termos políticos, dentro de uma perspectiva mais produtiva, ou que a grosso modo se assemelha a um “keynesianismo” político iurdiano, sob a tutela da fé em Cristo Jesus.

A prosperidade continua presente também na ação discursiva daqueles que formam o palanque iurdiano dentro de uma outra concepção, redirecionada em defesa de uma relação social e econômica extra-igreja, voltada para a superação dos graves problemas sociais que assolam o país.

A TP no espaço religioso se propõe resolutiva de problemas individuais. Porém, no espaço político institucional, sob a propositura dos políticos iurdianos, ela se reconfigura de forma coletiva, em dimensões que envolvem o controle de políticas públicas ou atitudes governamentais que tornem prósperos não os indivíduos, mas os indivíduos representados em sentido coletivo.

Entretanto não abre mão dos conceitos que dão consistência à TP, mas reconfigura-a, em um contexto político que, sobretudo, exige respostas de cunho social, em uma clara demonstração de que o redimensionamento dessa teologia na tribuna política é operacionalizado de maneira versátil no contexto político nacional com vistas a atender necessidades e interesses da Igreja Universal nos diferentes campos em que essa denominação religiosa atua no Brasil.

Conclama-se a superação da pobreza, como sinônimo de prosperidade, sem romper de forma absoluta com a cultura de consumo, mas sugerindo, através da ação político-pastoral, uma reforma de caráter social, estabelecendo uma crítica sazonal ao mercado e, em parte, à sociedade de consumo, sem contudo, demonizá-la. Isso propicia construir a perspectiva de um chamamento à responsabilidade social entre os iurdianos, que marca a ação discursiva de lideranças políticas da IURD.

Tomando como princípio as esferas religiosa, política e social, em que a Igreja Universal atua por meio da sua discursividade, verificamos ambivalências, que podem causar tensões intra-Igreja, porém, ainda não conflituosas a ponto de colocar em xeque a hegemonia discursiva da TP, a sua opção teológica e a sua escatologia pós-milenarista. No entanto, o que se constata é uma contradição discursiva atenuada pelo invólucro da fé e dissipada por valores religiosos que enunciam o Sagrado como fonte de arrefecimento dos conflitos discursivos que porventura possam se intensificar no espaço do púlpito, do palanque e do mercado, ataviado pela Igreja Universal do Reino de Deus.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do trabalho, sem pretender esgotar a discussão sobre a temática estudada, analisamos a aplicação da Teologia da Prosperidade dentro do cenário religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, com o objetivo de encontrarmos interconexões possíveis entre os aspectos teológico, escatológico e discursivo, encampados por essa denominação religiosa, com os referenciais que interagem com o ethos de uma sociedade perpassada pelo ideário que enfatiza o mercado e a cultura de consumo.

Nomeamos a TP como o nosso principal aspecto de análise em seu conteúdo discursivo, a fim de estabelecermos os pontos de encontro e desencontro entre essa teologia e idéias que circulam, ancoradas no âmbito do mercado e contextualizada pela ética de consumo, na IURD.

A partir das nossas análises, identificamos afinidades eletivas entre elementos constitutivos do discurso da TP, por intermédio da ação discursiva de bispos e pastores, com o ideário do mercado e da ética para o consumo no contexto da sociedade capitalista contemporânea. Constatamos que essa dialogicidade se dá, especificamente, por intermédio do conduto da sacralidade, evidenciado na análise de conteúdo dos testemunhos estudados e que estabelece correspondência com o discurso

de pastores e bispos em relação à interação com o discurso do mercado e da ética de consumo.

Assim, as formas de conseguir essa interação são possíveis dentro dos vasos comunicantes construídos no ambiente religioso, pois entendemos que, em outro espaço que não religioso, a dialogicidade entre a TP, o sagrado e o mercado por meio do discurso, embora possível, não teria a mesma aceitação, reprodução, legitimação e possibilidades concretas de manter substancial longevidade.

Isso porque o espaço religioso compreende parte do “sistema moral cultural” em que “as Escrituras têm palavras de poder universal” (Michael Novak, 1982:391), palavras que se universalizam de maneira individual e que têm o poder, através da ação discursiva do profeta da religião, de adaptar-se ou se readaptar a diferentes demandas individuais ou de abrangência coletiva, em diferentes contextos sócio-históricos, possibilitando, sob o signo do Sagrado, engendrar o elo de ligação entre a teologia, o mercado, o consumo, o social e o político configurado no espaço sacral estudado.

Diante disso, constatamos que a relação dialogal entre TP, mercado e ética para o consumo, na Igreja Universal, não se estabelece de forma absoluta, mas relativa. Tendo em vista que a versatilidade com que o discurso da TP é proferido pelos clérigos iurdianos projeta uma capacidade substancial de adaptações e readaptações às novas concepções e contextos sócio-históricos que se desenharem na sociedade, já que o elemento nuclear da TP está associado a fundamentação bíblica, baseada na exegese iurdiana; logo, “é um erro, [...] inclinar a força lógica das Escrituras apenas para um sistema. A Palavra de Deus é transcendente. Ela julga cada sistema, e verifica que todos eles reivindicam” (Idem, 1982:391).

Portanto, a TP, em toda a sua polissemia, pode se adaptar a diferentes demandas, realidades e concepções individuais e sociais ao longo do tempo. Pois os significantes trabalhados por ela possibilitam a sua transposição para diferentes contextos que, aparentemente dicotômicos, desde que estejam ancorados sob a insuspeitável tutela da fé em nome de Deus, levarão a cabo sua dialogicidade para caminhos diversificados, contanto que possibilite manter a logicidade da fruição das riquezas, da sua acumulação e do desfrute de tudo o que pode ser visto como sinônimo de bênçãos materiais, justificadas pela operação do Sagrado na existência do indivíduo.

Nesse aspecto, a TP, por intermédio da IURD, estabelece, de forma potencial, afinidades eletivas e se compatibiliza, modelando-se a uma sociedade fundada nos princípios do mercado e da cultura para o consumo. Porém isso não permite estabelecer um determinismo acerca dessa confluência ativa entre o discurso da TP e o ideário da sociedade de consumo, mas concluímos que isso é possível dentro de uma relação sócio-histórica, que constrói possibilidades de engendramento e imbricações entre o mundo do sagrado e o mundo real, aproximando, mediante essa relação dialógica, determinados aspectos religiosos ao cenário das idéias sociais, políticas e econômicas.

Longe de ser um messianismo de pobres, a Teologia da Prosperidade, no seio da IURD, é um messianismo polissêmico, rico de significantes e que pode produzir indizíveis significados socialmente construídos, ainda não totalmente desvelados, mas promotor de uma sedução e encantamento que aglutina milhões de pessoas que se autodenominam iurdianos.

A IURD possui, nitidamente, um projeto de efetiva conquista de poder no âmbito do executivo no Brasil, embora na atualidade essa denominação religiosa esteja centrando suas apostas no legislativo. Essa idéia se robustece e toma corpo a

cada dia, haja vista as conquistas políticas recentes com a vitória do Bispo Marcelo Crivella para senador do Estado do Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, 12/10/2002), o qual assume seu protagonismo político e ascende politicamente com um discurso pontuado dentro de uma perspectiva de responsabilidade social e crítica ao modelo ou teoria econômica neoliberal.

Dessa forma, abre-se a possibilidade concreta de que em eleições ao executivo estadual e federal na condição majoritária tenhamos, no futuro, candidato(s) representante(s) da Universal, que tendem a colocar em prática um projeto de poder político dessa Igreja, prenunciado anteriormente pelo Bispo Edir Macedo, em 1982, em reunião com seus pastores e bispos mais próximos, em que afirmava que, “após a Igreja Universal chegar a todos os países do mundo, iria ser presidente do Brasil” (Pastor 5, Anexo - Questão 15).

O desejo e efetivação de conquista de poder mencionado pelo bispo Edir Macedo pode vir a ser transferido para o bispo Marcelo Crivella, provável sucessor do bispo Edir Macedo na liderança da IURD. O bispo Crivella, agora senador da República, é sobrinho de Edir Macedo, além de ser um dos mais importantes componentes da cúpula da Igreja no Conselho de Bispos, um dos maiores cantores sacros da Universal, senador da República pelo Estado do Rio de Janeiro (TSE, 07/10/2002). Possui, também, carisma religioso e ensaia um efetivo protagonismo político que poderá habilitá-lo, no futuro, não somente ser o líder máximo dessa denominação religiosa bem como ter a possibilidade de colocar em prática planos de conquista de poder em âmbito nacional.

Entendemos que a visibilidade com que a Igreja Universal é encarada no cenário religioso e social brasileiro, sem admitir reducionismos e respeitando outras

variáveis já analisadas cientificamente, explica-se, prioritariamente, com a opção teológica baseada na TP e na sua escolha escatológica pós-milenarista.

Essa postura permite a construção de um ideário e uma prática de vida do converso, configurados no que entendemos como sendo uma ascese intramundana iurdiana, sob o slogan da externalização dos sinais de prosperidade, pressuposto que se amalgama e se galvaniza ao ethos da sociedade de consumo, e a valores que circulam na sociedade capitalista, exemplificados pelas conquistas individuais, pela projeção e efetivação de “status”, pelo estímulo à ascensão social, à acumulação de riquezas, à apropriação da propriedade privada e, fundamentalmente, pelo usufruto de todo o conjunto de bens produzidos e dispostos através do mercado, no entanto, acautelando-se de não usufruir aquilo que é sinônimo de vícios mundanos, a fim de manter uma postura saudável espiritualmente. Em suma, mediante o escopo da nossa pesquisa chegamos as seguintes conclusões:

1 - Identificamos “afinidades eletivas” (Weber, 1999), “confluência ativa”, “atração recíproca” (Löwy, 1989) entre elementos constitutivos do discurso da TP com o ideário do mercado e da ética para o consumo no contexto da sociedade capitalista, estabelecendo uma relação dialogal entre idéias religiosas e econômicas.

2 - A afinidade eletiva possível entre TP, mercado e ética de consumo se estabelece, especificamente, por intermédio do conduto da sacralização destas categorias de análise. Tendo em vista que, por intermédio da ação discursiva sacerdotal na Igreja Universal diviniza-se o mercado e elementos que compõem a sociedade capitalista, como por exemplo a ética de consumo, porque o espaço religioso compreende parte do “sistema moral-cultural” (Michael Novak, 1982), produtor de sentidos e significados socialmente construídos pela ação dos indivíduos.

3 - A TP entre os pós-pentecostais iurdianos é um messianismo polissêmico, capaz de sofrer infindáveis (re)adaptações a realidades e contextos sócio-históricos em processo, com a finalidade de atender demandas sócio-religiosas de diferentes segmentos e estratos da sociedade brasileira, tamanha sua capacidade de construção, reconstrução em relação às mudanças sociais em curso.

4 - A afinidade eletiva entre TP, o mercado e a ética de consumo na Igreja Universal do Reino de Deus, operacionalizada por intermédio da ação discursiva clerical (bispos e pastores), se estabelece de forma direta e forte, porém não determinista, mas dialógica e contribuinte entre as idéias religiosas encampadas pela Igreja Universal, mediante a TP e determinadas idéias econômicas que constroem o ethos da sociedade capitalista.

5 - A IURD, politicamente, possui nítido projeto de conquista de poder, no âmbito do executivo, em diferentes níveis. Tendo em vista, as conquistas políticas verificadas no pleito de 2002 e o crescimento eleitoral dessa denominação religiosa, observado nos últimos anos na política nacional, além do protagonismo e celeridade com que cresce e a sua inserção no cenário social brasileiro.

6 - A Igreja Universal cresce de forma célere, prioritariamente pela sua construção escatológica pós-milenarista e pela sua opção teológica fundamentada na Teologia da Prosperidade que insere de forma (re)configurada uma ascese intramundana iurdiana em sintonia e adaptada às metamorfoses sociais, econômicas e políticas ocorridas no último quartel do século XX e início do século XXI, no espaço das construções religiosas no Brasil e no contexto da sociedade capitalista contemporânea. Tudo, porém, sob a perfeita e sagrada vontade de Deus, por direito inalienável do converso a tudo que Ele criou, como certeza de que o Senhor cumpre em sua existência a promessa de “Vida e vida com abundância”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. (1998), “A Empresa da Cura Divina: Um Fenômeno Religioso?”, *in* Edênio Valle et all (Org.), *A Cultura do Povo*, São Paulo, Cortez, Instituto de Estudos Especiais.
- ANDERSON, P. (1995), “Balanço do Neoliberalismo”, *in* Emir Sader e Pablo Gentili (Orgs.), *Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ANTONIAZZI, Alberto. (1999), “O Sagrado e as Religiões no Limiar do Terceiro Milênio”, *in* Cleto Caliman (Org.), *A Sedução do Sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*, Petrópolis, Vozes.
- ARON, Raymond. (1997), *As Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo, Martins Fontes.
- BERGER, Peter. (1985), *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião* – Tradução: José Carlos Baruello. São Paulo, Paulus.
- BINGEMER, Maria Clara. (1999), “A Sedução do Sagrado”, *in* Cleto Caliman (Org.), *A Sedução do Sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*, Petrópolis, Vozes.

- BOURDIEU, Pierre. (1998), *Economia das Trocas Simbólicas*. (Org.) Sérgio Miceli. São Paulo, Perspectiva.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. (1997), *Teatro, Templo e Mercado, Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis, Vozes.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (1995), *Emoção, Magia, Ética e Racionalização: As Múltiplas Faces da Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado – UFPE, Recife, mimeo.
- CAMPOS, Roberto. (1994), *A Lanterna na Popa: Memórias*. 2 vols. Rio de Janeiro, Topbooks.
- \_\_\_\_\_. (1997), “Prefácio à Edição Brasileira”, in Plínio Apuleyo Mendoza e Mario Varga Llosa (Orgs.), *Manual do Perfeito Idiota Latino-americano*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: Instituto Liberal.
- COMBLIN, José. (1999), *O Neoliberalismo: Ideologia dominante na virada do século*. Petrópolis, Vozes.
- CORTEN, André. (1996), *Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Tradução de Mariana Nunel Ribeiro Echalar. Petrópolis, Vozes.
- DEMO, Pedro. (1997), *Conhecimento Moderno*. Rio de Janeiro, Vozes.
- EAGLETON, Terry. (1997), *Ideologia Uma Introdução*. Tradução: Silvano Vieira e Luiz Carlos Borges. São Paulo, UNESP – Boitempo.
- ELWELL, Walter A. (Org.). (1988), *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. 1 vol. Tradução Gordon Chown, Vida Nova.
- FERNANDES, Rubem César. (1992), *Censo Institucional Evangélico – CIN. Primeiros Comentários*. Rio de Janeiro, ISER, mimeo.

FONSECA, Alexandre Brasil. (2001), *Secularização do Brasil: Acontecimento e Possibilidades na Relação Igreja – Estado no Brasil do Final do Século XIX e Início do Século XXI* – Comunicação Apresentada no III Simpósio Nacional da ABHR, Recife.

FRESTON, Paul. (1993), *Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Tese de Doutorado, IFCH – UNICAMP, Campinas, mimeo.

\_\_\_\_\_. (1994), ‘Breve História do Pentecostalismo Brasileiro’, in Antoniazzi et all (Orgs.), *Nem Anjos nem Demônios: Interpretação Sociológica do Pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. (2002), *Tendências da Política Evangélica às Vésperas das Eleições*. in Revista Ultimato nº 278, pp. 62, Set/Out. Viçosa, Ultimato.

FRIEDMAN, Milton. (1977), *Capitalismo e Liberdade*. São Paulo, Nova Cultural.

FROMM, Erich. (1982), *Ter ou Ser?*. Rio de Janeiro, Zahar.

GEERTZ, Clifford. (1989), *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara.

GOMES, Wilson. (1994), ‘Nem Anjos nem Demônios’, in Antoniazzi et all (Orgs.), *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes.

GRIER, W. J. (1987), *O Maior de Todos os Acontecimentos*. Campinas, Luz para o Caminho.

HAYEK, Friedrich . (1946), *O Caminho da Servidão*. Rio de Janeiro, Globo.

HOBSBAWN, Eric. (1995), *A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras.

- IANNI, Otávio. (1998), *Sociedade Global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LÖWY, Michael. (1989), *Redenção e Utopia – O Judaísmo Libertário na Europa Central: Um Estudo de Afinidade Eletiva*. Tradução Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras.
- MACEDO, Edir Bezerra. (2000), *Vida com Abundância*. Rio de Janeiro, Universal.
- \_\_\_\_\_. (1997), *A Libertação da Teologia*. Rio de Janeiro, Universal.
- \_\_\_\_\_. (2001), *O Perfeito Sacrifício: O significado espiritual dos dízimos e ofertas*. Rio de Janeiro, Universal.
- MARIANO, Ricardo. (1995), *Os Neopentecostais Estão Mudando*. Dissertação de Mestrado. FFLCH – USP, São Paulo, mimeo.
- \_\_\_\_\_. (1996), *Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade*. Novos Estudos CEBRAP, nº 44 pp.24-44. São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1999), *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola.
- MARIZ, Cecília Loreto. (1994), ‘Libertação e Ética – Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo’, in Antoniazzi et all (Orgs.), *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1999), *A Teologia da Batalha Espiritual: Uma Revisão da Bibliografia*. ANPOCS – BIB. nº 47 pp. 33-48, Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- MINAIO, Maria Cecília de Souza. (1999), *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo, Hucitec.

- MOTT, Luiz. (1997), “Cotidiano e Vivência Religiosa: Entre a Capela e o Calundu”,  
*in* Laura de Mello e Souza (Org.), *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*, 1 vol. São Paulo, Companhia das Letras.
- NOVA, Sebastião Vila (1999), *Introdução à Sociologia*. São Paulo, Atlas.
- NOVAK, Michael. (1982), *O Espírito do Capitalismo Democrático*. Rio de Janeiro, Nórdica.
- ORO, Ari Pedro. (1996), *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Petrópolis, Vozes.
- PIERATT, Alan B. (1995), *O Evangelho da Prosperidade: análise e resposta*. Tradução: Robinson Malkomes. São Paulo, Vida Nova.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. (1987), *O Que é Pentecostalismo?*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1996), *Dicotomias Religiosas: ensaio de sociologia da religião*. Petrópolis, Vozes.
- RICHARDSON, Roberto Jarry (Org.). (1999), *Pesquisa Social – Métodos e Técnicas*. São Paulo, Atlas.
- RODRIGUES, Carlos. (1998), *A Igreja e o Social*. Rio de Janeiro, Universal.
- ROUANET, Sérgio Paulo. (1987), *As Razões do Iluminismo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SADER, Emir e GENTILLI, Pablo (Org.). (1995), *Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- SANTOS, Jair Ferreira dos Santos. (1996), *O que é Pós-Moderno*. São Paulo, Brasiliense.
- SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. (2001), *De Bem com a Vida: O Sagrado num Mundo em Transformação – Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea*. Tese de Doutorado. FFLCH – USP, São Paulo, mimeo.
- SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. (1997), *Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil*. Estudos Teológicos, v. 37, nº 1, pp.47-61, Recife.
- \_\_\_\_\_. (1999), *A Emergência da Pluralidade Religiosa*. Revista Teológica Reflexão e Fé – Ed. STBNB, v.1, ano I, pp.59-75, Recife.
- \_\_\_\_\_. (s/d), *Contribuições para uma Tipologia do Pentecostalismo*. Recife, mimeo.
- \_\_\_\_\_. (2002), “A Inserção e Expansão do Pentecostalismo no Brasil”, in Silvana Brandão (Org.), *História das Religiões no Brasil*, 2 vols. Prefácio de Roberto Motta. Recife, Ed. Universitária da UFPE.
- SILVA, Drance Elias. (2000), *A Representação Social do Dinheiro Entre Os Neopentecostais*. Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, mimeo.
- SILVA, Marlúcia Valéria. (1999), *A Política de Saúde em Tempos de Reforma: A Operacionalização do SUS no Governo Fernando Henrique Cardoso – 1995/1996*. UFPE, Dissertação de Mestrado. Recife, mimeo.
- SILVA, Elizete. (2001), *O Protestantismo em Feira de Santana: Algumas Considerações*. Comunicação Apresentada no III Simpósio Nacional da ABHR, Recife, mimeo.

SUNG, Jung Mo. (1992), *Deus Numa Economia Sem Coração – Pobreza e Neoliberalismo: Um Desafio à Evangelização*. São Paulo, Paulus.

\_\_\_\_\_. (1997), *Desejo, Mercado e Religião*. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. (1998), *Neoliberalismo como Religião Econômica – Reflexões sobre o Conceito de Idolatria na Análise Social*. VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, mimeo.

THERBORN, Göran. (1995), “A Crise e o Futuro do Capitalismo”, in Emir Sader e Pablo Gentili (Orgs.), *Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

WEBER, Max. (1999), *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora.

\_\_\_\_\_. (1974), *Economia y Sociedad – Esbozo de Sociologia Compreensiva*. 1 vol. México, Fondo de Cultura.

\_\_\_\_\_. (1999), *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. 2 vols. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão Técnica de Gabriel Cohn, Brasília, UNB.

**ANEXO**



9- Por favor, no seu entender o que significa ser próspero nesta vida, aqui neste mundo?

10- Na sua opinião, quais os sinais de uma pessoa próspera, bem-aventurada nesta vida?

11- O sr. pode dar exemplos de pessoas que prosperaram depois de terem se convertido aqui na IURD?

12- Como prosperaram?

13- O que é necessário fazer para ser próspero, ter uma vida abundante?

14- A IURD, com o passar dos anos, se tornou uma das mais importantes igrejas do nosso país, possui programas assistenciais, milhões de fiéis no Brasil e no exterior, a Tv Record, o jornal Folha Universal, programas de rádio, sites na internet, cantores sacros, representantes políticos no congresso nacional, assembleias legislativas e câmaras de vereadores de diversas cidades do país. Como o sr. se sente fazendo parte de uma igreja que cresce, se expande? Por quê?

15- No seu entender, é possível a IURD, através da sua mensagem religiosa contribuir para mudar o nosso país?

16- De que forma? Por quê?